



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Greyce Dal Picol

**A MORFOSSINTAXE NA ORALIDADE DO VÊNETO SUL-RIO-GRANDENSE:
PERFIL DIALETAL DE COMUNIDADES RURAIS DA REGIÃO DA 4ª LÉGUA,
CAXIAS DO SUL/RS**

Caxias do Sul

2013

GREYCE DAL PICOL

**A MORFOSSINTAXE NA ORALIDADE DO VÊNETO SUL-RIO-GRANDENSE:
PERFIL DIALETAL DE COMUNIDADES RURAIS DA REGIÃO DA 4ª LÉGUA,
CAXIAS DO SUL/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, com concentração na área de Língua, Cultura e Regionalidade, pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Maria Faggion

Caxias do Sul

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

D149m Dal Picol, Greyce

A morfossintaxe na oralidade do vênето sul-rio-grandense: perfil dialetal de comunidades rurais da região da 4ª légua, Caxias do Sul/RS / Greyce Dal Picol. – 2013.

111 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2013. “Orientação: Profª. Drª. Carmen Maria Faggion”

1. Dialeto vênето – Caxias do Sul, RS. 2. Língua italiana – Morfologia. 3. Gramática comparada e verbal – Morfologia. 4. Língua italiana - Caxias do Sul, RS. I. Título.

CDU 2.ed. : 811.131.1'282

Índice para o catálogo sistemático:

1. Dialeto vênето – Caxias do Sul, RS	11.131.1'282(816.5)
2. Língua italiana – Morfologia	811.131.1'366
3. Gramática comparada e verbal – Morfologia	81'366
4. Língua italiana – Caxias do Sul, RS	811.131.1(816.5)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Márcia Servi Gonçalves – CRB 10/1500

**A morfossintaxe na oralidade do Vêneto Sul-Rio-Grandense:
perfil dialetal de comunidades rurais da região da 4ª Légua,
Caxias do Sul/RS**

Greyce Dal Picol

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Língua, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 22 de agosto de 2013.

Banca Examinadora:



Dra. Carmen Maria Faggion
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Ana Maria Stahl Zilles
Universidade do Vale do Rio dos Sinos



Dra. Neires Maria Soldatelli Paviani
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Vitalina Maria Frosi
Universidade de Caxias do Sul

Aos meus pais, pela dedicação incansável e por serem meus pilares e minha estrutura para toda a vida.

La cuna

[...]

E questa casa.

*E in questa casa
(rente la strada tuta fango)
i ritrati in la parete
l'odor de sendre e fogo,
el rumor sordo de 'na cuna
dindolando
dindolando
in te'l scuro rumor dela câmera
tendesta dela Madona
e de l'Angelo Custode.*

*E in questa casa
i morti più che vivi
sentadi in torno al fogolar,
bevendo vin in tàola,
magnando polenta e formai.*

*E sù in sofìto
i fantasmi impolveradi
de un tempo che non torna più e desfà
– ciareti, roche senza 'l fuso,
careghe senza paia, secie –
tante robe de man oramai morte.*

*E in càneva de la casa
la cantina freda e úmida
con dieze bote vode,
l' sventolon in mezo ai sorsi
senza panòcie per roseggar,
el casson del formento, che l' mete via
gnente più che onbre e mufa
e pochi formai
insìma le tàole onte
spetando che 'l banbin el vegna grande
e forse sopraviva
in mezo a le rovine del mondo,
rente la strada de sassi
e fango.*

José Clemente Pozenato, *Canti Rústeghi*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me permitido concluir mais uma fase com saúde física, espiritual e mental, junto a todas as pessoas que amo.

Agradeço à Prof. Dra. Carmen Maria Faggion, pela sábia orientação desde a graduação, por ter acreditado no meu trabalho e por se tornar um exemplo profissional e humano. Suas palavras, conselhos, ideias e gestos serão levados por mim para toda a vida.

À CAPES, por possibilitar minha dedicação exclusiva à pesquisa.

Aos professores do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, por terem, de alguma forma, colaborado com meu desenvolvimento intelectual e crítico.

À professora Vitalina Maria Frosi, por toda a ajuda, desde o empréstimo de livros de seu precioso acervo até as imprescindíveis explicações e esclarecimentos.

Ao professor Rafael José dos Santos, por ter participado da banca de qualificação e sempre ter lançado questões que me ajudaram a conhecer melhor o mundo em que estou inserida.

À professora Heloísa Pedroso de Moraes Feltes e à professora Giselle Mantovani Dal Corno, por suas sugestões e contribuições ao longo de minhas pesquisas.

Ao professor Elton Bof, pela tradução do resumo para o italiano, e à professora Flávia Saretta, pela tradução do resumo para o inglês.

A toda a “Turma 10” do Mestrado, por serem colegas, companheiros e amigos.

Ao meu namorado Stevan, por ter sempre a palavra certa na hora certa. Sua companhia, amizade e amor tornaram todo esse processo menos árduo.

À minha irmã Patrícia, pela companhia e risadas nos poucos momentos em que podíamos ficar juntas.

À minha avó Itália, por sempre ter uma sopa quente, um café forte e um abraço doce.

À Larissa e Lisandra, por toda a ajuda e, principalmente, por aguentarem meus surtos.

À querida Eliana Trentini, que me ajudou a conhecer melhor uma Itália tão distante, mas tão próxima. *Grazie mille!*

A todos os meus informantes e familiares, sempre receptivos, que me fizeram perceber o quanto sua simplicidade de vida e riqueza cultural foram importantes para minha formação humana e, hoje, intelectual. *Grásssie!*

RESUMO

A morfossintaxe do dialeto vêneto sul-rio-grandense, da Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul (RCI), ainda apresenta aspectos que demandam estudo: o uso dos auxiliares, algumas flexões, formação de palavras e muitas outras peculiaridades que ainda não estão suficientemente descritas. A partir da situação observada, o presente estudo tem por objetivo examinar, do ponto de vista da linguística funcional, em que medida as estruturas morfossintáticas na oralidade do dialeto vêneto sul-rio-grandense, quando comparadas às do dialeto vêneto italiano e às da língua portuguesa, revelam semelhanças e diferenças na formação verbal do pretérito perfeito e em aspectos do léxico, como a renovação vocabular. O método é o da coleta de dados, feita a partir de pesquisa de campo realizada em algumas comunidades rurais de Caxias do Sul. As questões de pesquisa são divididas em duas etapas: solicitação de tradução frasal, do português para o vêneto sul-rio-grandense, e solicitação de apresentação de relatos, também em vêneto. O *corpus* é formado pelas entrevistas feitas, com as questões acima, com oito informantes (quatro homens e quatro mulheres), dentre os quais quatro têm acima de 60 anos (dois homens e duas mulheres), e quatro, igualmente divididos por gênero, têm entre 40 e 59 anos. Essa delimitação foi feita a fim de que se pudesse observar se falantes mais velhos conservam traços mais originais desse dialeto, como a construção verbal no pretérito perfeito, em relação aos mais novos, que podem adotar outros usos. Além disso, deu-se ênfase às escolhas lexicais feitas pelos falantes, buscando observar se há presença marcante de neologismos, decorrente do contato com outras línguas, mais uma vez levando em conta a diferença de idade. A partir da análise do *corpus*, nota-se que o talian vem sofrendo transformações decorrentes do contato contínuo com a língua portuguesa, especialmente no domínio da neologia: há uso corrente de empréstimos. Também se observam, nas realizações dos falantes, muitas ocorrências de alternância de códigos linguísticos, em ambas as faixas etárias, com mais presença na fala feminina. Sobre a construção verbal no pretérito perfeito, a escolha do verbo auxiliar foge da norma em alguns casos, mas não é uma característica marcante; há usos do auxiliar *aver* exclusivo somente em alguns informantes. Os informantes, de um modo geral, apresentam características remanescentes do dialeto trentino Oriental em sua fala.

Palavras-chave: Dialeto vêneto sul-rio-grandense. Pretérito perfeito. Uso dos auxiliares. Neologismos por empréstimos. Alternância de códigos linguísticos.

ABSTRACT

Morphosyntax of the Venetian dialect of the Italian Colonization Region of Rio Grande do Sul (ICR) still presents aspects which require study such as the use of auxiliary verbs, some inflections, word formation, and different other peculiarities which are not yet enough described. Starting from the situation observed, the objective of this study is to examine, from the point of view of functional linguistics, to which extent morphosyntactic structures in the oral Venetian dialect of the Southern region of Rio Grande do Sul, when compared to those of the Venetian dialect and Portuguese, unveil similarities and differences in the verb formation of the Portuguese Preterite, and in lexical aspects such as vocabulary renewal. The method used is data collection, carried out in a field survey in a few rural communities in Caxias do Sul. The research questions are divided in two steps: ask the interviewee to translate a sentence from Portuguese into the Venetian dialect, and ask the interviewee to narrate facts, also in the dialect. The survey corpus consists of the interviews and the above mentioned questions with eight informers (four men and four women), four of them aged over 60 years (two men and two women), and four, equally divided by genre, aged between 40 and 59 years. This delimitation was established so that it would enable to see whether older speakers still preserve more original features of this dialect, as the verbal construction with the Preterite, if compared to younger ones, who may adopt different uses. Besides, lexical choices made by the speakers were emphasized in an attempt to observe whether there is a significant presence of neologisms due to contact with other languages, once more taking into consideration the age difference. The *corpus* analysis showed that *talian* has been undergoing changes in consequence of its continuous contact with Portuguese, particularly in neology, with the presence of loan words. Code-switching was also observed in both age groups, much more with women. Concerning the verbal construction with the Preterite, the auxiliary verb choice escapes the rule in some cases, but it is not a significant aspect. There are uses of the auxiliary verb *aver* found in a few speakers only. Informants in general present remainder characteristics of the Eastern Trentino dialect in their speech.

Key words: Venetian dialect of the Southern region of Rio Grande do Sul. Preterite. Auxiliary verbs usage. Loan words. Neologism. Code-switching.

RIASSUNTO

La morfosintassi del dialetto veneto *sulriograndense*, della Regione di Colonizzazione Italiana del Rio Grande do Sul (RCI) presenta tuttora degli aspetti che richiedono studio: l'uso degli ausiliari, alcune flessioni, formazione di parole e molte altre particolarità che non sono state ancora sufficientemente descritte. A partire dalla situazione osservata, il presente studio ha lo scopo di esaminare, dal punto di vista della linguistica funzionale, in che misura le strutture morfosintattiche nell'oralità del dialetto veneto *sulriograndense*, quando paragonate a quelle del dialetto veneto italiano e a quelle della lingua portoghese, rivelano somiglianze e differenze nella formazione verbale del passato prossimo e negli aspetti lessicali come la rinnovazione dei vocaboli. Il metodo è quello della raccolta dati, fatta a partire da una ricerca sul campo eseguita in alcune comunità rurali di Caxias do Sul. Le questioni di ricerca vengono divise in due tappe: richiesta di traduzione frasale, dal portoghese in veneto *sulriograndense*, e richiesta di presentazione di narrazioni, pure in veneto. Il *corpus* viene formato dalle interviste fatte, con le domande di sopra, con otto informanti (quattro uomini e quattro donne), tra cui quattro hanno oltre 60 anni (due uomini e due donne) e quattro divisi ugualmente per genere, hanno tra 40 e 59 anni. Tale delimitazione fu fatta affinché si possa osservare se i parlanti più anziani conservino tratti più originali di quel dialetto, come la costruzione verbale al passato prossimo in confronto ai più giovani, che potrebbero adottarne altri usi. Inoltre, si sono enfatizzate le scelte lessicali fatte dai parlanti, cercando di osservare se esista la presenza marcata di neologismi, decorrente dal contatto con altre lingue, tenendo sempre conto della differenza di età. A partire dell'analisi del *corpus*, ci si accorge che il *talian* subisce delle trasformazioni decorrenti dal continuo contatto con la lingua portoghese, specie nell'ambito della neologia: c'è un uso corrente di prestiti. Si osservano pure, nelle realizzazioni dei parlanti, molti episodi di alternanza di codici linguistici in entrambe le fasce di età, con presenza maggiore nella parlata femminile. Sulla costruzione verbale del passato prossimo, la scelta del verbo ausiliare sfugge alla norma in alcuni casi, ma non è una caratteristica importante; ci sono usi dell'ausiliare *aver* esclusivo soltanto in alcuni informanti. Gli informanti, di modo generale, presentano delle caratteristiche rimanenti dal dialetto trentino orientale nella loro parlata.

Parole-chiave: Dialetto veneto *sulriograndense*. Passato prossimo. Uso degli ausiliari. Neologismi per prestito. Alternanza di codici linguistici.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 01:** Flexões dos auxiliares *aver* e *esser* no vêneto italiano, 44
- Quadro 02:** Quadro-resumo do perfil sociocultural dos informantes, 69
- Quadro 03:** Notação e identificação do entrevistado, 70
- Quadro 04:** Critério de transcrição conversacional, 73
- Quadro 05:** Flexão dos verbos auxiliares *aver* e *esser* na coiné, 83
- Quadro 06:** Flexão do auxiliar *aver* no dialeto trentino, 84
- Quadro 07:** Empréstimos lexicais e manutenção linguística no talian, 88

LISTA DE FIGURAS E MAPAS

Figura 1: Mapa das línguas e dos dialetos da Itália, 40

Mapa 1: Localização de Caxias do Sul no Rio Grande do Sul Rio Grande do Sul em relação ao Brasil, 64

Mapa 2: Distritos e Regiões Administrativas de Caxias do Sul, 65

Mapa 3: Galópolis e Comunidades do interior em relação ao Centro de Caxias do Sul, 65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 15

1 LÍNGUA, DIALETO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DA RCI, 22

1.1 LÍNGUA E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL, 22

1.2 IMIGRAÇÃO ITALIANA, 25

1.2.1 Formação das comunidades ítalo-brasileiras: as capelas, 27

1.3 DIALETO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DA RCI, 29

2 REFERENCIAL TEÓRICO, 35

2.1 DIALETO E ORALIDADE, 35

2.2 DIALETO ITALIANOS SETENTRIONAIS: FORMAÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E CARACTERÍSTICAS, 38

2.2.1 Algumas características do dialeto vênето italiano, 43

2.2.1.1 *O passado próximo*, 43

2.2.1.2 *Neologismos por empréstimos*, 46

2.3 DIALETOS ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL: A COINÉ VÊNETA, 47

2.4 BILINGUISMO NA ATUAL RCI, 49

2.4.1 Línguas em contato: bilinguismo e interferências, 52

2.4.1.1 *Renovação e adaptação lexical: neologismos*, 53

2.4.1.2 *Alternância de códigos linguísticos*, 55

2.5 A ANÁLISE FUNCIONAL LINGUÍSTICA, 56

2.5.1 Gramaticalização e mudança linguística, 57

2.5.2 Verbos de movimento, 59

2.5.3 Mudança linguística e origem dos verbos auxiliares, 60

3 MÉTODO, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS, 63

3.1 ESCOLHA DA COMUNIDADE, 63

3.2 DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*, 66

3.3 A PESQUISA QUALITATIVA, 66

3.4 CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES, 67

3.4.1 Notação e identificação do entrevistado, 69

3.4.2 Apresentação de relatos, 70

- 3.4.3 Tradução de frases para o vênето sul-rio-grandense, 71
- 3.4.4 Instrumento de pesquisa, 71
- 3.4.5 Pilotagem do instrumento, 72
- 3.4.6 Transcrição e tratamento dos dados, 72
- 3.5 SUBMISSÃO AO CEP (Comitê de Ética em Pesquisa), 73

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS, 75

5 4.1 PANORAMA GERAL, 75

4.1.1 Falantes mais novos em relação aos mais velhos, 75

4.1.1.1 *Quanto à utilização dos auxiliares, 76*

4.1.1.2 *Quanto ao léxico e à alternância de códigos, 78*

4.1.2 Mulheres em relação aos homens, 79

4.2 ANÁLISE COMPARATIVA: O DIALETO DE ONTEM E DE HOJE, 82

4.2.1 Utilização dos auxiliares *esser* e *aver*, 83

4.2.2 Empréstimos lexicais, 86

4.3 ANÁLISE INDIVIDUAL DOS INFORMANTES, 92

4.3.1 *Informante 01, 92*

4.3.2 *Informante 02, 93*

4.3.3 *Informante 03, 94*

4.3.4 *Informante 04, 95*

4.3.5 *Informante 05, 95*

4.3.6 *Informante 06, 96*

4.3.7 *Informante 07, 97*

4.3.8 *Informante 08, 97*

4.4 OUTRAS PECULIARIEDADES, 98

4.4.1 Marcadores discursivos, 98

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 101

REFERÊNCIAS, 105

ANEXOS, 112

INTRODUÇÃO

*Morrendo uma língua não morrem certas alternativas para dizer as coisas, mas morrem certas coisas.*¹

Meneghello (1987)

Sempre houve certa carência sobre estudos voltados às questões morfossintáticas do dialeto na Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul, doravante, RCI. Sua morfossintaxe apresenta uma literatura consideravelmente menor que a dos estudos fonético-fonológicos, por exemplo: a estrutura, flexão, formação de palavras e muitas outras peculiaridades ainda não estão suficientemente descritas.

As estruturas verbais no tempo passado, por exemplo, apresentam traços peculiares semelhantes aos dialetos da Itália Setentrional e à própria língua italiana. Por outro lado, aspectos lexicais como a formação de palavras adquirem traços bem característicos do intenso contato com a língua portuguesa e, até mesmo, de influências estrangeiras como é o caso do inglês.

Tendo em vista os elementos citados anteriormente e a necessidade de estudos mais detalhados em relação à morfossintaxe, o problema de pesquisa da presente dissertação perpassa três principais questões: (01) *Que elementos ou construções morfossintáticas têm maior frequência nos relatos que constituem o corpus obtido?* (02) *Alguns elementos da morfossintaxe do vênето sul-rio-grandense atual (verbos no tempo pretérito perfeito, léxico) permanecem com as mesmas características de estudos já realizados em trabalhos de períodos anteriores (FROSI; MIORANZA, 1983)?* e (03) *Estruturas típicas do vênето ainda falado na Itália, conforme descritas em Marcato e Ursini (1998), Zamboni (1974) e Belloni (2005), persistem no vênето da RCI?*

Antes de qualquer coisa, é preciso especificar melhor a expressão “vênето sul-rio-grandense”. Essa denominação surge com Stawinski (1987), também conhecida como vênето-brasileiro (LUZZATO, 1993) e, posteriormente, talian (LUZZATO, 1993; 1994; CORRÀ, 2002). As diferentes designações a esse dialeto falado na RCI são formas mais populares de fazer referência a uma coíné de predominância vêneta² estudada por Frosi e Mioranza (1975; 1983).

De acordo com Frosi (2000, p. 93): “Há muito tempo, generalizou-se na RCI a palavra

¹ **Do original:** “Morendo una lingua non muoiono certe alternative per dire le cose, ma muoiono certe cose” (MENEGHELLO apud FROSI, 1996, p.166). **Todas as traduções são de responsabilidade da mestranda.**

² Descrições mais detalhadas sobre a coíné de predominância vêneta serão exploradas no Capítulo 2 da presente dissertação.

talian para a referência a qualquer dialeto italiano local. Talian, em outras palavras, equivale à mescla, ou a *Koiné*, que hoje é mescla com forte contigente da língua portuguesa”.

Dentre alguns pesquisadores italianos que estudam essa variedade linguística brasileira, destacam-se alguns trabalhos realizados por Corrà (2001; 2002). A autora define o talian como “[...] uma variedade distante do italiano mas também de qualquer dialeto vênето atual porque evoluiu no isolamento da variedade dialetal falada no Vênето e em uma contínua dinâmica com o português local”³ (CORRÀ, 2002, p. 348).

O talian, hoje, é deflagrado na Região Sul do Brasil, sendo considerado patrimônio histórico e cultural dos Estados de Rio Grande do Sul⁴ e Santa Catarina⁵, além de língua co-oficial do município de Serrafina Correa⁶, na RCI. Com isso considerar-se-ão as três denominações (coiné de predominância vênета, vênето sul-rio-grandense e talian) como sinônimos, visto que esses já são muito divulgados entre as pessoas e nos meios de comunicação.

Observações diretas permitem notar as constantes transformações sofridas pelo dialeto vênето sul-rio-grandense, principalmente em relação ao léxico. Alguns artigos já registram isso (FROSI, 2002; FAGGION, 2011; FAGGION; FROSI, 2010) e sua leitura confirma que o talian, assim como todas as línguas e dialetos, encontra-se em constante estado de mudança, juntamente com a história sociocultural em que seus falantes estão inseridos.

Revisando a literatura existente, nota-se, entretanto, que aspectos léxicos e fonológicos têm sido privilegiados em muitos trabalhos: Frosi e Mioranza (1983), por exemplo, fazem uma descrição ampla, pioneira e extremamente detalhada sobre elementos fonético-fonológicos e lexicais de todos os dialetos italianos encontrados na RCI e a fusão desses, transformados, posteriormente, na coiné vênета hoje com grande influência da língua portuguesa.

Dentro do programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade também há uma série de dissertações que contemplam as influências do dialeto vênето sul-rio-grandense na língua portuguesa da região focalizando as interferências fonético-fonológicas: Bovo (2004)

³ **Do original:** “[...] una varietà del tutto particolare lontana dall’italiano ma anche da qualsiasi odierno dialetto veneto perchè si è evoluta in isolamento dalle varietà dialettali parlate nel Veneto e in una continua dinamica con il portoghese locale” (CORRÀ, 2002, p. 348).

⁴ LEI Nº 13.178, de 10 de junho de 2009. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis/Arquivos/13.178.pdf>>. Acesso em 06 nov. 2012.

⁵ LEI Nº 14.951, de 11 de novembro de 2009. Disponível em: <<http://server03.pge.sc.gov.br/LegislacaoEstadual/2009/014951-011-0-2009-001.htm>>. Acesso em 06 nov. 2012.

⁶ LEI Nº 2615, de 13 de novembro de 2009. Disponível em: <http://www.serafinacorrea.rs.gov.br/site/publicacoes/documento_detalhe.php?gCdCategoria=5&gAno=2009>. Acesso em 06 nov. 2012.

observa o valor social em relação à variação da vibrante; Tomiello (2005) analisa a alternância do ditongo nasal *-ão* com *-on* tendo em vista as variantes sociolinguísticas (escolaridade, idade e gênero); Mauri (2008) investiga os condicionantes linguísticos no emprego das palatais em pequenas comunidades de Caxias do Sul; e Guzzo (2010) verifica a elevação da vogal média anterior /e/ em Flores da Cunha, observando os fatores ligados a essa escolha, principalmente na fala dos jovens da região.

A morfossintaxe descrita restringe-se a alguns poucos trabalhos observados em fontes como Stawinski (1987), que traz breves noções de gramática do vênето sul-rio-grandense e um dicionário que abrange vários elementos lexicais desse dialeto, caracterizado por Meo Zilio (1995, p. 229) como “[...] uma fonte preciosa não apenas para a dialetologia e para a etnografia mas também para a história vêneta e brasileira”⁷; Luzzato (1994) também dá ênfase a determinados aspectos morfossintáticos (artigos, formação do plural, verbos, etc.), mas de uma forma somente descritiva. Os dois autores citados têm como objetivo primeiro didatizar as principais características da língua a fim de proporcionar aos possíveis leitores um apanhado geral, pensando, quiçá, ajudar na formação de falantes. Já Tonial (1997), seguindo uma linha muito semelhante de Stawinski e Luzzato, faz um dicionário listando o léxico utilizado pelos falantes do *talian*. Cabe ressaltar que esses autores não são linguistas, mas falantes do dialeto que decidiram registrar a variedade em questão de uma forma mais acessível à comunidade em geral sem preocupações teórico-metodológicas.

Dentro da linha acadêmica, Faggion (2001), uma das poucas estudiosas a dar ênfase a questões na linha da morfossintaxe, em sua dissertação de mestrado, analisa as partículas gramaticalizadas *ghe/ghen* nos registros escritos do vênето sul-rio-grandense, observando que essas atuam de forma bastante variada, apresentando uma série de funções⁸ dentro da estrutura da língua.

Na mesma linha, Frosi e Mioranza (1983; 2009), além da riqueza dos estudos pioneiros sobre elementos fonológicos e lexicais, realizam um estudo, por eles denominado introdutório, em morfossintaxe, apresentando um panorama comparativo geral de alguns elementos como a flexão nominal, utilização de artigos definidos e indefinidos, pronomes possessivos, demonstrativos e pessoais, e alguns aspectos da morfologia e flexão verbal, estudos esses que sempre foram vistos como base teórica para outras análises que enfatizam a caracterização dos dialetos presentes na RCI, inclusive atuando como um dos principais

⁷ **Do original:** “[...] un fonte preziosa non solo per la dialettologia e la etnografia ma anche per l’antropologia e la storia veneta e brasiliana” (MEO ZILIO, 1995, p. 229).

⁸ Ver Faggion (2001, p. 87).

referenciais teóricos da presente dissertação.

Por sua vez, Paviani (1996; 2004) descreve a utilização enfática do pronome ético *me*, mostrando sua relação com as raízes latinas ('Tenho que *me* buscar o leite'), num trabalho de grande interesse e exaustiva pesquisa, dando enfoque às influências do dialeto italiano dentro da língua portuguesa falada na RCI. Segundo esclarece Paviani (1996, p. 89): "O uso do pronome *me* ético é um desmembramento do dativo de interesse. O dativo de interesse é o que está presente na sintaxe da língua-padrão. O ético, todavia, é um traço da língua falada na região de colonização italiana".

Em um dos trabalhos do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, Olsen (2005) analisa a variação da concordância de número nos sintagmas nominais do português falado nas áreas urbanas e rurais de Caxias do Sul, observando que os habitantes da zona rural têm marcas de plural mais acentuadas devido, talvez, à influência do dialeto na fala dessas pessoas: "[o plural] pode estar expressando o substrato dialetal de tipo vênето, no qual se faz a flexão de número" (OLSEN, 2005, p. 192).

Nos últimos anos, Faggion (2001; 2010; 2011) vem dando ênfase a questões morfossintáticas através de projetos realizados junto ao mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade. No ano de 2010, iniciou pesquisas com *A morfossintaxe do Vênето Sul-Rio-Grandense* que enfatiza, basicamente, os mesmos objetivos da presente dissertação, mas dá maior enfoque aos registros escritos do dialeto. Já em 2011, elabora o projeto *Construções na Linguagem: Traços Culturais e Regionais*, visando a analisar as possíveis influências que as construções morfossintáticas recebem das culturas que compõem a região. Seus trabalhos serão fonte importantíssima para a construção do presente estudo.

Até mesmo nos estudos gramaticais sobre o dialeto vênето na própria Itália, apesar de apresentarem-se como referência e extrema importância na área dialetológica, é possível observar poucas referências que priorizam os elementos morfossintáticos, assim, como Marcato e Ursini afirmam, "os estudos especificamente dedicados à gramática vênета são pouquíssimos e parece uma tarefa difícil não apenas construir um modelo, mas de fornecer uma descrição adequada às características fundamentais dos dialetos em toda a extensão deles"⁹ (1998, p. 37).

Nota-se, a partir dessa revisão, que os estudos sobre a morfossintaxe do dialeto da região são ainda limitados. Dessa forma, a presente dissertação terá como objetivo geral

⁹ **Do original:** "[...] gli studi specificamente dedicati alla grammatica veneta sono pochissimi e sembra così arduo il compito non solo di costruire un modello, ma perfino di fornire una descrizione adeguata alle caratteristiche fondamentali dei dialetti in tutta la loro estensione" (MARCATO; URSINI, 1998, p.37).

examinar, pelo modelo funcionalista linguístico, em que medida as estruturas morfossintáticas na oralidade do dialeto vênето sul-rio-grandense, quando comparadas às do dialeto vênето italiano e às da língua portuguesa, revelam semelhanças e diferenças nos verbos e em outros aspectos do léxico e da construção. Dentro desse, estão previstos os objetivos específicos que seguem:

a) Analisar as estruturas morfossintáticas verificáveis no uso dos verbos no tempo pretérito perfeito do vênето oral da RCI.

b) Comparar as estruturas morfossintáticas entre o dialeto vênето italiano e o vênето sul-rio-grandense, buscando semelhanças e diferenças.

c) Comparar elementos morfossintáticos do vênето sul-rio-grandense atual em relação a trabalhos realizados em outros períodos.

d) Comparar elementos morfossintáticos do vênето sul-rio-grandense tendo em vista as diferenças entre os falantes mais velhos e mais novos.

e) Comparar elementos do léxico do vênето oral da RCI com o da língua portuguesa, ressaltando empréstimos e neologismos.

f) Discutir os resultados a partir do modelo funcionalista linguístico.

Cabe aqui observar que o modelo funcionalista linguístico foi adotado a fim de que se pudesse optar por uma análise que abordasse os elementos que circundam a oralidade, desde questões morfossintáticas até pragmáticas. Sabe-se que o falante atua como principal responsável pelas mudanças linguísticas, uma vez que as estruturas utilizadas são “moldadas” de acordo com as necessidades comunicativas. Esse fato está bastante presente na realidade linguística em geral, inclusive, é claro, do dialeto vênето sul-rio-grandense que adquire novas características de acordo com a mudança no perfil de seus falantes.

O funcionalismo, de acordo com Castilho (2010, p. 66-67):

[...] considera a língua como um fenômeno heterogêneo, como uma atividade social por meio da qual veiculamos as informações, externamos nossos sentimentos e agimos sobre o outro. Assim concebida, a língua é um somatório de usos concretos, historicamente situados, que envolve um locutor e um interlocutor localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico previamente negociado.

A partir da revisão da literatura existente e de observações verificáveis dos usos da fala dialetal em questão, elencaram-se quatro hipóteses para posterior verificação:

(1) O falante conserva traços do dialeto vênето sul-rio-grandense estudados por Frosi e Mioranza (1983).

(2) O falante mais velho distingue o uso dos auxiliares *aver* e *esser* no pretérito, enquanto o grupo da geração seguinte pode confundir.

(3) A presença, na oralidade, de *code switching* (alternância de códigos) é frequente.

(4) Por ser uma região habitada por descendentes de trentinos, o dialeto vênето talvez apresente algumas características peculiares do dialeto trentino italiano.

Uma das questões mais importantes que pode justificar a importância da escolha deste estudo encontra-se no fato de que o número de falantes do *talian* esteja se restringindo a falantes de terceira e quarta geração, considerando que a investigação ocorrerá na zona rural, onde o dialeto tem mais força (FROSI; MIORANZA, 1983; FAGGION; LUCHESE, 2011), já que essa variedade não mais se perpetua dentro das famílias ítalo-brasileiras, e, dessa forma, tende a ser extinta. Como já afirmava Frosi (2000, p. 93-95): “O número de falantes que se expressam através do resíduo dialetal italiano ainda existente está cada vez mais reduzido [...] A RCI cresceu, expandiu-se enormemente, urbanizou-se. Do dialeto italiano muito se perdeu, quase tudo se perdeu”.

Assim, a fala de Nettle e Romaine (2001) acaba servindo como um reflexo do que acontece na atualidade linguística da RCI: “O coração de uma língua está na geração mais jovem. As línguas estão em perigo quando não são mais transmitidas de modo natural às crianças por parte de seus pais ou de quem cuida delas”¹⁰ (p. 20). Essas declarações acabam sendo a principal preocupação presente neste estudo: estudar a morfossintaxe do *talian* não é só descrever e analisar processos inseridos nessa língua, mas buscar um meio de não permitir que esses últimos resquícios linguísticos se percam.

Dessa forma, tendo em vista que afirmações como as de Frosi (2000) estão se concretizando, e as referências sobre a morfossintaxe do dialeto vênето sul-rio-grandense ainda precisam ser mais concretas e específicas, um estudo como o proposto por este projeto contribui para o conhecimento da estrutura, história e utilização desse dialeto, constituindo uma pequena ajuda para sua preservação e valorização dessa linguagem e cultura tão estigmatizada (FROSI et al., 2010), mas tão marcante da RCI.

Além dessas considerações, salienta-se que esse estudo faz parte do projeto de pesquisa *Morfossintaxe do Vênето Sul-rio-grandense*, citado anteriormente, coordenado pela professora Carmen Maria Faggion, dentro da Linha de Pesquisa em Língua, Cultura e Regionalidade do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade. Esse projeto, como já explicitado, tem como objetivos investigar aspectos morfossintáticos do *talian*; entretanto, a primeira etapa da pesquisa, que é desenvolvida por alunos da graduação,

¹⁰ **Do original:** “Il cuore di una lingua è nella generazione più giovane. Le lingue sono in pericolo quando non vengono più trasmesse in modo naturale ai bambini da parte dei genitori o di chi si prende cura di loro” (NETTLE; ROMAINE, 2001, p.20).

restringe-se à análise dos registros escritos do dialeto. Dessa forma, a coleta de dados orais proposta por esse estudo pode dar continuidade às questões levantadas pelo projeto, abrangendo a situação linguística atual de uma parcela da comunidade falante. Os resultados, por sua vez, poderão tornar-se fonte de pesquisa de dados orais do atual dialeto vênето sul-rio-grandense, servindo, até mesmo, para futuras comparações e novas abordagens.

Na estrutura da presente dissertação, o Capítulo 1 trará um panorama geral sobre a construção identitária da RCI, através do viés histórico e social, importante para a compreensão da formação atual do dialeto vênето sul-rio-grandense.

Maiores informações sobre a revisão teórica estarão presentes no Capítulo 2, momento em que questões relacionadas a características da coine vênета serão mais desenvolvidas, juntamente com aspectos gerais dos dialetos italianos setentrionais. Além disso, explicitar-se-ão questões da análise funcionalista linguística, base para a melhor compreensão dos dados que serão obtidos. Também será apresentado um panorama geral de questões lexicológicas para a análise de neologismos que poderão emergir do *corpus*.

A metodologia da dissertação encontra-se mais detalhada no Capítulo 3, momento em que serão descritas as técnicas e procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados obtidos.

O Capítulo 4 atuará como cerne do estudo, pois nele serão analisadas as estruturas morfossintáticas coletadas através do *corpus*.

A conclusão mostrará as características encontradas nas duas distintas gerações de falantes do talian, buscando a verificação das hipóteses propostas, a fim de destacar (ou não) a tendência à extinção dessa variedade dialetal.

1 LÍNGUA, DIALETO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DA RCI

Tenho notado, também, que não falam todos a mesma língua, a ponto de muitas vezes não se entenderem entre eles mesmos [...] Resulta de tudo isso que eles sequer tinham uma pátria única em sua origem. É possível que aqui aprendam a ter esse tipo de sentimento. O que quero dizer: de tanto os chamarmos de italianos, irão se identificando como tais, até, quem sabe, para se sentirem todos solidários na mesma sorte.

José Clemente Pozenato, *A Cocanha*.

O presente capítulo apresenta um panorama geral sobre os processos identitários pelos quais a RCI passou, desde a imigração italiana até os dias atuais, responsáveis pela configuração atual do dialeto vênето sul-rio-grandense. O estudo adquire assim um caráter sócio-histórico e linguístico, adentrando questões sobre língua e formação da identidade cultural (1.1), aspectos gerais da imigração italiana e a formação das primeiras comunidades (1.2), para que, ao final do capítulo, possam ser identificadas as questões sociais e históricas que ajudaram na formação atual dessa variedade linguística (1.3).

1.1 LÍNGUA E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

A relação entre língua e cultura sempre foi objeto de variados estudos dentro do âmbito linguístico, cultural e antropológico. As variedades linguísticas utilizadas por uma comunidade estão estritamente ligadas à formação da identidade cultural dessas comunidades: dialetos, códigos, gírias e outras manifestações são elementos de identificação continuamente presentes na realidade das pessoas. De acordo com Kramsch (1998, p.03), a linguagem conduz o indivíduo à vida em sociedade. É através dela, tanto em seu âmbito verbal quanto no não verbal, que experienciamos a realidade cultural que nos circunda¹¹.

A questão social é regida pela linguagem e seu poder de demarcação. Os seres humanos se distinguem dos animais principalmente pela sua capacidade de comunicação verbal (KRAMSCH, 1998), tendo ela a força necessária para a identificação ou exclusão entre elementos de um mesmo grupo ou de grupos distintos. Segundo Thornborrow (2004), a construção dos indivíduos e suas identidades sociais é feita por meio da linguagem: suas convenções e políticas serão capazes de reger e impulsionar a criação das identidades de um

¹¹ No presente trabalho será dada ênfase à relação entre grupos sociais e a linguagem.

grupo. Dessa forma, pode-se dizer então que “A linguagem é o principal meio pelo qual conduzimos nossa vida social”¹² (KRAMSCH, 1998, p. 03).

A partir desse ponto de vista, a cultura será capaz de ditar convenções sociais que serão capazes de libertar, mas, ao mesmo tempo, restringir (KRAMSCH, 1998). Da mesma forma, Thornborrow (2004) afirma:

Porque a linguagem é tão importante na construção do indivíduo e das identidades sociais, mas também pode ser um poderoso meio de controle social [...] A forma como essas convenções são definidas e mantidas é, normalmente, controlada pelo grupo e não pelo individual¹³. (p. 158).

Isso enfatiza o fato de que a utilização da linguagem será um meio de formação de comunidades culturais bem características com as quais os indivíduos poderão ou não criar uma identidade. Essa identidade, por sua vez, dependerá de uma série de atitudes comuns que serão capazes de diferenciar os indivíduos desse grupo com outros.

Mey (2002) tão bem observou quando disse: “A língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo” (p. 76). Em outras palavras, a língua possibilita a identificação/diferenciação dos grupos, seja por meio de uma variedade linguística bem específica ou, até mesmo, pelo sotaque.

Essa identificação cultural feita por meio da língua possibilita o que muitos teóricos denominam “comunidades de fala”. Para Kramsch (1998), essas comunidades são compostas por pessoas que compartilham um mesmo código linguístico, utilizando-se dele para suprir suas necessidades sociais e diferenciá-las dos outros grupos. Ou seja: a identidade é alteridade. Peter Burke (2010), mesmo sem formação na área da linguística, faz um interessante percurso na história da formação linguística das comunidades europeias – *Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna* – em que se utiliza da expressão “comunidade linguística” (BURKE, 2010, p. 21), empregada para se referir à variedade utilizada por um determinado grupo, refletindo que “A utilização de uma variedade linguística particular expressa, mantém e até ajuda a criar solidariedade entre os membros do grupo” (BURKE, 2010, p. 21). Entretanto, o autor fará uma ressalva observando que o termo “comunidade”, relacionado à cultura, poderá gerar homogeneidade, ou seja, a possibilidade de

¹² **Do original:** “Language is the principal means whereby we conduct our social lives” (KRAMSCH, 1998, p. 03).

¹³ **Do original:** “Because language is so important in the construction of individual and social identities, it can also be a powerful means of exercising social control [...] The way those conventions are defined and maintained is usually controlled by the group rather than the individual” (THORNBORROW, 2004, p. 158).

diferenciação entre o “eu” e o “outro”, uma possível exclusão dos que não são membros do grupo.

Com isso, Thornborrow (2004, p. 158) afirma: “Identidade, quer a nível individual, social ou institucional, é algo que estamos construindo e, negociando, ao longo de nossas vidas, através de nossa interação com os outros”¹⁴. Portanto, a identidade é algo que será construído ao longo de nossa vida, principalmente por meio da interação. Isso é o que acontece, por exemplo, com a identificação linguística dos falantes, como no caso da RCI: os falantes do talian, seja pela utilização dessa variedade ou apenas pelas marcas de sotaque características, serão identificados na diferença em relação a outros falantes de outras variedades.

A língua atua como um símbolo para a construção da identidade. Segundo Woodward (2000), as diferenças, que ajudam a definir os processos identitários, são feitas por essas “marcações simbólicas”: são responsáveis pela criação da oposição entre o “nós” e o “outro” (WOODWARD, 2000).

Rajagopalan (1998) afirma que o conceito tradicional da identidade linguística que está ligado à questão individual requer uma profunda revisão, visto que o que predomina dentro das comunidades é o multiculturalismo. Sem dúvidas, esse multiculturalismo também está presente nas comunidades rurais da RCI. De acordo com Hall (2004, p. 74): “À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”. Dessa forma, o mundo atual é composto pela multipresença de aspectos culturais que formam as identidades das comunidades, influenciando também a própria língua, como, por exemplo, através dos empréstimos linguísticos, o que se faz bem presente no dialeto vêneto sul-rio-grandense.

Por outro lado, como apresenta Hall (2004), esse impacto do “global”, da hibridização¹⁵, faz ressurgir o interesse por questões locais, de forma defensiva: “O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas” (HALL, 2004, p. 85). Com isso, os indivíduos pertencentes a um grupo dominante¹⁶,

¹⁴ **Do original:** “Identity, whether on an individual, social, or institutional level, is something that we are constantly building and negotiating throughout our lives through our interaction with others” (THORNBORROW, 2004, p. 158).

¹⁵ O conceito de hibridismo, aqui, será analisado segundo a visão de Vargas (2000, p. 21): “O híbrido pressupõe, assim, uma ‘identidade’ móvel e plural, acionada conforme novas situações colocadas a ele”.

¹⁶ O grupo étnico dominante não deve ser aqui interpretado como maior em índice numérico, mas como uma parte da elite social da região que projeta novos (e antigos) símbolos para legitimar seu poder frente à leva de

como o grupo étnico italiano foi ao longo da história da formação da RCI, buscam o reforço identitário, seja através do resgate de tradições bem características ou do uso das variedades linguísticas que estavam sendo progressivamente abandonadas (mais informações sobre os “resgastes” da RCI presentes no item 1.3 deste capítulo).

A representação das identidades culturais através da língua é responsável por sutilezas bem características, que mostram como a história das comunidades está estritamente unida à história linguística dessas: o ser humano interage e constrói seu mundo por meio da linguagem. As próximas seções deste capítulo mostrarão como essas características se fazem presentes na realidade da RCI.

4.2 IMIGRAÇÃO ITALIANA

Nesta seção serão descritos apenas alguns tópicos muito gerais sobre a imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul, visto que esse não é o principal foco do estudo, mas se faz importante para compreender melhor a construção da identidade cultural e linguística da região.

Muito já foi descrito sobre esse tema (AZEVEDO, 1975; FROSI; MOIRANZA, 2009; MANFROI, 1975; DE BONI; GIRON; BERGAMASCHI, 2004), mas cabe ressaltar a importância do pioneirismo de Frosi e Mioranza (2009 [1975]), que, através de uma pesquisa detalhada em arquivos do Brasil e da Itália, conseguem traçar um panorama geral dessa fase tão importante na formação das comunidades da RCI. Com isso, essa obra será tida como uma importante fonte de pesquisa, não apenas sobre imigração, mas também sobre os dialetos utilizados por esses imigrantes¹⁷.

Conforme Frosi e Mioranza, as principais causas da emigração italiana aconteceram pela situação sócio-política-econômica da Itália recém-unificada:

Uma economia tradicional e escravista, aliada à situação política de instabilidade, colocaram vênetsos, lombardos e trentinos numa posição em que a maior segurança adviria da opção pela saída do solo pátrio, em busca de outras terras onde os esquemas socioeconômicos vigentes não fossem tão díspares quanto na Itália [...] E emigração, pois, não tem sido aventureira, mas de necessidade. (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 22).

Os imigrantes (geralmente representados por camponeses e artesãos da região Norte italiana) eram atraídos pelas novas terras virgens e cultiváveis oferecidas, em 1870, pelo

outros grupos que estão surgindo.

¹⁷ Maiores informações serão descritas no Capítulo 2 da presente dissertação.

Governo Imperial do Brasil, vindo em busca do sonho da reconstituição de um modo de produção rural e tradicional que se encontrava em crise em sua pátria de origem.

Segundo Sabbatini (1975), a colonização no Rio Grande do Sul e Santa Catarina fazia parte de um programa político que buscava, antes de tudo, tornar o Brasil um país “branco”, além de proteger as linhas de fronteiras do avanço de outros povos. O autor explicita que, ao falar da imigração, tenta-se mitificá-la:

[...] como sempre acontece na sociedade imigratória que se desenvolve economicamente, tende-se a reconstituir um passado melhor, inspirado no sucesso do presente; portanto, procuram-se as causas da emigração dos camponeses entre as circunstâncias mais estranhas e marginais, deixando de lado aquela mais simples, óbvia e fundamental: a fome¹⁸. (SABBATINI, 1975, p. xx).

Pelos resultados de suas pesquisas, Frosi e Mioranza (2009 [1975]) concluem que as correntes migratórias na região nordeste do Rio Grande do Sul foram representadas por quatro principais regiões da Itália: a região do vêneto, da lombardia, do Trentino-Alto Ádige (ainda sob domínio austríaco) e da Friuli-Venécia Julia. Os índices percentuais revelam que aproximadamente 54% dos imigrantes que se estabeleceram na RCI eram vênetos, 33% lombardos, 7% trentinos, 4,5% friulanos, e 1,5% representantes de outras etnias providas do Piemonte, Emília-Romanha, Toscana e Ligúria. Esses números serão importantíssimos para a compreensão da história linguística da RCI.

Segundo Frosi e Mioranza (2009), no ano de 1875 o primeiro grupo de imigrantes chegava aos Fundos da Colônia de Nova Palmira para iniciar a colonização da região Nordeste do Rio Grande do Sul. As terras a serem colonizadas já estavam divididas em três grandes núcleos: Colônia Caxias, Colônia Dona Isabel e Colônia Conde D’Eu (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 50).

Faz-se interessante, ressaltar no âmbito do presente trabalho que as terras foram inicialmente divididas em léguas (GIRON; BERGAMASCHI, 2004) e, posteriormente, em linhas ou travessões (FROSI; MIORANZA, 2009). Conforme Giron e Bergamaschi (2004), a Colônia Caxias recebe seus primeiros imigrantes quando a primeira Léguas é demarcada, e são distribuídos os respectivos lotes. De acordo com Rodrigues (1998), essa Colônia se dividia em 17 léguas, e cada uma das léguas foi dividida em travessões. Essa marcação era uma medida itinerária, tratando-se de uma “léguas de sesmaria”, equivalente a 6600 metros. A organização colonial marca a estrutura e a organização agrícola municipal.

¹⁸ **Do original:** “[...] come sempre accade nelle società di origine immigratoria che si sono sviluppate economicamente, si tende a ricostruire un passato migliore, ispirato dal successo presente, pertanto, si cercano le cause dell’emigrazione contadina tra le circostanze più strane e marginali, lasciando da parte quella più semplice, ovvia e fondamentale: la fame” (SABBATINI, 1975, p. xx).

Hoje, a cidade de Caxias do Sul ainda apresenta algumas partes de seu território divididas em Léguas, como é o caso da região onde a pesquisa de campo do presente estudo foi realizada: 4ª Légua.

Frosi e Mioranza (2009) muito bem esclarecem que a povoação dos lotes pelos imigrantes não seguiu critérios étnico-linguísticos, mas previu distribuição de terras mais próximas ao núcleo central: conforme os imigrantes chegavam, eram assentados em seus lotes, ou seja, um lombardo poderia ter como vizinho um vêneto ou um trentino, gerando comunidades mistas, inclusive na variedade dialetal.

Os processos de formação das comunidades na RCI desenvolveram-se com base em alguns critérios (FROSI; MIORANZA, 2009), dentre eles o *religioso*, como será melhor especificado no próximo item.

1.2.1 Formação das comunidades ítalo-brasileiras: as capelas

Frosi e Mioranza (2009) já observavam que as novas comunidades que se formavam na RCI desenvolviam-se sob aspectos bem característicos para sua melhor sobrevivência. A formação dos aglomerados de imigrantes seguia a ordem: geográfica, geodemográfica, econômica, religiosa e social (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 60). Neste estudo faz-se importante observar a questão religiosa, tendo em vista que a formação atual das comunidades em que a pesquisa de campo foi realizada ainda segue essa ordem.

A questão religiosa tem relação com a construção de pequenas capelas, provavelmente, uma tradição da Itália e que, por vários motivos, foi trazida para o Brasil. Segundo Galioto (1998), esses imigrantes trouxeram consigo uma profunda bagagem religiosa. Para os italianos, esse traço tão característico não poderia se perder. Assim, em sua nova pátria, deram continuidade à sua vivência religiosa: construíram as primeiras capelas da região italiana do Sul do Brasil.

Todos os imigrantes italianos que vieram, eram católicos, um tanto tradicionais e quase sem nenhuma instrução. A grande maioria era de analfabetos. Um forte culto aos santos, como protetores, contra todos os males, proviessem das intempéries, da falta de saúde ou da falta de sorte (...). Estavam todos envolvidos numa atmosfera sacral religiosa. (GALIOTO, 1988, p. 21).

De acordo com a antropóloga italiana Alessia de Biase (2009, p. 69-70): “Um dos componentes mais originais e mais característicos do assentamento rural italiano no Brasil é a

capela”¹⁹, pois através dela foram fundados os elementos mais originais da cultura que possibilitaram a interação entre os imigrantes.

Frosi e Mioranza (2009), tendo em vista a mesma temática, observam além de questões religiosas e de vivência social: “[...] à possibilidade de poder transformar o pequeno núcleo inicial em aglomerado que, no futuro, poderia ser um centro socioeconômico de projeção” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 61). Esse objetivo não ganhou projeção em muitos lugares, seja por falta de interesse dos imigrantes ou pela pouca assistência do governo. Entretanto, algumas comunidades formadas se solidificaram e persistem até hoje, como as que aqui serão apresentadas.

Segundo Herédia (2003), em 1876 já chegavam à atual Galópolis (hoje Região Administrativa de Caxias do Sul) os primeiros imigrantes italianos provindos das comunidades de Schio, província de Vicenza, no Norte da Itália, e por ali se fixavam para trabalhar no lanifício. Outros, porém, devido à inexperiência no ramo têxtil, optaram por continuar desenvolvendo seus trabalhos na agricultura, e fixaram-se na região da 4ª Léguas, muito próxima a Galópolis. Assim, foram sendo construídas as primeiras capelas da região, formando as comunidades menores dentro de uma maior: a 4ª Léguas.

Não se sabe a data precisa da formação das capelas na 4ª Léguas, mas, de acordo com a tradição popular²⁰ uma das primeiras a ser fundada foi a de São Vitor. Imigrantes devotos ao santo ergueram uma pequena igreja e escolherem São Vitor como Patrono. Como a capela era pequena, é conhecida até hoje por “São Vitoreto”.

Depois de São Vitor foi fundada a capela de São João Evangelista que parece ser a maior de todas em população. Acredita-se que seus habitantes tinham devoção ao apóstolo e evangelizador São João.

As capelas de São Paulo, São Brás e São José foram fundadas depois. De acordo com relatos de antigos moradores, o padroeiro São Paulo tenha sido escolhido por ser conhecido como protetor de picadas de cobra, animal muito temido pelos imigrantes.

São Brás era o padroeiro protetor das dores de garganta. Na época da imigração muitas mães atribuíam a ele a cura da difteria/crupe (por eles chamada “grupe”), que matou centenas de imigrantes nas viagens dos que atravessavam o oceano. Por ser um lugar bastante isolado e estar situado em uma planície entre morros, o local é popularmente conhecido como “Val dei tatu”.

¹⁹ **Do original:** “Un des composants les plus originaux et le plus caractéristique de l’implantation rurale italienne au Brésil, est la capela” (DE BIASE, 2009, p. 69-70).

²⁰ A maior parte das afirmações presentes nesse tópico foi feita a partir de relatos de moradores e descendentes dos primeiros imigrantes, visto que há pouquíssimas referências sobre o presente assunto.

Apesar do número maior de capelas, há uma parte da região que não segue denominação originada por critérios religiosos: a comunidade do Mirambel. Segundo o relato feito por um dos informantes morador da localidade (INF04), o nome Mirambel originou-se da música popular “Sul castel de Mirabel”, fazendo referência a um lugar localizado no alto de uma pequena serra, cercado por grandes precipícios (como é o caso da comunidade), como o lugar ao qual, acreditamos, a música faça referência: ao castelo de Mirabel, localizado em Salzburgo, na Áustria²¹.

Os primeiros moradores da capela de São José da 4ª légua tinham grande devoção ao Santo pai terreno de Jesus e protetor dos trabalhadores. Conta a história que trouxeram a imagem do santo da Itália e fundaram a capela São José por volta de 1877.

Hoje, após 137 anos de migração, a região da 4ª légua, juntamente com suas capelas, ainda existe e guarda uma tendência cultural inimaginável, presente na vida dos ítalo-brasileiros que ali residem e na sua linguagem, que ainda tem o dialeto italiano como um de seus principais meios de comunicação e que permite a construção de características bem peculiares ao longo da história, como será melhor detalhado no subitem 1.3.

1.3 DIALETO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DA RCI

Pierre Bourdieu (2003) observava que as representações simbólicas são utilizadas estrategicamente como instrumento de interesse de quem faz uso desses símbolos. Os processos migratórios, por sua vez, podem ser vistos como ponto de partida para a criação desses símbolos que estarão ligados a uma memória coletiva, tornando-se, ao longo do tempo, mitos de fundação que serão levados para sempre no imaginário social. Esses mitos, por sua vez, serão responsáveis pela construção das identidades de um povo e pelos elementos simbólicos que permeiarão toda a história daquela comunidade, como é o caso do dialeto vênето sul-rio-grandense e sua estrita relação com a formação da RCI.

As variedades linguísticas que chegaram com os primeiros imigrantes italianos, juntamente com traços da língua portuguesa, possibilitaram uma real mescla linguística²² (FROSI, 2000, p. 85), posteriormente denominada coiné de predominância vêneta (FROSI; MIORANZA, 2009). De acordo com Frosi (2000), a história sociolinguística da RCI passou por períodos muito importantes para chegar a sua situação atual. Dentre eles destaca-se a

²¹ Ainda há uma carência muito grande de informações, mas pesquisas estão sendo feitas pela mestranda e sua orientadora Carmen Maria Faggion para posterior publicação. A pronúncia recebe uma nasal, em Galópolis (*Mirambel*, em vez de *Mirabel*).

²² Mais informações sobre a formação da mescla linguística serão abordadas no Capítulo 2.

década de 1930, com a campanha de nacionalização de Getúlio Vargas, em que as comunidades plurilíngues, como era o caso da RCI, não poderiam mais falar suas línguas e dialetos, fato esse que afetou de forma inimaginável a perpetuação dessa variedade. Com isso, “A língua portuguesa adquire prestígio, *status*, a fala dialetal italiana é estigmatizada” (FROSI, 2000, p. 89).

O estigma²³ em relação ao dialeto reflete o estigma dirigido ao falante desse dialeto, normalmente, um homem simples, com uma fala portuguesa cheia de traços de sotaque. Conseqüentemente, como explicita Frosi (2000, p. 90): “O ítalo-brasileiro sofre uma dupla estigmatização sociolinguística: sua fala em dialeto italiano é feia, é indicativa de ser colono; sua fala em língua portuguesa denuncia suas origens étnicas: meio italiano, meio brasileiro. Sua fala em língua portuguesa revela seu passado recente”. Cria-se, a partir disso, um novo “tipo social” pejorativamente chamado “colono” e, após tantos anos, ainda utilizado no sentido depreciativo: “A palavra *colono*²⁴, além de indicar a atividade exercida pelo habitante da zona rural, era usada com sentido pejorativo, ofensivo, tinha força de palavrão, como *ser grosso*, *ser ignorante*, não ser instruído” (FROSI, 2010a, p. 169).

Com essa situação de estigma iniciada, principalmente, com a brasilianização (PESAVENTO, 1980, p. 191) de Vargas, juntamente com a constante inserção da língua portuguesa junto às comunidades, o dialeto perde espaço, perde valor e perde falantes. Os pais não buscam transmitir aos filhos essa real herança linguística que, para eles, era motivo de vergonha.

Esse período histórico será muito representativo na intensa e sucessiva perda dialetal, questão essa que acarretará consigo um novo processo de transformação linguística, cedendo espaço, cada vez mais, à língua portuguesa.

Entretanto, segundo Frosi (2000), o ano de 1975, ano do Centenário da Imigração Italiana, apresenta-se como um novo marco na história linguística da RCI: festejos e comemorações marcarão um novo momento de autoafirmação e retorno às origens italianas. Os valores se invertem, pois as celebrações dessa data geram uma nova realidade: “A busca das origens através da reconstituição da história familiar se acentua a partir dos anos 70. Reatar o elo rompido com a Itália faz parte de um contexto regional que tem por base a dupla identidade” (MOCELLIN, 1996, p. 84). Desse momento em diante, eles (descendentes de

²³ Ver mais referências sobre o estigma linguístico na RCI em: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs; 2010.

²⁴ Grifo da autora.

imigrantes) assumem o “ser italiano” até ali negado, e, assim, inicia-se um processo reverso do que vinha acontecendo.

O que acontece nesse período não é apenas uma retomada de elementos fundadores, mas uma reinterpretação dos símbolos dessa comunidade. Inicia-se, assim, uma total reversão do estigma, ou seja, uma “revolução simbólica” contra a submissão por eles sofrida (BOURDIEU, 2003) que resultará em um novo processo de dominação, dessa vez do ítalo-brasileiro em relação às outras comunidades. Entretanto, a reversão do estigma não atua de uma maneira positiva, assim como afirma Bourdieu (2003, p.127) “Abolir o estigma realmente [...] implicaria que se destruíssem os próprios fundamentos do jogo que, ao produzir o estigma, gera a procura de uma reabilitação baseada na auto-afirmação exclusiva que está na própria origem do estigma”.

Essa autoafirmação exclusiva citada por Bourdieu (2003) resultará na apropriação e reformulação de elementos simbólicos para aquela comunidade, dentre eles, a língua (no caso, o dialeto).

Inicia-se, assim, um real *revival étnico*: revivem-se e ressignificam-se as origens. O colono, por exemplo, adquire um novo *status*. Segundo De Biase (2009, p. 77): “No início da imigração italiana, o termo [colono] teve, também, a conotação pejorativa de pessoa sem ambição e grosseira; em seguida, no decurso do processo de recuperação das origens, por parte da terceira geração, a partir de 1975, o termo foi totalmente resgatado”²⁵.

Assim como o processo iniciado nos Estados Unidos denominado “*Black is beautiful*”, na Serra Gaúcha, inicia-se um movimento muito semelhante: “*Colono is beautiful*” (DE BIASE, 2009, p. 93), um movimento (sentimento) transformador que será repercutido no discurso das pessoas e da mídia através de festas, formação de grupos, construção de museus, entre outros tantos elementos simbólicos.

Em meio a esse resgate étnico, a ressignificação de um elemento será primordial no presente trabalho: o resgate do dialeto vênето sul-rio-grandense.

A história linguística da RCI entrecruza-se com a história social. Como descrito na primeira parte deste Capítulo, a formação de uma identidade cultural tem estrita relação com a linguagem da comunidade em questão, identidade essa que será construída através da linguagem: “A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua” (RAJAGOPALAN,

²⁵ **Do original:** “Au début de l’immigration italienne le terme a, lui aussi, la connotation péjorative de personne sans ambition et grossière; ensuite, au cours du processus de récupération des origines de la part de la troisième génération, à partir de 1975, il est totalement racheté” (DE BIASE, 2009, p. 77).

1998, p. 41). Dessa forma, esse “revival étnico” que acontece por volta de 1975 trará grande impacto cultural e linguístico.

De acordo com De Biase (1994), o dialeto, até o momento estigmatizado e ridicularizado pela população urbana, será exaltado como marca identitária dos ítalo-brasileiros. Uma forte onda de “linguistas improvisados” (DE BIASE, 2009, p. 108), juntamente com autoridades, tornam o talian a língua oficial da região, fornecendo ao dialeto (a essa altura já bem transformado) o *status* de língua: “Nos processos de construção de identidade [...] o *talian*, doravante, não será mais agora considerado um dialeto humilhante, mas uma *língua* valorizada que dá a quem fala um status de poliglota”²⁶. (DE BIASE, 2009, p. 108).

A partir dessa situação, o que até o momento vinha sendo motivo de vergonha transforma-se em motivo de orgulho. Não é difícil deparar-se com adesivos em vidros de carros e de casas com as seguintes frases: “Mi son talian” (Eu sou talian) ou “Mi parlo talian” (Eu falo talian). Hoje, por exemplo, redes sociais abordam essas questões como um diferencial na identidade das pessoas que pertencem àquele grupo: há tantas “comunidades” em redes como o Orkut ou páginas especiais no Facebook que ressaltam o “ser italiano” e o talian.

Um exemplo muito interessante a ser analisado é o caso da cidade de Serafina Corrêa, município da RCI, que, no ano de 2009, formula uma Lei²⁷ decretando o talian como língua co-oficial da cidade ao lado do português, reflexo do novo olhar e da nova identidade criada. Excertos da Lei evidenciam orgulho, mas, ao mesmo tempo, desconhecimento da real situação em que esse dialeto, agora língua, encontra-se: poucos são seus falantes e muitas as transformações sofridas pela variedade linguística em questão. Apenas como exemplo, cabe citar o Capítulo VI do Artigo 2º da Lei que visa: “Ensinar o Talian nas escolas por mecanismos culturais de aceitação social, por meio de processos de educação formal, informal e não formal”.

Elevar um dialeto à condição de língua demonstra a mudança de mentalidade em relação ao estigma uma vez sofrido. Adotar outras medidas, contudo, tais como torná-lo matéria obrigatória nas escolas, parece um passo que merece ponderação. Frosi (2000) observa que essa situação não faz sentido dentro da realidade linguística do talian: as

²⁶ **Do original:** “Dans le processus de construction identitaire [...] le talian ne sera plus dorénavant considéré comme un dialecte dégradant, mais comme une langue valorisant qui donne à celui qui le parle le statut de polyglotte” (DE BIASE, 2009, p. 108).

²⁷ LEI Nº 2615, de 13 de novembro de 2009. Disponível em:

<http://www.serafinacorrea.rs.gov.br/site/publicacoes/documento_detalhe.php?gCdCategoria=5&gAno=2009>. Acesso em 06 nov. 2012.

tentativas de inserção do dialeto nas escolas seriam pouco eficazes: “A sua aprendizagem representaria algo subtrativo, não algo aditivo à bagagem cultural do aprendiz” (FROSI, 2000, p 95). Um ponto crucial é, na verdade, preservar o vêneto sul-rio-grandense nas famílias, o que está se perdendo. Por outro lado, levar em consideração o desejo da comunidade também pode ser um caminho alternativo. O desejo de revitalização também deve ser levado em conta, não apenas visto como uma opção linguística, mas cultural.

Essas atitudes de mudança de pensamento vêm ao encontro da afirmação feita por Burke (2010, p. 22):

As comunidades imaginadas, assim como outros frutos da imaginação, têm efeitos reais, e as tentativas de criar comunidades impondo uma língua ou uma variedade linguística em particular têm importantes consequências, mesmo que não sejam sempre as pretendidas pelos idealizadores. Dessa forma, precisamos analisar o papel das línguas não somente como expressão ou reflexos de um sendo de coesão comunitária, mas também como um dos recursos por meio dos quais as comunidades são construídas ou reconstruídas.

Consequentemente, a escolha de uma língua comum, antes um dialeto, para representar linguisticamente uma comunidade, demonstra a transformação identitária sofrida por aquela comunidade, fato esse que ajudará na construção de um *status* linguístico e cultural, assim como afirma Frosi (2010b, p. 45): “Sentimos orgulho de nossa origem étnica italiana; hoje, sem dúvida, podemos assim afirmar esse sentimento em qualquer circunstância, em qualquer ambiente, em qualquer lugar”. Dessa forma, o que antes era motivo de vergonha transforma-se em um símbolo muito significativo na identidade do grupo em questão.

Os próprios estudos feitos após esse período de “revival étnico” demonstram o orgulho étnico e linguístico dos ítalo-brasileiros: não há mais estigma, mas sim um realce do ser descendente de italianos e falar uma língua falada além-mar. Atendo-nos aos estudos mais recentes realizados pelo projeto *Estigma* (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010) e a dissertação de Bergamaschi (2006), ambos enfatizam que o preconceito em relação à variedade linguística dialetal existiu e deixou marcas, mas, hoje, há valorização étnica.

O talian, além de língua co-oficial, como citado anteriormente, é declarado patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul²⁸ e Santa Catarina²⁹, ambas as Leis criadas em 2009. Imagina-se que uma série de questões políticas e ideológicas permeiem toda essa “volta às origens”. Entretanto, não se pode negar a grande transformação: o dialeto passa de variedade estigmatizada e proibida a língua oficial e patrimônio de Estados que, no

²⁸ LEI N° 13.178, de 10 de junho de 2009. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis/Arquivos/13.178.pdf>>. Acesso em 06 nov. 2012.

²⁹ LEI N° 14.951, de 11 de novembro de 2009. Disponível em: <http://server03.pge.sc.gov.br/LegislacaoEstadual/2009/014951-011-0-2009-001.htm>. Acesso em 06 nov. 2012.

passado, foram também deflagradores do movimento de nacionalização. Frosi (2010a) muito bem observa quando diz: “Em confronto com o passado, um novo quadro se configura nos dias atuais. Ser bilíngue de português e de dialeto italiano já não constitui um problema [...] há manifestações de fidelidade étnica, de apego à cultura, de modo geral” (p. 170).

Cabe ressaltar que toda essa valorização e divulgação do talian não impediu, é claro, a contínua mudança linguística dessa variedade decorrente, também, das modificações culturais sofridas, desencadeadas, entre outros motivos, pelos processos de globalização.. Assim como observa Hall (2004), a globalização contesta as identidades fechadas, possibilitando o intenso contato com influências externas: “À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2004, p. 74). Ou seja, todo o processo de afirmação identitária e linguística da RCI não estava imune a influências externas e constantes mudanças no perfil dos falantes do talian. Sabe-se que muitas de suas peculiaridades linguísticas foram alteradas ao longo do tempo (FAGGION, 2011) e se encontram, como acontece com todas as línguas, em constante processo de mudança.

Esse panorama geral, embora sucinto, sobre a história linguística da RCI é muito importante para a compreensão dos dados do *corpus* que serão analisados posteriormente³⁰, além da própria descrição da configuração atual do dialeto vênето sul-rio-grandense, que será trabalhada no Capítulo 2, pois toda a mudança dialetal está estritamente ligada às questões históricas e sociais, como as descritas neste capítulo.

O próximo capítulo apresenta o referencial teórico que será utilizado na análise dos dados, permitindo uma investigação mais detalhada sobre o dialeto vênето italiano em comparação com a coíné de predominância veneta descrita por Frosi e Mioranza (1983). Além disso, apresentar-se-ão subsídios teóricos da análise funcional linguística abordada por Castilho (2010), juntamente com aspectos lexicológicos tendo em vista as questões dos neologismos por empréstimos (CARVALHO, 1984; ALVES, 1994).

³⁰ A análise estará presente no Capítulo 4 da dissertação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o aporte teórico utilizado nesta dissertação. A primeira parte (2.1) é dedicada a elucidar questões sobre a inter-relação entre dialeto e oralidade, tendo em vista seu caráter informal e maleável. Na segunda parte (2.2) será dado enfoque à formação dos dialetos italianos setentrionais, a partir de uma apresentação histórica da questão dialetal na península itálica. A terceira parte (3.2) apresenta como ocorreu a formação do dialeto vênето sul-rio-grandense, desde a chegada dos primeiros imigrantes em solo brasileiro até sua configuração atual. Na seção 2.4, será explicitada a atual situação linguística da RCI, tendo em vista o perfil dos falantes e a utilização de neologismos por empréstimos e a alternância de códigos. A quinta parte (2.5) abordará algumas das questões relacionadas com a análise funcional linguística, como a gramaticalização dos verbos auxiliares, um dos enfoques do estudo.

2.1 DIALETO E ORALIDADE

A ligação entre dialeto e oralidade é inquestionável. A fala dialetal parece estar relacionada à cultura não escrita. Isso deve ter contribuído, muitas vezes, para a depreciação do dialeto, e até mesmo para sua estigmatização.

A relação entre língua minoritária e estigmatização inicia-se no momento em que a primeira não é ligada à escrita, ou seja, em última instância, ao poder econômico. Segundo Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p. 15-16):

Via de regra, quando ocorre uma situação de contato entre línguas, a língua identificada com um grupo de menor poder político, econômico e/ou cultural será a língua minoritária ou estigmatizada, contrastando com a língua majoritária ou de prestígio. Os falantes da língua minoritária são geralmente o grupo mais afetado pelas atitudes de diferentes grupos sociais – na maioria dos casos, atitudes negativas – com relação à língua adotada.

Crystal (1997) pontua que a língua escrita é mais formal por ser ligada a padrões de valor da sociedade. A padronização linguística, desde a antiguidade, fez com que os dialetos fossem vistos como uma comunicação inferior, desprezada (BURKE, 2010). Ainda segundo Burke (2010), os registros escritos foram peças fundamentais para a disseminação da ligação entre dialeto e inferioridade. Os dramaturgos, ao escreverem suas peças, faziam com que os falantes de dialetos fossem figuras ligadas ao provinciano para dar efeito cômico às situações (BURKE, 2010, p. 52).

De acordo com Crystal (1997), o registro escrito permite a permanência, ponto fundamental. Os registros sagrados, por exemplo, permitem a criação de uma identidade e autoridade de uma tradição (CRYSTAL, 1997, p. 181), conseqüentemente, levam à formação de uma língua principal, padrão. A língua minoritária (TRASK, 2008, p. 169), por outro lado, apesar de toda tradição oral ligada a costumes e à história dos povos, perde espaço e prestígio, correndo o risco de extinguir-se, como é o caso da variedade linguística observada neste trabalho.

A partir da procura por dados e referências, percebe-se que há uma série de estudos ligados à oralidade que evidenciam a “oralidade perdida” de povos, tribos e períodos passados (CALVET, 2011; DAHER, 2012), esquecendo-se que essa não é ligada apenas a histórias e línguas passadas, mas é muito presente em pequenas comunidades, como o caso aqui representado, que ainda se utilizam desse meio primário de comunicação.

Coltro (1998) afirma que o dialeto é a língua da oralidade, uma língua que não está restrita a regras de utilização, é uma língua expressiva. Sabe-se, por outro lado, que os dialetos têm regras gramaticais bem definidas, mas, dentro da perspectiva da oralidade, ele pode ser muito “adaptável” às distintas necessidades comunicacionais (URBANO, 2011). Para Urbano (2011, p. 134), a frase oral abre infinitas possibilidades de ordem sintática, por isso sua estrutura é praticamente imprevisível e, também adaptável às distintas necessidades comunicativas.

Segundo Coltro (1998), a oralidade dialetal é representada, antes de tudo, pelo gesto, pela voz, pelas pausas e entonações, seus interlocutores, seus espaços, tudo isso faz parte do dialeto.

Para Pinto (2001), a oralidade é caracterizada por uma série de aspectos de que a língua escrita não dispõe, como o “calor retórico”, a voz, a gesticulação, movimentação, expressões faciais, enfim, elementos que podem revelar não apenas aspectos linguísticos, muitas vezes estáticos, mas também a própria aproximação desse falante com o mundo cultural em que ele está inserido.

A oralidade “é a propriedade de uma comunicação realizada sobre a base privilegiada de uma percepção auditiva da mensagem” (HOUIS *apud* CALVET, 2011, p. 10). Sendo assim, a oralidade distancia-se das regras bem delimitadas da escrita para possibilitar a mudança, pois, nem sempre é possível reproduzir com fidelidade o que é apenas audível.

Urbano também observa que “A linguagem verbal se define inicialmente como uma atividade criada pelo ser humano, uma utilização da faculdade de exprimir, por palavras, estados mentais, de se comunicar com outros indivíduos” (URBANO, 2011, p. 15). Ou seja, a

comunicação mais significativa e entendida como real acontece através da linguagem verbal, da interlocução entre os falantes.

Investigar a linguagem oral é deparar-se com o imprevisível, é observar como a necessidade tem o poder de modificar, alterar e inovar. De acordo com Urbano (2011, p. 114):

A linguagem falada tem realizações sintáticas próprias, diferentes das da sintaxe da língua escrita, mas não há um abismo intransponível entre a sintaxe de ambas. Na verdade, enquanto a escrita se explica por processos lógicos, a sintaxe da língua oral deve ser estudada à luz dos fatores psicológicos (subjetividade, afetividade, emotividade) e pragmáticos, que decorrem particularmente da copresença dos interlocutores numa situação concreta de comunicação; há, portanto, fatores de ordem interacional.

Vista dessa forma, a linguagem falada (oralidade) define-se pela interação entre os interlocutores, ou seja, sua realização depende de fatores extralinguísticos pautados em modelos que possam considerar a integração entre semântica e pragmática (MATOS, 2012).

Essa visão tem reflexo nos tipos de estudos que levam em conta a oralidade. O presente trabalho mostrará a importância da inserção da análise funcional linguística para um trabalho mais eficaz que não seja reduzido a meras descrições, pois, seguindo a visão de Matos (2012, p. 165):

O estudo da oralidade que não reconheça a importância da interação está fadado à mera categorização de estruturas, repetindo, infelizmente, o trajeto já exaustivamente criticado por professores e pesquisadores especialmente quando se trata do ensino de língua.

Integrar estudos da oralidade com a gramática funcional é refletir sobre fenômenos, não apenas descrevê-los. Segundo Matos (2012, p. 159):

A teoria funcionalista da linguagem pode ser entendida como uma possibilidade de análise dos fenômenos da língua, sob uma concepção que vê seus elementos em uso. Neste sentido, a oralidade pode ser vista como uso da língua propriamente dito, observável em suas mais diversas manifestações.

Com isso, estudar um dialeto é poder sistematizar uma parte de tantos dados que a oralidade permite que sejam investigados. É, antes de tudo, considerar a língua falada um elemento de identidade histórica, linguística e social.

Não há como analisar um dialeto sem levar em consideração sua oralidade. Assim como Marcató e Ursini (1998) já afirmavam, o dialeto é uma língua de tradição oral, a língua de uma cultura. No caso do presente trabalho, a língua de uma cultura muito marcante no Rio Grande do Sul: a cultura ítalo-brasileira.

Essa cultura, segundo Frosi (1989), ainda preserva alguns traços básicos da cultura italiana, traços e valores que seus antepassados deixaram e que se consolidaram com o tempo. Dentre esses elementos, a linguagem dialetal foi muito marcante, principalmente nos primeiros anos de colonização em que o dialeto era a única forma de comunicação para essas

famílias recém-chegadas. Dessa forma, essa linguagem dialetal foi fundamental na construção da identidade do povo ítalo-brasileiro: suas crenças, histórias, memórias, enfim, nada disso teve o elemento escrito como perpetuador da cultura desse povo, mas sim a oralidade.

A próxima subseção fará uma apresentação geral sobre a formação e principais características morfossintáticas dos dialetos italianos vênets, dando ênfase ao *passato prossimo* e à questão dos neologismos por empréstimo.

2.2 DIALETOS ITALIANOS SETENTRIONAIS: FORMAÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

A vitalidade dialetal em território italiano é algo muito presente e perceptível entre seus falantes e visitantes. Apesar de não ter um território amplo em extensão, a Itália é linguisticamente formada por variedades muito peculiares e distintas entre si, ou seja, por muitos dialetos (ver Figura 1), sendo extremamente difícil, por exemplo, a comunicação entre um falante do siciliano (do Sul italiano) e um falante do vênets (do Norte italiano), se cada um deles empregar sua variedade dialetal.

A origem de tais áreas dialetais é complexa. A expansão do território romano através das conquistas militares iniciou a expansão linguística na região itálica. De acordo com Marcato (2007, p. 21): “Os dialetos italianos são resultado de um processo de transformação e diferenciação do latim falado amplamente, através da conquista romana, não apenas na Itália, mas em boa parte da Europa e ao longo da costa da África setentrional”³¹. O latim falado é na verdade um conjunto de variedades da língua – variedades regionais, sociais, históricas, marcadas por contatos linguísticos e culturais constantes – e o latim clássico é, nesse conjunto multiforme, a variedade padrão e, por consequência, a língua escrita (ILARI, 2004; ADAMS, 2003). É claro que as variedades orais eram as mais empregadas, no cotidiano, em toda a vastidão do império.

O latim clássico, por sua vez, língua mais utilizada em centros administrativos, como Roma, era restrito a determinadas camadas sociais e seguia tendência à conservação por ter o registro escrito como forma de manutenção. Entretanto, segundo Marcato (2007), o latim clássico, como todas as línguas, não era homogêneo, seguindo assim um processo de mudança no espaço e no tempo.

³¹ **Do original:** “I dialetti italiani sono il risultato di un processo di trasformazione e differenziazione del latino parlato diffuso, attraverso la conquista romana, non solo in Italia ma in buona parte dell’Europa e lungo le coste dell’Africa setentrionale” (MARCATO, 2007, p. 21).

As variedades faladas do latim, multiformes devido ao contato linguístico, às diferentes épocas em que era falado e aos diferentes níveis de letramento das populações que o aprendiam, ficaram conhecidas sob o nome de latim vulgar (LAUSBERG, 1981; RENZI; ANDREOSE, 2009), língua do cotidiano das famílias, a atividade linguística mais utilizada (RENZI; ANDREOSE, 2009).

Renzi e Andreose (2009) observam que, com a crescente expansão da sociedade romana ao longo de seu extenso território, o latim se difunde, e o contato linguístico será um dos elementos a acelerar os fenômenos de variação e mudança da língua.

Conforme explica Lausberg (1981), a romanização das regiões favorece a deflagração (e transformação) da língua oficial. Segundo o autor:

No processo de romanização do Império, processo este que acaba por abranger também camadas mais profundas, a língua quotidiana do homem comum, do lavrador, do soldado, do comerciante, do escravo, enfim, o chamado *latim vulgar* (*sermo vulgaris, plebeius, quotidianus, rusticus*) desempenhou, com o andar do tempo, um papel mais importante do que a língua literária da camada superior romana. (LAUSBERG, 1981, p. 48).

Por volta do século IV, o caráter escrito da língua latina servia, principalmente, para a comunicação oficial, cada vez mais restrita e ininteligível à população. Com isso, os núcleos feudais favoreceram a criação de meios de comunicação próprios das comunidades (BELLONI, 2006). De acordo com Marcato (2007, p. 22): “O poder central [de Roma] com o tempo enfraquece; diminui cada vez mais a influência de Roma como centro principal, mas se subdividem também unidades linguísticas; conseqüentemente, tendem a multiplicar-se as peculiaridades locais que vão em distintas direções”³².

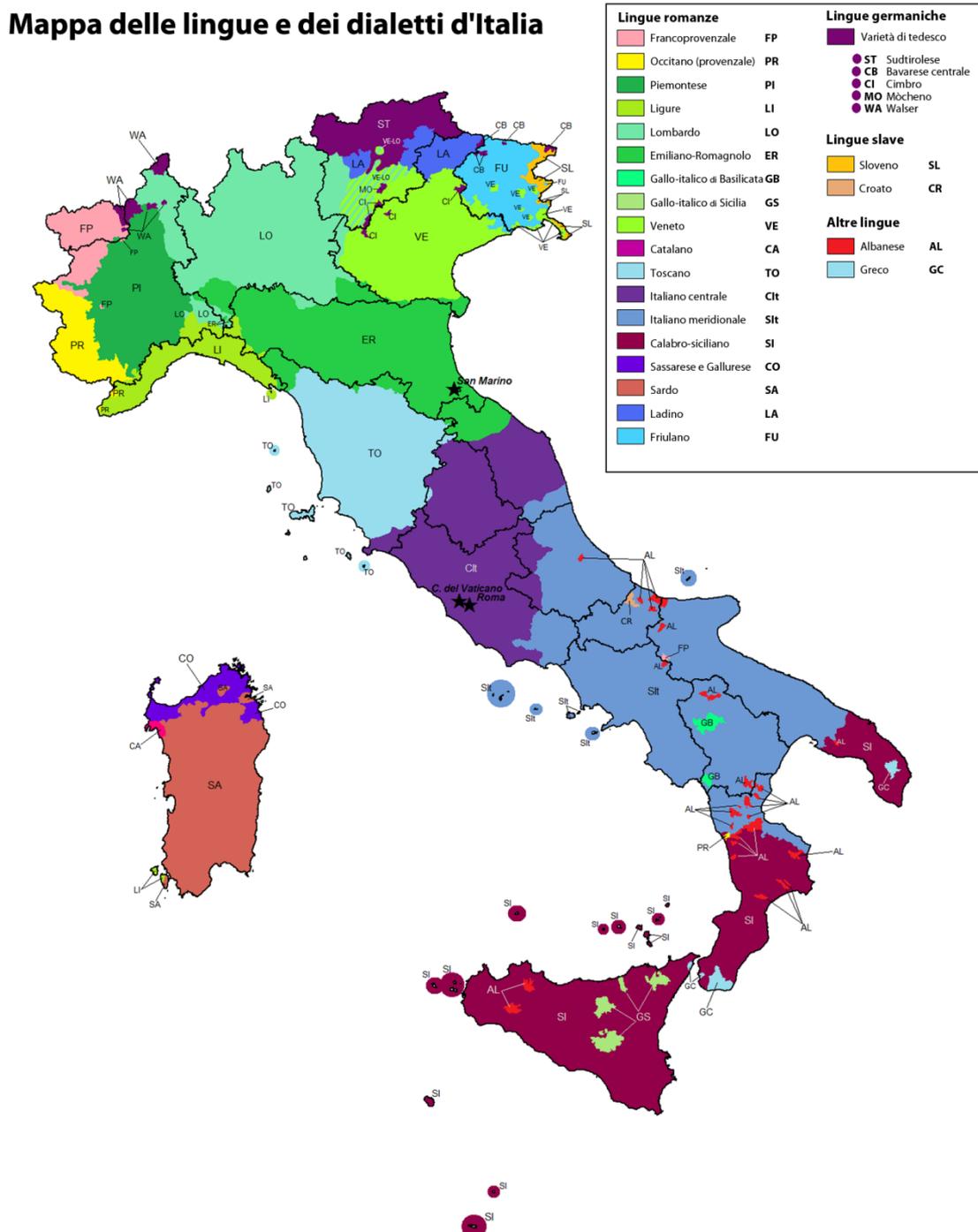
As particularidades linguísticas de distintas localidades, com base no latim vulgar, se transfiguram nas línguas romances (do “*romanicus* = romano”)³³, das quais provêm as línguas românicas ou neolatinas.

Lausberg (1982, p. 28) apresenta as dez principais línguas românicas: português, espanhol, catalão, provençal, francês, reto-romano, dálmata, romeno, sardo e italiano. Contudo, o galego, o mirandês e outras línguas compartilham hoje esse estatuto de línguas românicas.

³² **Do original:** “Il potere centrale [di Roma] col tempo si indebolisce; si attenua sempre più l’influenza di Roma come centro principale, ma si suddividono anche unità linguistiche; di conseguenza tendono a moltiplicarsi le particolarità locali che vanno in direzioni diverse” (MARCATO, 2007, p. 22).

³³ Belloni (2006, p. 07).

Figura 1 – Mapa das línguas e dos dialetos da Itália



Fonte: <<http://www.senigallianotizie.it/1323859006/litalia-non-finisce-a-senigallia-breve-ricerca-sul-dialetto-gallo-italico>> Acesso em: 01 nov. 2012.

Renzi e Andreose (2009, p. 52-58) apresentam outras variedades linguísticas romances que se destacam no *continuum* dialetal: o provençal, o franco-provençal, o sardo, o corso, o ladino central, o friulano e os dialetos italianos. A presente dissertação considera aqui os

dialetos italianos setentrionais³⁴, com vistas à melhor compreensão da realidade dialetal da RCI.

No território hoje pertencente à Itália, portanto, a expansão dialetal foi bem característica. As denominadas ilhas dialetais, formadas, principalmente, pelas subdivisões de localidades, assinalam a presença de inúmeras variedades linguísticas.

Cabe enfatizar que, conforme tão bem pontuam Renzi e Andreose (2009, p. 59): “Recordamos, primeiramente, que esses dialetos são continuações locais do latim, e não, como poderiam alguns pensar, derivações do italiano de base toscana”³⁵. Sendo assim, não é a língua italiana que origina os dialetos, mas precisamente o contrário é que ocorre: um deles, mais especificamente aquele falado na região da Toscana, o dialeto florentino, é que se tornará a base do italiano escrito pela riqueza e tradição literária da região (LAUSBERG, 1981).

As classificações dialetais italianas divergem de um autor para o outro. Lausberg (1981, p. 38) elenca quatro grupos: dialetos galo-italícos, veneziano, centrais e sulistas. Para Renzi e Andreose (2009, p. 59), existem três grupos fundamentais: dialetos setentrionais, toscanos e centro-meridionais. Na presente dissertação, adotar-se-á a classificação proposta por Pelegrini (1975; 1974 apud MARCATO, 2007) por ser um trabalho amplamente difundido e utilizado na área dialetal.

Com base no estudioso, Marcato (2007) explica que a divisão dialetal italiana tem fundamento no sistema ítalo-romance que, de acordo com Pelegrini (1974), contempla as “variedades faladas pela Península e pelas Ilhas que haviam escolhido há tempos, como língua principal (em suma, como língua) o italiano”³⁶ (PELLEGRINI *apud* MARCATO, 2007, p. 176).

Segundo Marcato (2007), o sistema ítalo-romance se dividiu em outros cinco distintos sistemas: os dialetos setentrionais, o friuliano, o toscano, os dialetos centro-meridionais e o sardo (MARCATO, 2007, p. 177). O toscano, mais especificamente a variedade florentina escrita, como já citado anteriormente, teve grande importância por ser a base para o italiano padrão (LAUSBERG, 1981; RENZI; ANDREOSE, 2009). Os dialetos setentrionais, para Renzi e Andreose (2009, p. 60): “[...] compreendem as variedades faladas no Piemonte, na Liguria, na Lombardia, no Trentino, no Vêneto, e, finalmente, na Emilia e na Romanha. No

³⁴ Posteriormente, será abordada a classificação dialetal italiana.

³⁵ **Do original:** “Ricordiamo anzitutto che questi dialetti sono delle continuazioni locali del latino, e non, come si pensa tavolta, delle deviazioni dall’italiano di base toscana” (RENZI; ANDREOSE, 2009, p. 59).

³⁶ **Do original:** “svariate parlate della Penisola e delle Isole che hanno scelto già da tempo, come lingua guida (in sostanza come lingua) l’italiano” (PELLEGRINI *apud* MARCATO, 2007, p. 176).

interior de cada região, que apresenta um tipo de dialeto próprio, existem sub-variedades locais caracterizadas por diferenças significativas”³⁷.

Segundo Marcato (2007), as variedades setentrionais compreendem duas distintas áreas italianas: a galo-italica e a vêneta.

A autora observa que a área galo-italica, ao Norte italiano, é composta por dialetos piemonteses, lombardos, ligúrios, emilianos e romenos (MARCATO, 2007, p. 183). A área vêneta faz parte do Nordeste da Itália, tendo como capital a cidade de Veneza. Dessa área fazem parte as cinco subdivisões do vêneto: o veneziano lagunar, o padovano-vicentino-polesano (vêneto central), o veronês, o trevisano-feltrino-belunês e os dialetos ladinos (ZAMBONI, 1974, p. 07).

Tendo como base os estudos efetuados por Pellegrini (1974), Frosi e Mioranza (1983, p. 88) apresentam três sistemas dos dialetos da Itália setentrional: galo-italico e vêneto, friuliano e ladino central. Os sistemas galo-italico e vêneto foram os principais sistemas que influenciaram a área dialetológica da RCI, que apresentam as seguintes subdivisões: lígure, piemontês, lombardo, emiliano e vêneto (FROSI; MIORANZA, 1983). De acordo com Frosi e Mioranza (1983), os dois principais grupos chegados à RCI foram o lombardo e o vêneto. Com base em Pellegrini (1974), Frosi e Mioranza (1983, p. 88-89) dividem a área lombarda em sete distintas áreas: lombardo ocidental, lombardo oriental, lombardo alpino, novarês e ossolano, trentino ocidental, ladino-fiammazzo e ladino-anáunico. Já a vêneta compreende seis: veneziano e lagunar, meridional ou paduano-vicentino-polesano, centro-setentrional ou trevisano-feltrino-belunês, veronês, tristinholo-juliano e trentino oriental³⁸.

Frosi e Mioranza (1983) observam que essa classificação abrange as áreas de proveniência dos imigrantes que chegaram à RCI, por isso a importância de sua compreensão. Entretanto, devido à expressividade numérica de imigrantes de determinadas regiões e à distribuição das terras em solo brasileiro, os dialetos lombardos, vênéticos e friulianos têm mais representatividade, o dialeto trentino é observado em menos quantidade, e os ladinos pouco aparecem (FROSI; MIORANZA, 1983).

Dentro dessa perspectiva, e pela forte presença de características vênéticas no dialeto vêneto sul-rio-grandense, a próxima seção explicitará características do dialeto vêneto italiano

³⁷ **Do original:** “[...] comprendono le varietà parlate nel Piemonte, nella Liguria, nella Lombardia, nel Trentino, nel Veneto, e, infine, nell’Emilia e nella Romagna. All’interno di ogni regione, che presenta un tipo dialettale proprio, sussistono sottovarietà locali caratterizzate a volte da differenze notevoli” (RENZI; ANDREOSE, 2009, p. 60).

³⁸ O trentino oriental compreende a área oriental da província de Trento, tendo em seus dialetos características vênéticas marcantes (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 89). A observação desse dialeto se faz importante dentro do presente trabalho, pois, boa parte dos informantes tem origem dessa área trentina. Essas questões serão evidenciadas na análise dos dados.

para efetuar uma posterior comparação com o atual perfil linguístico da RCI.

2.2.1 Algumas características do dialeto vêneto italiano

Para fins de comparação, serão traçadas, de forma breve, características compartilhadas entre os dialetos vênetos, o italiano e o sul-rio-grandense, quanto a aspectos que sejam importantes para a presente dissertação, como a formação do passado próximo (referente ao pretérito perfeito do português) e os neologismos por empréstimos em ambas as variedades, italiana e portuguesa, no vêneto sul-rio-grandense.

Nota-se que a literatura em relação a características morfossintáticas do vêneto italiano é bem menor que a das características fonético-fonológicas, provavelmente, pela tradição das relações entre estudos dialetológicos e a sua fonética e fonologia. (ROHLFS, 1966; ZAMBONI, 1974; PELLEGRINI, 1977; FROSI; MIORANZA, 1983; LOPORCARO, 2009).

Após uma investigação entre importantes pesquisadores que dedicaram estudos à morfossintaxe do dialeto vêneto (ROHLFS, 1968; 1969; FROSI; MIORANZA, 1983; MARCATO; URSINI, 1998; BELLONI, 2006), foi possível traçar um breve perfil das duas principais questões-enfoque do presente trabalho: a formação do passado próximo e a adoção de neologismos por empréstimos.

2.2.1.1 O passado próximo

O passado próximo (*passato prossimo* ou, simplesmente, pretérito perfeito composto) é um tempo verbal composto com uma rica história linguística, amplamente utilizado nos dialetos italianos, no italiano padrão e em outras línguas românicas. Esse tempo verbal indica um fato sobre um passado recente, ou um fato concluído que se estende no presente (LEPSCHY; LEPSCHY, 1993), ou ainda algo pontual (ROHLFS, 1967). Segundo Belloni (2005), esse passado indica uma ação já passada, tanto em partes como de forma completa, substituindo, muitas vezes, o *passato remoto* e o composto *trapassato prossimo*. Na língua portuguesa, temos o pretérito perfeito simples, como forma mais recorrente: *Escrevi* uma carta.

Segundo Faggion (2012), dentre outras línguas românicas como o italiano padrão e o francês, há o uso frequente dos tempos compostos formados pela junção de um dos auxiliares (*essere* ou *avere*; *être* ou *avoir*) a um verbo no participípio. Dessa forma, para descrever uma

situação passada pontual, italianos e franceses utilizarão frases como *ho scritto* e *j'ai écrit* ('escrevi'). A forma simples, representada pelo passado remoto (*passato remoto*), restringe-se à língua escrita (FAGGION, 2012). Um exemplo seria Mio nonno *arrivò* in America nel 1879 (Meu avô chegou na América em 1879), que dificilmente ocorreria na língua oral. Rohlfs (1967) observa que um dos clássicos da literatura, *Promessi sposi*, de Manzoni, utiliza-se do pretérito perfeito em raras partes, restringindo-se ao discurso direto: *io ho capito tutto, l'ho trovato, quand'è partito?* (ROHLFS, 1967, p. 48).

Ainda segundo Rohlfs (1967, p. 45), o passado remoto vai sendo substituído pelo passado próximo: piemonteses, lombardos e vênetsos usam-no inclusive para falar de um tempo distante: “Tre anni fa *ho fatto* un bellissimo viaggio a Parigi” [*port.* ‘Há três anos fiz uma bela viagem a Paris’] (ROHLFS, 1967, p. 45). Segundo o autor, o passado remoto se restringe à parte meridional da Itália, pouquíssimo usado na parte central (ROHLFS, 1967).

O português, por outro lado, opta pela forma simples do pretérito perfeito, mas, nota-se que, segundo Faggion (2012, p. 05): “[...] usa cada vez mais a forma composta de um outro tempo, o mais-que-perfeito composto (*Eu tinha lido, ele havia lido*). Raramente é empregada, fora da língua escrita, a forma simples (*Lera*)”.

Como será descrito no item 2.6.3, os verbos auxiliares sofrem um processo de gramaticalização através de esvaziamento semântico do verbo latino *habeo*, que, inicialmente, como verbo pleno, tinha o valor de posse, e que depois passa a ter valor de auxiliar. A partir desse momento, ocorre a escolha do auxiliar (*essere* ou *avere*)³⁹.

Observando a questão do pretérito perfeito composto no dialeto vênetsos, a regra é, normalmente, igual ao italiano padrão: verbo auxiliar (*esser* ou *aver*, no vênetsos) mais o particípio passado do verbo principal. Observemos a utilização do auxiliar *esser* e *aver* no passado próximo do dialeto vênetsos de base padovana, estudado por Belloni (2005, p. 84-88):

Quadro 01 – Flexões dos auxiliares *aver* e *esser* no vênetsos italiano

Passato prossimo – auxiliar “avere”	Passato prossimo – auxiliar “essere”
Mi <i>gò (a)vudo</i> (eu tive)	Mi <i>só stà</i> (eu estive)
Ti te <i>ghè vudo</i> (tu tiveste)	Ti te <i>sì stà</i> (tu estiveste)
Lu el <i>ga vudo</i> (ele teve)	Lu el <i>xe stà</i> (ele esteve)
Noaltri <i>gavemo vudo</i> (nós tivemos)	Noaltri <i>sémo stài</i> (nós estivemos)
Voaltri <i>gavì vudo</i> (vós tivestes)	Voaltri <i>sì stài</i> (vós estivestes)

³⁹ A questão da “escolha” dos auxiliares será mais bem explicitada no item 2.6.3.

Lóri i <i>ga vudo</i> (eles tiveram)	Lóri i <i>xe stai</i> (eles estiveram)
--------------------------------------	--

Fonte: Belloni (2005, p. 84-88)

Nota-se, na tradução ao lado, a forma simples do português em contraponto com a construção composta do dialeto vêneto.

Em um dos estudos mais renomados sobre a gramática dos dialetos vênéticos, Marcato e Ursini (1998) fazem uma pesquisa detalhada sobre as formas morfossintáticas unidas a questões históricas. Nesse trabalho, as autoras detalham a construção do *passato prossimo* em relação ao uso de seus auxiliares, observando que nem sempre as regras do emprego desses são aplicáveis aos dialetos vênéticos.

Marcato e Ursini (1998) resumem as principais regras em relação à escolha dos auxiliares quando descrevem:

No italiano o auxiliar *avere* é usado nos tempos compostos da forma ativa dos verbos transitivos, *essere* é usado em todos os tempos da forma passiva, além dos tempos compostos da forma reflexiva e pronominal. Existem outros casos, em relação ao comportamento dos verbos intransitivos, não facilmente identificáveis, uma vez que, por vezes, requerem a presença de ‘essere’, por vezes de ‘avere’, sem que se possa ter certeza de uma regra geral. Para alguns intransitivos é a indefinição de significado a forçar uma escolha certa: *viveu na pobreza, viveu apaixonadamente*. Como indicação geral pode-se dizer que requerem *essere* os verbos copulativos (*pareceu-me, foram-se, apareceram*); os verbos que indicam movimento (*eu fui, ele/ela veio, vocês entraram*); os verbos que além do significado transitivo (para o qual requerem ‘avere’) têm também um significado intransitivo: *o intervalo terminou; terminou a lição; tu começaste a me incomodar; as férias começaram; bateram as seis horas; os sinos tocaram em comemoração*.⁴⁰ (MARCATO; URSINI, 1998, p. 250).

Essas regras gerais tão explícitas no italiano padrão podem adquirir outro perfil nas variedades dialetais. De acordo com as próprias Marcato e Ursini (1998, p. 251-254), dentre alguns casos em que ocorrem possíveis trocas, destacam-se⁴¹:

- 1) Os dialetos vêneto permitem a extensão de ‘avere’ além das restrições delimitadas pela língua italiana: *me ga tocà* (‘mi è toccato’), *el ga piasso* (‘è piaciuto’).

⁴⁰ **Do original:** “In italiano l’ausiliare *avere* si usa nei tempi composti della forma attiva dei verbi transitivi, *essere* si usa in tutti tempi della forma passiva, oltre che nei tempi composti della forma riflessiva e pronominale. Esistono altri casi, riguardanti il comportamento dei verbi intransitivi, non facilmente codificabili, giacché essi richiedono la presenza talvolta di ‘essere’, talvolta di ‘avere’, senza che si possa avere la certezza di una regola generale. Per alcuni intransitivi è la sfumatura di significato ad imporre la scelta giusta: *è vissuto in povertà; ha vissuto appassionatamente*.

Come indicazione generale si può dire che vogliono *essere* i verbi copulativi (*mi è sembrato, eri divenuto, sono apparsi*); i verbi che indicano moto (*sono andato, è venuto, siete entrati*); i verbi che oltre al significato transitivo (per il quale vogliono ‘avere’) hanno anche significato intransitivo: *l’intervallo è terminato; ha terminato il compito; hai cominciato a seccarmi; le vacanze sono cominciate; sono suonate le sei; le campane hanno suonato a festa*” (MARCATO; URSINI, 1998, p. 250).

⁴¹ Os exemplos foram retirados de Marcato e Ursini (1998, p. 251-254).

- 2) Os verbos impessoais apresentam a regra do ‘avere’: *ga piovuò* (‘è piovuto’), *m’a parso* (‘mi è sembrato’).
- 3) Muitos fenômenos meteorológicos, no Piemonte e no Vêneto, preferem utilizar a forma verbal com ‘avere’: *ga nevegà* (‘è nevicato’).
- 4) Com os verbos reflexivos, o uso do auxiliar ‘avere’ é muito comum, principalmente em textos antigos: *io mi ho lavato* (‘mi sono lavato’).
- 5) Outros verbos reflexivos, inclusive pronominais, mantêm o uso de ‘avere’: *el s’à indormenzà* (‘si è addormentato’), *el se ga dottorà* (‘si è laureato’).

Além desses exemplos, Marcato e Ursini (1998) também observam que, a partir de 1600, o italiano opta pelo uso do auxiliar ‘essere’ com os verbos reflexivos, enquanto algumas zonas da Itália setentrional mantêm a construção, que ainda hoje encontramos, com o auxiliar ‘avere’: *em l’aveva imaginà* (‘me l’ero immaginato’) (MARCATO; URSINI, 1998, p. 253).

Essas exceções apresentadas por Marcato e Ursini (1998) servem de evidência para a possível troca de auxiliares que os falantes do vênето sul-rio-grandense realizam. Nota-se, a partir disso, que essa característica pode não representar uma perda da consciência linguística, mas, sim, uma peculiaridade trazida do vênето italiano para o talian.

2.2.1.2 Neologismos por empréstimos

Como será descrito no item 2.5.1.1, o vênето sul-rio-grandense apresenta um número significativo de elementos lexicais estrangeiros, provenientes em sua maior parte do português, e alguns até mesmo do inglês. O item lexical de uma língua, inserido e utilizado em outra, se chama neologismo por empréstimo (ALVES, 1994). Esses neologismos são comuns na realidade dialetal da RCI (FAGGION; FROSI, 2010; PICOL, 2013⁴²). Com o dialeto vênето da Itália não foi diferente.

Para Marcato e Ursini (1998, p. 113): “O léxico de uma língua se renova continuamente através de procedimentos internos (sufixação, prefixação, composição) ou adotando palavras de diversas línguas com as quais existe, de qualquer modo e em qualquer nível, um contato”⁴³. As variedades vênéticas também seguiram esse processo natural de renovação linguística, adotando elementos lexicais do árabe, francês, grego, inglês, eslavo, alemão e turco, por exemplo.

⁴² Trabalho orientado pela professora Dra. Carmen Maria Faggion.

⁴³ **Do original:** “Il lessico di una lingua si innova di continuo attraverso procedimenti interni (suffissazione, prefissazione, composizione) oppure accogliendo parole di lingue diverse con le quali ci sia, in qualche modo e a qualche livello, un contatto” (MARCATO; URSINI, 1998, p. 113).

Segundo os estudos feitos por Belloni (2005, p. 40):

Sabe-se que o Vêneto viu passarem e ficarem em seu território, após a colonização romana, povos estrangeiros vindos de todos os pontos cardeais; por isso não há do que se maravilhar se em nosso dialeto entraram termos de origem grega, bizantina, árabe, hebraico, eslavo, alemão, francês, espanhol, inglês, etc.⁴⁴

O contato com outras variedades linguísticas dialetais é muito comum, além do próprio contato com línguas padrão, como foi anteriormente descrito.

Não se apresenta como um dos objetivos dessa dissertação apresentar empréstimos no vênето italiano, e sim no vênето sul-rio-grandense. Dessa forma, faz-se importante saber apenas que também o vênето além-mar utiliza-se de elementos léxicos de outras variedades, provando mais uma vez que a renovação vocabular é uma característica geral. Naturalmente, no caso do vênето sul-rio-grandense, o contato com o português é constante, contínuo e perdurável.

O próximo item apresentará uma das principais questões para a compreensão da presente pesquisa: a formação do dialeto vênето sul-rio-grandense, a coiné vênета (FROSI; MIORANZA, 1983).

2.3 DIALETOS ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL: A COINÉ VÊNETA

Retomamos inicialmente, de forma sucinta, noções já vistas.

Sabe-se que a história linguística da RCI tem seu início em 1875, com a chegada dos primeiros imigrantes em solo brasileiro e a formação das primeiras comunidades. Com um perfil muito peculiar e original, o dialeto formado na RCI é o resultado de um processo complexo e instigante.

Frosi e Mioranza (1983, p. 112-118) explicam que os imigrantes italianos provinham de quatro distintas regiões italianas: vênета, lombarda, trentina e friuliana, cada região como um dialeto bem específico. Os índices percentuais migratórios por região apresentavam os seguintes percentuais: vênетos 54%, lombardos 33%, trentinos 7%, friulianos 4,5% e outros 1,5%, conforme vimos anteriormente.

Segundo Frosi e Mioranza (2009) os primeiros imigrantes chegados conservavam os dialetos por eles trazidos, sem influências externas. Com isso, seria possível imaginar que a presença de ilhas linguísticas, assim como existentes na Itália, aqui se perpetuasse, entretanto,

⁴⁴ **Do original:** “Si sa che il Veneto ha visto passare e fermarsi nel suo territorio, dopo la colonizzazione romana, popoli stranieri venuti da tutti i punti cardinali; per questo non c'è da meravigliarsi se nel nostro dialetto sono entrati termini di origine greca, bizantina, araba, ebraica, slava, tedesca, francese, spagnola, inglese ecc.” (BELLONI, 2005, p. 40).

fatores extralinguísticos possibilitaram a construção de um novo perfil dialetal, como, por exemplo, a questão da ocupação de lotes em solo brasileiro, que buscou apenas a povoação dos espaços mais próximos ao núcleo central, sem se preocupar em agrupar numa mesma área famílias que falassem o mesmo dialeto.

Essa situação, com o tempo, possibilitou a formação de um “cruzamento linguístico” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 81) com forte influência dos dialetos vênets, devido ao maior número de imigrantes aqui chegados provenientes dessa região italiana.

De acordo com estudos realizados por Frosi (2000) e Frosi e Mioranza (2009), nos primeiros anos da colonização ainda não havia a mistura das falas dialetais, nem a inserção da língua portuguesa nos meios de comunicação. Dialetos específicos mantinham independência. Essa primeira etapa apresentava um processo de intercruzamento linguístico lento, contando com a presença de dezoito diferentes dialetos italianos (FROSI, 2000, p. 86-87).

O segundo período da história sociolinguística acontece entre os anos de 1910 e 1950, em que o intercruzamento linguístico foi muito acentuado, abrindo espaço para dialetos de grupos maiores, como a variedade vêneta – como maior contingente de imigrantes – e a formação de uma *coiné* de base vêneta (FROSI, 2000, p. 88). Para Frosi e Mioranza (2009, p. 88): “Essas condições permitem definir e caracterizar a *coiné*, como uma mescla básica dos dialetos vênets mais representativos, com influências lombardas mais ou menos acentuadas, segundo as localidades de maior ou menor presença de falantes de descendência lombarda”.

Na década de 30 também ocorre a chamada campanha de “brasilianização” de Vargas (PESAVENTO, 1980, p. 191), momento em que o ensino da língua portuguesa e a proibição da fala dialetal devem ser rigorosamente seguidas. A partir disso, a língua portuguesa começa a ser vista como língua de prestígio, em detrimento da fala dialetal italiana, que passa a ser estigmatizada (FROSI, 2000; FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010).

O terceiro período vai de 1950 a 1975, momento em que o crescimento econômico e a industrialização tornam-se realidades bem perceptíveis (FROSI; MIORANZA, 2009). Com a abertura de novas vias e a possibilidade de ligação com outras comunidades, o isolamento cede espaço ao desenvolvimento. A partir dessa realidade, Frosi e Mioranza (2009) observam que a economia exigia um sistema linguístico conhecido, o que ocorre com a língua portuguesa, que se impõe como forma de troca e, posteriormente, como norma culta e prestigiada, fazendo surgir, assim, o quarto período: a predominância da língua portuguesa (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 124).

O que surge, a partir desse ponto, é o que Frosi (2000) define como *mescla linguística*:

Por mescla linguística entende-se aqui o intercruzamento, a mistura entre diversos sistemas linguísticos nos seus diferentes níveis de estruturação, isto é, nível fônico, lexical e morfossintático [...] haverá mescla linguística quando um ítalo-brasileiro, expressando-se em sua fala de dialeto italiano específico, utilizar elementos de outro dialeto italiano particularizado, ou elementos da língua portuguesa, ou ainda de outro sistema linguístico e, em sentido contrário, quando em sua fala de língua portuguesa, usar elementos de seu dialeto italiano ou de outros sistemas linguísticos. (FROSI, 2000, p. 85).

Essa mescla, como o próximo item e os resultados evidenciarão, faz-se muito presente na realidade linguística da RCI, abrindo espaço, cada vez mais, à língua portuguesa e perdendo características originais, além de perder falantes. Frosi e Mioranza (1983; 2009) já evidenciavam que, hoje, a coiné não é composta apenas por características dos dialetos italianos, mas tem considerável número de empréstimos da língua portuguesa.

O próximo item abordará o atual perfil do bilíngue da RCI, evidenciando a presença constante da mescla linguística e da contínua transformação linguística em que os falantes estão inseridos.

2.4 BILINGUISMO NA ATUAL RCI

O bilinguismo dialeto italiano-língua portuguesa, na RCI, sempre foi um traço identitário marcante, que já passou por um processo de estigmatização (FROSI, 2010) até vir a protagonizar uma espécie de *revival* linguístico nas últimas décadas (mais informações presentes no item 1.3). A passagem do tempo, as atitudes dos falantes e a modernização da região, por outro lado, nem sempre foram seus aliados. Sabe-se que hoje a comunidade bilíngue da RCI está cada vez menor, restringindo-se às poucas zonas interioranas e a falantes mais velhos (FROSI, 2000; FAGGION, 2010a; 2010b).

Muitos já foram os estudos feitos em relação ao bilinguismo. Em um dos primeiros e mais importantes trabalhos sobre bilinguismo e contatos linguísticos, Weinreich (1974) apresenta o bilinguismo como “a prática do uso alternativo de duas línguas” (WEINREICH, 1974, p. 02), ou seja, o bilíngue é alguém que consegue transitar entre duas variedades linguísticas. Grosjean (1994), por sua vez, via o bilíngue como alguém com “[...] a habilidade em produzir enunciados significativos em duas (ou mais) línguas, o domínio de pelo menos uma das habilidades linguísticas (leitura, escrita, fala, audição) em outra língua, o uso alternado de várias línguas, etc.” (GROSJEAN, 1994, p. 164).

Tabouret-Keller (1976, p. 290-291), em sua análise psicológica do bilinguismo, destaca dois grandes grupos. O primeiro considera o bilinguismo em relação ao indivíduo. O segundo, de ordem das condutas sociais.

Dentro da perspectiva de ordem social, destaca-se o bilinguismo *passivo*, em que “a língua menos conhecida é compreendida sem ser falada” (TABOURET-KELLER, 1976, p. 291), característica essa muito marcante nos jovens da RCI, em relação ao italiano, ao que nos é dado observar.

Sabe-se que no início da imigração ocorria bilinguismo (FROSI, 2000). As duas variedades existentes, português e dialeto italiano, eram independentes, ou seja, coordenadas segundo Romaine (2006, p. 78-80). Segundo Frosi (2000, p. 84):

Quando falava em dialeto italiano, não usava elementos de outro sistema linguístico e, quando falava em português, não praticava interferências do dialeto italiano ou de outro sistema linguístico. Nesse caso, os dois sistemas linguísticos – dialeto italiano e língua portuguesa – mantinham a sua independência e a sua integridade e preservados ficavam os seus elementos em todos os níveis da estruturação linguística.

Esse bilinguismo coordenado, como já observado no item 2.4, perde espaço para a língua portuguesa, dando origem a um bilinguismo subordinado, que, segundo Romaine (2006, p. 78-80), ocorre quando o bilíngue tem o domínio pleno de uma das línguas; a língua mais fraca acaba cedendo espaço à língua mais forte, ocorrendo muitas interferências. De acordo com a análise feita por Picol (2013, p. 287):

Na RCI, o bilinguismo aconteceu com os imigrantes italianos que, além do dialeto trazido da Itália, aprenderam a língua portuguesa (ao menos em nível de audição), formando um bilinguismo subordinado do dialeto italiano, na época a variedade mais utilizada, em relação ao português. Hoje [...] ocorre a transformação do bilinguismo subordinado ao composto, com influência da língua majoritária.

O português como língua majoritária ganhou espaço e falantes. Segundo as observações de Frosi (2000), a campanha de nacionalização na década de 30 foi um momento crucial para a total inserção da língua portuguesa como meio de comunicação, mesmo que imposto. Com isso, o monolinguismo dialetal do início da imigração cede espaço ao bilinguismo. Atualmente, esse bilinguismo começa a perder espaço, novamente, ao monolinguismo, mas, agora, do português em relação à variedade dialetal.

Picol (2013) observa que o número de falantes da coíné vêneta vem diminuindo: “as gerações mais velhas não transmitem o dialeto para as gerações mais jovens, os jovens, por sua vez, não têm interesse em aprender, identificam-se mais com outras culturas e línguas conhecidas como “globais”, como é o caso do inglês” (PICOL, 2013, p. 289).

Em um estudo recente, Faggion (2010b) enfatiza que o bilinguismo precoce, em outras épocas presente na RCI, perdeu espaço: “O bilinguismo precoce hoje, se existir, parece estar restrito às áreas rurais mais remotas. Nas regiões urbanas, as crianças não falam nem entendem italiano” (FAGGION, 2010b, p. 121). Hoje, nota-se grande dificuldade em

encontrar jovens que ainda falem o talian, até mesmo nas zonas rurais. Eles optam pela variedade linguística que julgam ser de mais prestígio (bilinguismo subtrativo), resultado da constante presença do bilinguismo passivo, ou seja, o domínio da compreensão de uma língua, mas não da fala (DE HEREDIA, 1987).

Situação muito semelhante acontece na Itália. Em estudos feitos no ano de 2006 pelo Instituto Nacional de Estatística, foi possível observar o progressivo abandono das variedades dialetais:

De 2000 a 2006 aumentou posteriormente o uso exclusivo do italiano padrão em família (de 44,1% em 2000 a 45,5% em 2006) e com amigos (de 48% a 48,9%), enquanto seu uso com estranhos ficou estabilizado em um nível alto (72,7% em 2000 e 72,8% em 2006). Ao contrário, a utilização exclusiva do dialeto, sobretudo no âmbito familiar, diminuiu significativamente no tempo: os números passaram de 32% em 1988 a 16% em 2006. Aumenta o uso misto de italiano e dialeto (de 24,9% em 1988 a 32,5% em 2006). (ISTITUTO NAZIONALE DI STATISTICA, 2007, p. 01)⁴⁵

Nota-se que em dezoito anos o número de falantes de dialeto cai pela metade em solo italiano. Por outro lado, a mescla entre a língua italiana e a variedade dialetal cresce, fato esse que pode ser comparado à situação do bilíngue da RCI: a formação de uma mescla entre português e talian é cada vez maior, e, com o tempo, tende a ter solução no monoliguismo da língua majoritária.

Também é interessante observar que, como no Rio Grande do Sul, os jovens do Norte da Itália não apresentam mais interesse em falar o dialeto de sua família. Segundo a análise de Marcato (2007, p. 43):

Os dados estatísticos informam que está em constante diminuição o percentual de jovens que aprendem dialeto em família na infância e o falam. O conhecimento do dialeto – ao menos do léxico dialetal – é mais limitado em relação ao conhecimento de um dialetófono de idade mais avançada; várias formas dialetais resultarãoparento opacas para os jovens. Por outro lado, especialmente no Norte da Itália, é mais difícil encontrar jovens que façam uso do dialeto nas grandes cidades do que nos pequenos centros⁴⁶.

O adjetivo “opaco” descreve muito bem no que se transformou a variedade dialetal para os jovens: em algo sem sentido, estranho, distante da realidade de um mundo

⁴⁵ **Do original:** “Dal 2000 al 2006 è aumentato ulteriormente l’uso esclusivo dell’italiano in famiglia (dal 44,1% del 2000 al 45,5% del 2006) e con gli amici (dal 48% al 48,9%), mentre con gli estranei si è stabilizzato su un livello alto (72,7% nel 2000 e 72,8% nel 2006). L’utilizzo esclusivo del dialetto, soprattutto nell’ambito familiare, è diminuito invece significativamente nel tempo: le quote sono passate dal 32% nel 1988 al 16% nel 2006. Aumenta l’uso misto di italiano e dialetto (dal 24,9% del 1988 al 32,5% del 2006)” (ISTITUTO NAZIONALE DI STATISTICA, 2007, p. 01).

⁴⁶ **Do original:** “I dati statistici informano che la percentuale di giovani che apprende il dialetto in famiglia sin da bambini e che lo parla è in costante diminuzione. La conoscenza del dialetto – quantomeno del lessico dialettale – è più limitata rispetto a quella di un dialettofono di età più avanzata; varie forme dialettali risulteranno dunque opache per i giovani. Inoltre, specialmente nell’Italia settentrionale, è più difficile trovare giovani che facciano uso del dialetto nelle città che nei piccoli centri” (MARCATO, 2002, p. 43).

globalizado. A própria parte Setentrional da Itália, sempre tão rica linguisticamente, vem perdendo falantes de dialeto. Marcato (2007) observa que a fala dialetal para os jovens está ligada a situações expressivas, emotivas ou de brincadeiras (MARCATO, 2007, p. 49).

Em uma experiência pessoal realizada em julho de 2012, em Val Rendena, localizado a oeste da província de Trento, no Trentino Alto-Ádige, notei, na interação com jovens (idade entre 22 a 30 anos), que o dialeto⁴⁷ é usado em tom de brincadeira com poucas palavras para dar efeito cômico a uma situação ou, até mesmo, para afastar o ouvinte da conversa. Alguns itens lexicais utilizados restringem-se a blasfêmias ou palavras de baixo calão proferidas em dialeto. O mesmo uso do turpilóquio se observa no Nordeste do Rio Grande do Sul (FAGGION, 2012b; FROSI, 2012).

Esses fatos evidenciam que a variedade dialetal, tanto na RCI quanto na Itália, vem perdendo espaço, perdendo falantes e cede espaço às línguas majoritárias do lugar, ou seja, respectivamente, ao português e ao italiano.

A perda contínua de um bilinguismo coordenado mostra a intensa influência das variedades prestigiadas. Hoje, encontramos na RCI um bilinguismo composto, isto é, com interinfluências das duas línguas (ROMAINE, 2006, p. 78-80) com muitas interferências do português, podendo essa situação, futuramente, ter solução em um bilinguismo subordinado, ou seja, a língua mais fraca cederá lugar à mais forte.

Dentro dessa perspectiva, nota-se a presença constante de interferências da língua portuguesa, o que ocasiona a presença de neologismo e alternância de códigos (*code-switching*), como será descrito no próximo item.

2.4.1 Línguas em contato: bilinguismo e interferências

Quando mais de uma variedade linguística é utilizada em um mesmo contexto, tem-se o contato. Segundo Weinreich (1974, p. 03) “Duas ou mais línguas são ditas em contato quando são usadas, alternativamente, pelas mesmas pessoas”⁴⁸ Na realidade linguística da RCI há um constante contato entre o talian e a língua portuguesa, principalmente após a campanha de “brasilianização” (PESAVENTO, 1980, p. 191), em 1930. Essa característica é responsável por uma série de interferências em ambas as variedades.

⁴⁷ Dialeto trentino com influências do lombardo.

⁴⁸ **Do original:** “Due o più lingue si diranno in contatto se sono usate alternativamente dalle stesse persone” (WEINREICH, 1974, p. 03).

Tabouret-Keller (1976) observa que o termo interferência linguística “[...] designa o processo que resulta na presença, num dado sistema linguístico, de unidades e com frequência de modos de organização pertencentes a um outro sistema” (TABOURET-KELLER, 1976, p. 292).

Para Mackey (1972) a interferência acontece quando há o uso de características pertencentes a uma língua em outra, que pode variar de acordo com o meio, o estilo, o registro e o contexto em que o bilíngue estiver inserido.

A interferência linguística, tal como referida nos autores acima, é um traço muito comum na atual realidade do dialeto vênето sul-rio-grandense. Hoje, como já explicitado no item 2.4, há a presença marcante de uma mescla linguística (FROSI, 2000, p. 85) decorrente do contato contínuo com a língua portuguesa. Essas interferências acontecem de duas principais formas na RCI: através da presença de neologismo e da alternância de códigos linguísticos.

2.4.1.1 Renovação e adaptação lexical: neologismos

A inter-relação entre léxico e cultura sempre foi amplamente estudada ao longo da história. Muitas vezes ouve-se a expressão “a língua é o espelho da cultura” (CARVALHO, 2011, p. 169), pois a representação linguística é o reflexo da realidade que circunda as pessoas. Oliveira e Isquerdo (2001) muito bem definem as inúmeras propriedades do léxico quando dizem:

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma cultura conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 09).

Um aspecto muito comum no campo do léxico é a renovação vocabular. De acordo com Carvalho (2011), o vocabulário evolui à medida que a cultura se desenvolve. Entretanto, essa situação pode passar despercebida ao falante, que apenas adapta sua comunicação às novas necessidades.

Segundo Carvalho (1984), as alterações sociais ajudam na transformação das necessidades comunicativas, interferindo, assim no sistema linguístico, daí a utilização de novas unidades lexicais. Na realidade linguística da RCI, há uma presença constante de neologismos por empréstimo do português (FAGGION; FROSI, 2010).

De acordo com Alves (1994), a criação lexical (a nova palavra, ou neologismo) utiliza vários processos, dentre eles o empréstimo. O empréstimo, muitas vezes, pode ser confundido com o estrangeirismo. Entretanto, o primeiro já foi totalmente integrado à língua receptora (de forma gráfica, morfológica ou semântica). O segundo ainda não conseguiu se incorporar (ALVES, 1994).

Para Tabouret-Keller (1976), o empréstimo acontece no momento em que o lexema de uma língua passa para outra. Mackey (1972) fala da interferência lexical que compreende a introdução de formas estrangeiras (de palavras e estruturas) na fala bilíngue.

Como já foi observando em seções anteriores, o dialeto vênето sul-rio-grandense vem cedendo espaço à língua portuguesa. Os falantes optam pela variedade que lhes parece mais útil dentro do contexto global. De acordo com Faggion e Frosi (2010), a inovação, a urbanização e a educação são os principais fatores que levam um grupo a adotar elementos lexicais de outro. Apesar da grande presença de um léxico dialetal voltado à culinária, ao trabalho e à descarga emocional, como turpilóquio, a perda constante de elementos genuínos do dialeto é algo perceptível (FAGGION; FROSI, 2010). Segundo as autoras: “No vênето sul-rio-grandense, parece que os processos de inovação lexical, através da formação de palavras, estão ausentes. Toda a renovação vocabular fica a cargo dos empréstimos, tomados quase sempre à língua portuguesa, ou através dela” (FAGGION; FROSI, 2010, p. 09). Todo esse processo de renovação vocabular está inteiramente ligado à evolução econômica da região, hoje, um dos pólos industriais do Brasil.

Apenas para fins de exemplificação, temos a noção de ‘aliança’, que no vênето italiano é representada pela palavra ‘vera’ (FAGGION; FROSI, 2010, p. 04). Hoje, na coiné vênета chama-se ‘aliansa’, ou seja, o lexema português com influências fônicas do dialeto italiano (na RCI, o *a* é pronunciado sem a elevação que normalmente ocorreria diante da nasal tônica). Isso também ocorre com tantas outras palavras, como é o caso de ‘garrafa’: no vênето italiano, ‘botiglia’, e na coiné ‘garafa’, apenas com a substituição da vibrante por um tepe.

Posteriormente, como os resultados evidenciarão, há uma constante utilização de elementos lexicais da língua portuguesa, uma perda progressiva da consciência dialetal (FROSI; MIORANZA, 1983). Entretanto, cabe observar com cuidado o que Carvalho (2011) ressalta: “A língua move-se ao longo do tempo, numa corrente que se constrói em seu curso

[...] Nada é estático. Todas as palavras, elementos gramaticais, sons e acentos são configurações que mudam lentamente, moldadas pelo curso invisível da vida” (CARVALHO, 2011, p. 185).

2.4.1.2 *Alternância de códigos linguísticos*

Outra característica comum na fala dialetal italiana da RCI é a constante presença da alternância de códigos linguísticos. Novamente, pela presença do português na vida dos falantes bilíngues, a mescla linguística se acentua, e, muitas vezes o falante não consegue mais distinguir um código de outro em uma conversação.

Para Grosjean (1982), a alternância de códigos é o uso alternado de duas ou mais línguas durante uma conversação. Segundo o autor, essa característica pode acontecer por muitos motivos, dentre eles o estudioso destaca alguns que ganharam destaque dentro da presente pesquisa: preencher necessidades linguísticas, especificar destinatário, especificar o envolvimento de outro falante, excluir alguém de uma conversação, dentre outras possibilidades (GROSJEAN, 1982, p. 152).

Muitas vezes, as escolhas de códigos acontecem por uma série de motivos, não apenas um desses, mas a lista de Grosjean (1982) é um excelente indicador das distintas necessidades comunicacionais.

Mackey (1972) também observa que o grau de bilinguismo será responsável pela alternância (ou não) de códigos linguísticos. Para ele, a alternância depende de funções internas (situações não linguísticas em que o bilíngue está inserido) e externas (áreas de contato), e os fatores que desencadeiam a alternância são três: o assunto, as pessoas envolvidas e a tensão que envolve a situação linguística.

É difícil delimitar os motivos pelos quais há essa alternância, mas acredita-se que a principal razão seja a necessidade de uma comunicação mais precisa, o que, dependendo dos interlocutores, é difícil de realizar. Siguan (2001, p. 175) observa que:

A primeira característica do bilíngue é sua capacidade de manter separados os dois códigos linguísticos que possui [...] Mas o próprio bilíngue, no momento em que uma nova circunstância faz necessário ou preferível utilizar o outro código, muda rapidamente e sem esforço⁴⁹.

⁴⁹ **Do original:** “La primera característica del bilingüe es su capacidad de mantener separados los dos códigos lingüísticos que posee [...] Pero el mismo bilingüe, en el momento en el que una nueva circunstancia hace necesario o preferible utilizar el otro código, cambia rápidamente y sin esfuerzo” (SIGUAN, 2001, p. 175).

Muitas vezes, a alternância de códigos poderia ser vista como algo consciente, como propõe Siguan (2001), dependendo da situação de comunicação em que os falantes estão envolvidos. Por outro lado, nota-se que essa peculiaridade linguística também pode ser realizada de uma forma involuntária, pois, muitas vezes, o bilíngue já não tem mais consciência das diferenças entre os códigos linguísticos que usa.

No caso do dialeto vênето sul-rio-grandense da RCI, pode-se citar uma série de motivos para a alternância de códigos, que podem ir desde o preenchimento de uma necessidade até uma perda da consciência linguística. Outro aspecto bem peculiar é a solidariedade com outros não falantes do dialeto. Tudo é uma questão de análise de cada situação, não há como generalizar.

A próxima subseção mostrará o quanto a análise funcional linguística é importante para investigar os estudos da oralidade dialetal de uma forma abrangente, sem se deter em reducionismos pouco descritivos.

2.5 A ANÁLISE FUNCIONAL LINGUÍSTICA⁵⁰

O reconhecimento da língua como um instrumento maleável e não estático é um ponto fundamental da análise funcional linguística. A descrição das estruturas gramaticais vista de forma autônoma, visando um falante ideal, não dá conta da realidade linguística, em constante processo de mudança.

A análise de cunho funcionalista tem a comunicação como ponto fundamental. Segundo Cunha (2008, p. 158): “o funcionalismo procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação”. Sendo assim, a análise da oralidade do dialeto vênето sul-rio-grandense se enquadra nos princípios funcionalistas, pois levará em consideração seu uso real dentro do contexto em que se insere. Observa Matos (2012): “O estudo da oralidade que não reconheça a importância da interação está fadado à mera categorização de estruturas, repetindo, infelizmente, o trajeto já exaustivamente criticado [...]” (MATOS, 2012, p. 165). Descrever as estruturas é necessário, mas de modo que permita compreender as escolhas e funções dessas na interação social.

Castilho (2010) distingue as abordagens formalistas das funcionalistas, visto que cada uma se utiliza de uma distinta estratégia para analisar o fenômeno linguístico. O formalismo

⁵⁰ Não abordaremos questões de cunho epistemológico que dividem o funcionalismo. Para o presente trabalho consideramos como principal característica dos estudos funcionalistas a língua como um instrumento de comunicação maleável, de acordo com as necessidades comunicativas do falante.

descrever estruturas idealizadas de fala, enquanto o funcionalismo analisa eventos de fala a fim de que se possa compreender o funcionamento e as escolhas linguísticas (CASTILHO, 2010, p. 64). A sintaxe não é autônoma, mas dependente de elementos semânticos e pragmáticos. Sendo assim, “a gramática é uma entidade *a posteriori*, organizada por um conjunto de regras observáveis nos usos linguísticos, as quais emergem do discurso” (CASTILHO, 2010, p. 138).

Ainda segundo Castilho (2010), a língua é vista como um fenômeno heterogêneo, diferente do postulado formal que via como homogêneo. Essa visão faz com que os estudos funcionalistas arquitetem a língua como “um somatório de usos concretos, historicamente situados, que envolve sempre um locutor e um interlocutor num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico previamente negociado” (CASTILHO, 2010, p. 66-67). A linguística, assim, deixa de lado sua autonomia para buscar a interação com outras disciplinas do conhecimento, como a Psicologia, Sociologia, Antropologia, História, Filosofia, ou seja, ela “interdisciplinariza-se”, no dizer do autor (CASTILHO, 2010, p. 67).

Tendo em vista a questão do caráter maleável do sistema linguístico, Cunha, Costa e Cezario (2003) afirmam que um falante “adapta” seu texto de acordo com seus objetivos e necessidades comunicativas frente ao interlocutor. Inicia-se, assim, um processo de mudança linguística decorrente da comunicação real entre falantes:

As línguas são sensíveis às nuances culturais associadas ao estilo de vida dos humanos, apresentando, de um lado, variações da natureza individual, social, regional, sexual, entre outras, que convivem em um mesmo momento do tempo, e, de outro lado, mudanças que se manifestam com o passar do tempo. (MARTELOTTA, 2003, p. 57).

Sendo as línguas sensíveis, mudanças são constantes e adaptações são feitas. O mesmo ocorre com a variedade dialetal italiana do Rio Grande do Sul, como se poderá observar através dos processos de gramaticalização dos auxiliares no pretérito perfeito.

2.5.1 Gramaticalização e mudança linguística

O funcionalismo considera a mudança linguística algo inerente ao processo de comunicação. Os padrões culturais e comunicacionais, ao longo do tempo, poderão implicar nas mudanças de cunho gramatical e lexical. Com isso, certos padrões poderão assumir novos significados (MARTELOTTA; AREAS, 2003). Dessa forma, segundo Martelotta e Areas (2003, p. 23) “[...] a sintaxe não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que

nossa mente processa durante a produção linguística em determinados contextos de uso”. Esses contextos de uso, como já citado, alteram-se ao longo do tempo, permitindo a mudança.

Martelotta (2003) observa que os estudos sobre a mudança linguística, dentro da perspectiva funcionalista, têm estrita relação com a teoria da gramaticalização. De acordo com Castilho (2010, p. 138):

A gramaticalização é o processo de constituição da gramática. Ao constituir uma gramática, as comunidades elegem uma representação linguística para as categorias cognitivas⁵¹ [...] alterando-as ao longo do tempo. As categorias cognitivas são permanentes, mas sua representação gramatical (tanto quanto sua representação semântica e sua representação discursiva) pode mudar.

Como exemplo, Castilho (2010, p. 138) cita a questão da gramaticalização da mudança de pessoa⁵² (de *tu* para *você/ocê/cê*, ou de *nós* para *a gente*) no português do Brasil, e dos verbos *ter* e *haver*.

No presente trabalho será dada ênfase à gramaticalização dos verbos auxiliares do italiano padrão e seus dialetos, a saber, os verbos *essere* (ser) e *avere* (ter).

Para Castilho (2010), a visão funcionalista faz com que as regras gramaticais observadas nos usos linguísticos venham a emergir do discurso. Será possível então verificar, a partir do uso, a presença da gramaticalização. Segundo o autor:

A gramaticalização é habitualmente definida como um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante os quais; (i) ela ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. (CASTILHO, 2010, p. 138).

Vista de uma forma simplificadora, seria a passagem do item lexical a um gramatical. Ainda segundo Castilho (2010), a gramaticalização, analisada pelo viés funcionalista, “[...] postula a língua como uma atividade no tempo real, cujas regularidades são provisórias e continuamente sujeitas à negociação, à renovação e ao abandono, sendo, portanto, constitutivamente heterogênea” (CASTILHO, 2010, p. 139). Dessa forma, através da gramaticalização, pode-se observar o quanto a gramática pode não ser estática, mas sujeita a constantes mudanças históricas, sujeita às necessidades dos usuários da língua. Nos usos da língua, a gramática está sujeita a uma certa instabilidade decorrente dessa necessidade. Isso será perceptível, neste trabalho, através da origem dos verbos auxiliares e sua estrita dependência, principalmente no italiano padrão e seus dialetos, com os verbos de movimento.

⁵¹ Segundo Castilho (2010), as ciências cognitivas afastam-se da descrição formal para privilegiar a descrição funcional do mundo, dando origem ao postulado “A língua se fundamenta num aparato cognitivo” (CASTILHO, 2010, p. 69). As estruturas das línguas naturais são representadas pelas categorias cognitivas de PESSOA, COISA, ESPAÇO, TEMPO, MOVIMENTO, VISÃO, QUALIDADE, QUANTIDADE, dentre outras.

⁵² No presente trabalho consideraremos a gramaticalização de um verbo pleno para um verbo auxiliar.

2.5.2 Verbos de movimento

Raros são os estudos gramaticais que citam verbos de movimento. Segundo Lima e Grannier (2007), os verbos de direção/movimento são tratados apenas como transitivos diretos ou circunstanciais e intransitivos, sem considerar as propriedades semânticas relativas ao movimento/direção desses verbos.

Segundo Fortunato (2009, p. 41-42), o movimento pode acontecer de diversas maneiras a partir de duas principais divisões: verbos sem deslocamento (*acenar, pisar, esmurrar*) e com deslocamento, esses últimos podendo ser ativos (*andar, ir, nadar, afastar-se*) e não ativos (*cair, resvalar*). Além dessa classificação, Fortunato (2009, p. 42) observa que a origem do movimento pode ser voluntária ou involuntária, determinante na atribuição dos papéis temáticos.

Em sua dissertação de mestrado, Menezes (2005) elenca um *corpus* de 202 verbos de movimento através da consulta a dicionários e conversa com falantes. O presente trabalho irá categorizar apenas verbos que admitem deslocamento espacial realizado por um ser animando através de seus próprios meios, seja esse deslocamento específico (*caminhar, correr, saltar*) ou geral (*ir, vir, chegar, partir, entrar, sair*) (NIDA, 1975).

Com base em Nida (1975) e Faggion (2012a), elencaram-se oito verbos como *corpus* de estudo: *ir, vir, chegar, partir, entrar, sair, subir e descer*.

Segundo Faggion (2012a, p. 04-05), com base em Menezes (2005) e Fortunato (2009), pode-se resumidamente colocar o significado desses verbos como segue.

O verbo *vir* indica o deslocamento de algo (ou alguém) para o ponto onde o falante está. Sua ação pode ser ativa ou voluntária. Já o verbo *ir* indica o deslocamento contrário: de onde o falante está para outro lugar.

*Chegar*⁵³ “é um verbo em que alguém ou algo atinge um determinado ponto; se não houver especificações, esse ponto pode ser o lugar em que está o falante” (FAGGION, 2012a, p. 05).

A autora observa que *chegar* tem a característica de denotar a última etapa de um percurso, diferentemente de seu oposto, *partir*, que indica a primeira etapa de um percurso.

Ainda segundo Faggion (2012a), “*Entrar e sair* são opostos e indicam movimento de um ser em relação a um espaço circunstanciado, delimitado, definido. *Subir e descer* indicam

⁵³ Faggion (2012a; 2012c; 2012d) vem desenvolvendo um trabalho muito interessante sobre a origem e os processos de gramaticalização que envolvem a história do verbo *chegar*.

movimento ascendente e descendente, implicando movimento vertical” (FAGGION, 2012a, p. 05).

A partir da descrição desses oito verbos, seguiremos a classificação proposta por Nida *apud* Faggion (2012a, p. 05) que os insere na categoria de verbos de significado intermediários, ou seja, com significado pouco menos amplo que o verbo de significação geral *mover*. Dentro da significação de movimento, também existem os verbos de movimento específico, como *caminhar, correr, saltar, dançar* (NIDA *apud* FAGGION, 2012a).

Essa divisão proposta por Nida (1975) já havia sido, dentro da gramática gerativa, analisada por Burzio (1986) em relação à escolha dos auxiliares do tempo do pretérito perfeito em italiano. Para Burzio, os verbos que Nida designa como de significado intermediário são considerados inacusativos, isto é, não admitem complementação e o sujeito da frase atua como experienciador, que, segundo Cançado⁵⁴ (2008), sofre o processo de ação verbal. Já os verbos que indicam movimento específico são denominados inergativos por Burzio (1986). Esses são verbos que não admitem complementação e o sujeito, nesse caso, é o que desencadeia a ação verbal, o agente (CANÇADO, 2008). De acordo com Silva e Miotto (2001, p. 78-79):

No italiano, quando se trata de formar o passado composto, o fato de o verbo ser inacusativo o leva a ser combinado com o auxiliar *essere* (*ser*); um verbo inergativo, por outro lado, é combinado com o auxiliar *avere* (*ter*). Inverter a combinação de auxiliar com tipo de verbo leva a sentença à agramaticalidade.

Essa divisão proposta por Burzio (1986) persiste para distinguir a escolha dos verbos auxiliares para os tempos do pretérito composto de línguas como o italiano e o francês. Sendo assim, os verbos de significado intermediário (inacusativos) requerem o auxiliar *ser* (*essere* – ita. padrão; *être* – francês) e os de movimento específico (inergativos) o auxiliar *ter* ou *haver* (*avere* – ita. padrão; *avoir* – francês), que tiveram uma origem bem particular e interessante, questão que será abordada no próximo tópico.

2.5.3 Mudança linguística e origem dos verbos auxiliares

⁵⁴ Cançado (2008) desenvolve estudos sobre os papéis temáticos na argumentação da língua. Para a autora, os papéis temáticos são relações semânticas existentes entre o verbo e seus argumentos (sujeito e complementos): “a dependência está nas relações de sentido que se estabelecem entre o verbo e seus argumentos [...] o verbo, estabelecendo uma relação de sentido com seu sujeito e seus complementos, atribuindo-lhes funções, uma papel para cada argumento” (CANÇADO, 2008, p. 110). Dentre os papéis temáticos destacados pela autora, estão: agente, causa, instrumento, paciente, tema, experienciador, beneficiário, objetivo, locativo, alvo e fonte (CANÇADO, 2008, p. 111-112).

As questões sobre mudança linguística e gramaticalização já foram explicitadas no item 2.5.1. Esse panorama apresentado mostrou a importância dos processos históricos na mudança das línguas.

Dentro da presente dissertação, a gramaticalização dos verbos auxiliares (*essere* e *avere*) irá definir uma característica muito particular do dialeto vêneto sul-rio-grandense: a construção do tempo verbal pretérito perfeito.

Para Castilho (2010, p. 397):

Verbos auxiliares são os que desempenham papel assemelhado ao dos verbos funcionais, com a diferença que à sua direita ocorrem verbos plenos em forma nominal, aos quais os auxiliares atribuem categorias de pessoa e número, especializando-se como indicadores de aspecto, tempo, voz e modo.

O verbo auxiliar, segundo o autor, sofre um fenômeno muito interessante de gramaticalização, tendo sua origem em um verbo pleno⁵⁵, migrando para um funcional e desse para o auxiliar.

Em um de seus estudos recentes, Faggion (2012a) busca analisar a origem dos verbos auxiliares e suas relações de uso em relação à presença de verbos de movimento, tais como: *chegar, partir, vir, ir, entrar, sair, subir e descer* (FAGGION, 2012a, p. 04). Segundo a autora, a língua italiana, assim como os dialetos italianos setentrionais e o vêneto do sul do Brasil, utiliza a construção verbal composta no pretérito perfeito, por exemplo, com o uso do verbo auxiliar *essere* (ita. padrão) ou *esser* (dialeto venêto sul-rio-grandense), *Sono andata a Roma* (ita. padrão) ou *Son 'ndada a Roma* (dialeto vêneto sul-rio-grandese), o que não ocorre na língua portuguesa, que opta pela construção simples: *Fui a Roma*.

No caso do auxiliar *avere* (ita. padrão) ou *aver* (dial. vêneto sul-rio-grandense), *Ho letto un libro* (ita. padrão) ou *Go ledesto un libro* (frase dita pelos informantes, de um grupo de que fazem parte também trentinos; ouve-se também a forma *go lezesto*, ao lado da forma citada, no dialeto vêneto sul-rio-grandense). Novamente, o português se utiliza da construção simples *Eu li*.

Renzi e Andreose (2009) estudam a origem da utilização dos verbos auxiliares através da evolução do verbo latino *habeo*. Inicialmente, esse verbo indicava posse e não atuava como um auxiliar: *Habeo epistulam scriptam* (Eu tenho uma carta [já] escrita) (RENZI; ANDREOSE, 2009, p. 149). A ideia de posse fica bem delineada, sem apresentar relação com o tempo passado. Entretanto, nas línguas romances inicia-se um processo de esvaziamento

⁵⁵ De acordo com Castilho (2012, p. 397): “*Verbos plenos* são os que funcionam como núcleos centrais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papéis temáticos [...] *Verbos funcionais* são os que transferem esse papel aos constituintes à sua direita”.

semântico de *habeo* não mais indicando posse, mas torando-se um auxiliar na construção românica do pretérito perfeito: *Ho scritto una lettera* (ita. padrão).

Com base em Lausberg (1974), Faggion (2012a) observa que a transitividade verbal irá definir a “escolha” dos auxiliares *essere* ou *avere* no tempo do pretérito perfeito: “[...] *habeo*, que tem necessidade de um objeto, não serve para a construção do pretérito perfeito dos verbos intransitivos; estes, por analogia, formaram o auxiliar que designa um estado, *esse* [‘ser’]” (FAGGION, 2012, p. 07). Lausberg (1974) esclarece que:

[...] havia em românico a possibilidade de fazer com que *habere*, para verbos transitivos sem complemento directo, passasse a ser empregado com verbos intransitivos. Concorrem, portanto, para a construção do perfeito dos verbos intransitivos ambos os verbos auxiliares *habere* e *esse*. Esta luta de concorrência tem diversos resultados nas diversas línguas. (LAUSBERG, 1974, p. 412).

Essas explicações são importantes para a compreensão da construção verbal no pretérito perfeito do dialeto vêneto sul-rio-grandense, que, basicamente, segue as mesmas características do italiano padrão. No entanto, como será posteriormente visto, alguns falantes dessa variedade dialetal não identificam essa peculiaridade.

3 MÉTODO, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS

Este capítulo propõe-se a apresentar os aspectos metodológicos utilizados para a coleta de dados orais em vêneto sul-rio-grandense. Aqui serão descritos todos os critérios e passos feitos até a aplicação do instrumento, tendo como principal objetivo responder às questões propostas pelo problema de pesquisa, além de dar conta dos objetivos propostos.

3.1 ESCOLHA DA COMUNIDADE

A pesquisa de campo teve como objetivo coletar amostras orais do dialeto vêneto sul-rio-grandense na zona rural de Caxias do Sul. Neste estudo, foram escolhidas as pequenas comunidades que podem ser localizadas na região da 4ª Léguas⁵⁶, zona rural e distante aproximadamente 18 quilômetro do Centro de Caxias do Sul, próxima à Região Administrativa de Galópolis. Essa localidade é ainda dividida em pequenas capelas ou em pequenas comunidades (São Brás, São José, São Paulo, São João, São Vitoreto e Mirambel), assim como foram divididas nos primeiros anos da imigração por escolha própria dos imigrantes⁵⁷.

A preferência por comunidades do interior foi feita levando-se em consideração que as zonas rurais, apesar de não seguirem mais todas as características exclusivamente rurais como uma vez (SÄGGË, 2010), são mais distantes dos centros urbanos e ainda preservam o uso da fala dialetal no dia-a-dia de seus habitantes, principalmente os trabalhadores locais (FROSI; MIORANZA, 1983).

A zona rural ainda é vista como um lugar de preservação de muitas características do início de colonização. Frosi e Mioranza, em 1983, afirmavam: “Usos, costumes e tradições trazidas da Itália, preservaram-se e identificam, ainda hoje, a RCI, sobretudo, nas áreas rurais” (p. 75). Entretanto, hoje, é possível notar uma intensa transformação nessas zonas, visto que não é mais tão simples classificá-las de acordo com critérios uma vez utilizados (SÄGGË, 2010). O rural, atualmente, fica mais restrito a questões de distância do centro da cidade e por sua paisagem mais natural.

Para fins de coleta de dados, também é importante considerar o fato de que a pesquisadora mora nessa região há muitos anos, tendo parte de sua família, amigos e conhecidos residentes da localidade, o que facilita o contato e a própria interpretação dos

⁵⁶ Denominação que ainda segue as divisões feitas no início do povoamento das terras (RODRIGUES, 1998).

⁵⁷ Uma descrição mais detalhada da formação das capelas encontra-se no Capítulo 1 desta dissertação.

dados que serão coletados, visto que a inserção na comunidade permite um trânsito maior na realidade cultural.

**Mapa 1 – Localização de Caxias do Sul no Rio Grande do Sul
Rio Grande do Sul em relação ao Brasil**

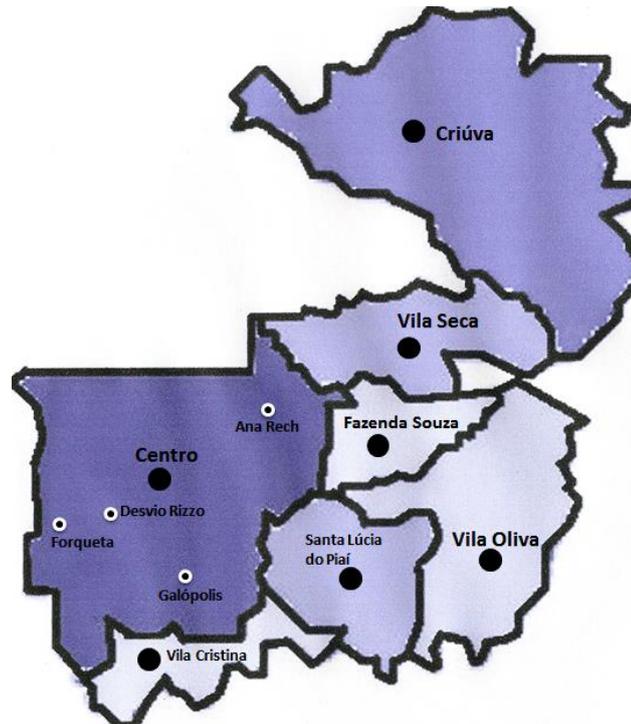


Fonte: WIKIPÉDIA.

<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_CaxiasdoSul.svg&page=1>.

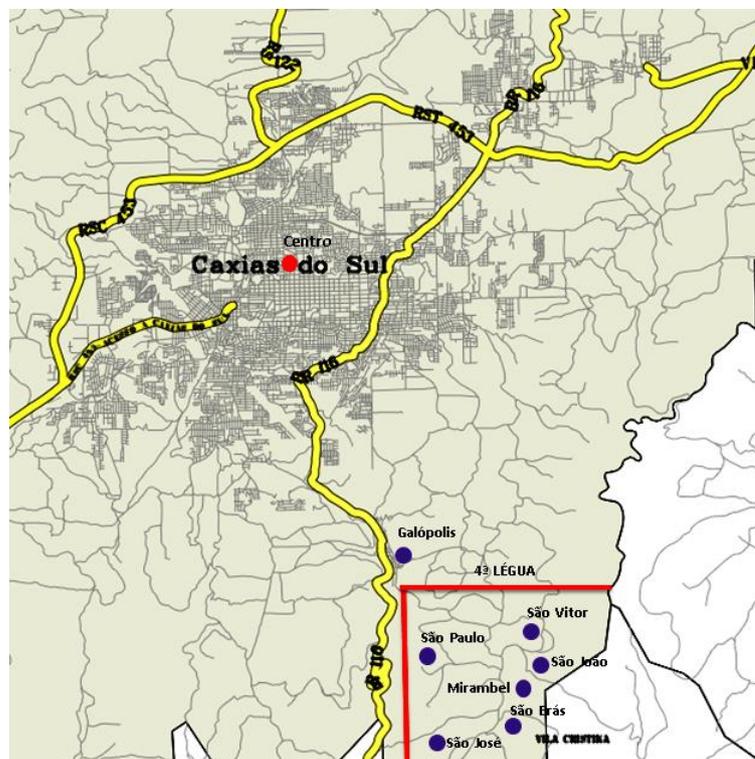
Acesso em: 01 nov. 2012.

Mapa 2 – Distritos e Regiões Administrativas de Caxias do Sul



Fonte: WIKIPÉDIA. <http://it.wikipedia.org/wiki/File:Mapa_dos_Distritos_de_Caxias_do_Sul.PNG>. Acesso em: 01 nov. 2012. [adaptado]

Mapa 3 – Galópolis e Comunidades do interior em relação ao Centro de Caxias do Sul



Fonte: WEBCAXIAS.

<<http://mapguide.caxias.rs.gov.br/mapguide/phpviewersample/ajaxviewerinternetsample.php>>. Acesso em: 29 out. 2012. [adaptado]

3.2 DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

Para a formação do *corpus*, observaram-se os seguintes itens:

- a) Construir um *corpus* oral a partir dos relatos orais e da tradução frasal.
- b) Selecionar dados orais relevantes a partir dos relatos obtidos.
- c) Organizar os dados que constituirão o *corpus* de análise.

O *corpus* é formado a partir da entrevista com oito falantes do dialeto vênето sul-rio-grandense (quatro homens e quatro mulheres), através da coleta dos relatos orais e traduções do português para o vênето sul-rio-grandense, gravados e, posteriormente, transcritos.

Dentre esses informantes, quatro têm idade entre 40 e 59 anos, sendo dois homens e duas mulheres. Os outros quatro informantes têm idade superior a 60 anos, também contando com dois homens e duas mulheres.

Os critérios adotados para a escolha do tamanho do *corpus* são de ordem temporal, tendo em vista o limitado tempo de pesquisa:

A maioria das limitações provém do esforço que é exigido para se fazer um grande número de grupos focais, ou entrevistas em profundidade, ou para coletar documentos. O tempo disponível para se fazer essas entrevistas, e para analisá-las, será a primeira restrição sobre o tamanho do *corpus*. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 60).

Além disso, a pesquisa não segue critérios quantitativos da sociolinguística variacionista de Labov (2008), mas busca realizar uma análise e interpretação exaustiva de dados, de caráter qualitativo, como será descrito a seguir.

3.3 A PESQUISA QUALITATIVA

Os dados levantados foram coletados a partir de pesquisa de campo qualitativa, utilizando técnicas adaptadas de pesquisas em dialetologia (FERREIRA; CARDOSO, 1994), tendo em vista que seu principal objetivo é poder examinar os fenômenos da variação linguística com ênfase nas **variáveis diatópicas, diastráticas e de gênero social** a partir de pesquisas *in loco*.

Um dos objetivos da dissertação é verificar as diferenças entre a linguagem descrita em pesquisas anteriores (FROSI; MIORANZA, 1983) e sua configuração atual. Outro seria a comparação entre a variedade utilizada por falantes de gerações mais velhas e outras mais

novas. Assim sendo, o levantamento estatístico de dados não daria conta de abarcar todas as possíveis variáveis do estudo, pois, segundo Trask (2008, p. 16-17):

Uma abordagem qualitativa enfoca tipicamente o estudo de pequenas quantidades de falantes ou textos, porque a abundância de dados e os estudos estatísticos são considerados menos importantes do que revelar os significados sociais que as pessoas atribuem a suas atividades linguísticas.

Dessa forma, o estudo centra-se em uma abordagem de cunho qualitativo, embora alguns números sejam apresentados para sistematizar os dados, revelando-se importantes para sua melhor compreensão.

A dialetologia também segue princípios semelhantes, entretanto, de uma forma mais específica, pois busca características mais particulares dos informantes, como é o caso desta pesquisa. Os interesses dialetológicos, de acordo com Sousa e Chaves (2010, p. 83), “procuram observar as relações entre espaço geográfico e fatos lingüísticos e daí compreender o fenômeno da variação lingüística, em especial, diatópica, a partir do estudo desse fenômeno lingüístico *in loco*”. Dessa forma, a validade da pesquisa *in loco* mostra-se muito importante na verificação da realidade oral do dialeto.

3.4 CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES

Os informantes que constituíram o *corpus* atenderam a determinados critérios, tendo em vista o perfil específico que as pesquisas dialetológicas buscam, a fim de analisar um dialeto com características mais específicas. Os critérios selecionados são os que seguem:

1. 04 informantes deveriam ter idade igual ou superior a 60 anos, dentre eles 02 homens de 02 mulheres.
2. 04 informantes deveriam ter idade superior ou igual a 40 anos e inferior a 60 anos, , dentre eles 02 homens de 02 mulheres.
3. Os informantes deveriam ser moradores da região interiorana de Caxias do Sul desde a infância.
4. Os informantes deveriam ter escolaridade inferior ao Ensino Médio.

Primeiramente, a escolha de pessoas de mais de 60 anos foi um critério primordial dentro desse estudo, visto que o instrumento de pesquisa busca a narração de relatos de aspectos do passado, o que desperta grande interesse, por parte dos informantes, e pouca

dificuldade, por parte de entrevistador, em coletar os dados; além, é claro, de um material com menos influências de outras línguas e, talvez, com características mais específicas.

A escolha de informantes com menos de 59 anos foi feita para fins de comparação, assim como essa dissertação também se propõe fazer. Entretanto, cabe ressaltar que a seleção de informantes com mais de 40 anos não foi algo opcional, mas uma situação que se impõe na realidade linguística da RCI. Apesar de Faggion (2010a) observar que o bilinguismo precoce é restrito à zona rural, ao menos na zona rural de Caxias do Sul é quase impossível encontrar uma criança ou um jovem que fale o talian. Os falantes jovens optam pela variedade linguística que julgam ser de mais prestígio (bilinguismo subtrativo), resultando da constante presença do bilinguismo passivo, ou seja, o domínio da compreensão de uma língua, mas não da fala (DE HEREDIA, 1987). O bilinguismo precoce, em outras épocas tão presente na RCI, perdeu seus falantes (FAGGION, 2010a, 2010b), por isso a opção desta investigação por informantes com mais de 40 anos, visto que seria muito difícil encontrar falantes mais jovens.

Dentre as variáveis que serão observadas, foi enfatizada, sempre que possível, à distinção de gênero social, pois nota-se que há diferenças entre a língua utilizada pelos homens e pelas mulheres (TOMIELLO, 2005; FERREIRA, 2006; PAIVA, 2008; PASQUARELLI et al. 2008; MONTYSUMA, 2008). Essas últimas, apesar de terem suas tarefas mais restritas ao lar, têm contato mais intensificado com os meios de comunicação (rádio, televisão) e podem atuar como “interlocutoras” das gerações mais jovens, como os filhos e netos.

A escolha da região interiorana se deu, principalmente, ao fato de que, segundo Faggion (2010, p. 99), ela constitui uma “[...] área de imigração que teve configuração multilíngue em seus inícios e ainda permanece bilíngue, especialmente em áreas rurais”. Com isso, busca-se observar um dialeto mais característico, ou seja, com menos influências externas, o que certamente não acontece em centros urbanos. Entretanto, cabe ressaltar que os informantes mais jovens desta pesquisa não seguem as mesmas características que podemos encontrar em estudos dialetais mais antigos, pois, como já observado anteriormente, o perfil da região rural está sendo alterado a todo o momento. Hoje, a zona rural e seus moradores não estão mais à margem da sociedade: as famílias têm acesso à internet, as estradas são asfaltadas, os meios de transporte são regulares, e surgem, a cada dia, novas indústrias na região, e muitos dos que lá estão não trabalham mais com a agropecuária, que já não é o único meio de subsistência. Assim, apesar da coleta de dados ter sido feita na zona rural, isso de modo algum indica tranquilidade ou isolacionismo, ou mesmo diferença marcante em relação

ao que é urbano: a vida de seus falantes e da própria história da comunidade apresenta-se em constante processo de transformação.

A escolaridade dos respondentes deveria ser inferior ao Ensino Médio, visto que as pesquisas dialetológicas privilegiam informantes com a formação escolar mais básica possível, pois se acredita que, tendo menos contato com a Língua Portuguesa (ensinada na escola), as influências dessa poderão ser menores.

O quadro 02 apresenta um resumo do perfil sociocultural de cada informante, a fim de facilitar a localização de dados gerais importantes para a análise que se presta.

Quadro 02 – Quadro-resumo do perfil sociocultural dos informantes

Informante	Gênero	Idade	Local de nascimento	Escolaridade	Profissão	Sistemas linguísticos utilizados na comunicação
INF01	M	73	São João, 4 ^a Légua	EF Incompleto	Agricultor	LP e D
INF02	F	70	6 ^a Légua	EF Incompleto	Agricultora e dona de casa	LP e D
INF03	F	72	São Brás, 4 ^a Légua	EF Incompleto	Agricultora e dona de casa	LP e D
INF04	M	68	Mirambel, 4 ^a Légua	EF Incompleto	Agricultor	LP e D
INF05	M	41	São Brás, 4 ^a Légua	EF Incompleto	Microempresário	LP e D
INF06	F	57	São Paulo, 4 ^a Légua	EF Incompleto	Microempresária	LP e D
INF07	M	57	São Brás, 4 ^a Légua	EF Incompleto	Agricultor	LP e D
INF08	F	53	Mirambel, 4 ^a Légua	EF Incompleto	Agricultor	LP e D

Fonte: Bergamaschi (2006, p. 73) [adaptado]

M: masculino

F: feminino

EF: ensino fundamental

LP: língua portuguesa

D: dialeto

3.4.1 Notação e identificação do entrevistado

A fim de facilitar e sistematizar melhor os principais dados de identificação sobre os informante foi elaborada uma pequena notificação para cada um. Por exemplo, o informante

01 será descrito como “INF01”, e assim sucessivamente. Os interlocutores, dentre eles a entrevistadora, serão identificados como “INT”.

Quadro 03 – Notação e identificação do entrevistado

Notação	Identificação
INT01	Interlocutor 01 (entrevistadora)
INT02	Interlocutor 02
INF01	Informante 01
INF02	Informante 02
INF03	Informante 03
INF04	Informante 04
INF05	Informante 05
INF06	Informante 06
INF07	Informante 07
INF08	Informante 08

3.4.2 Apresentação de relatos

As construções morfossintáticas do dialeto vênето sul-rio-grandense na oralidade foram obtidas através de dados coletados a partir de uma amostra de conversas orais elicitadas em narrativas conversacionais que visaram à narração de relatos de vivências antigas dos informantes, por exemplo, o perfil escolar da época (professora, colegas, aula, língua falada, acontecimentos, etc.).

Segundo Bauer e Gaskell (2002, p. 95) “A entrevista narrativa é classificada como um método de pesquisa qualitativa [...] Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas”.

As formas de entrevistas “estáticas” são criticadas por Wolfson (1976), que propõe, a partir dessa constatação, entrevistas espontâneas coletadas através de narrativas conversacionais. Entretanto, após algumas considerações, a autora conclui que o melhor método para a obtenção de resultados consistentes em situações reais só pode ser coletado através de observações espontâneas de fala (p. 204), o que se mostra inviável no caso do presente projeto, visto que o dialeto não é mais uma fala comum no cotidiano dos

informantes, fato que dificulta a possibilidade de observação, partindo-se, dessa forma, a uma coleta de dados conversacionais através de um roteiro semiestruturado.

Dessa forma, essas narrativas tiveram como objetivo observar os aspectos “previstos” (emprego de verbos no pretérito, elementos do léxico em transformação), pois somente a partir do discurso os elementos poderão emergir, contribuindo com uma real análise da oralidade.

3.4.3 Tradução de frases para o vêneto sul-rio-grandense

A pilotagem do primeiro instrumento (descrita no item 3.4.5) permitiu observar que só através das narrativas conversacionais não seria possível analisar o tempo verbal do pretérito perfeito, pois as narrativas elaboradas pelos informantes apresentavam verbos no tempo pretérito imperfeito, que indica uma ação acontecida e continuada no passado, ou seja, ações que costumavam acontecer, com poucos relatos de fatos pontuais.

Dessa forma, como a presente pesquisa tem maior interesse em observar a estruturação dos verbos no pretérito perfeito, optou-se pela tradução direta de 20 frases do português para o vêneto sul-rio-grandense, que abarcassem distintos verbos, dando ênfase aos verbos de movimento, que adquirem uma configuração especial no dialeto em questão⁵⁸. Com isso, os informantes precisaram apenas traduzir frases simples para o dialeto por eles utilizado.

3.4.4 Instrumento de pesquisa

O roteiro prévio do instrumento visa, primeiramente, à análise histórica e linguística do informante (**Anexo A**), com base na ficha do informante descrita por Ferreira e Cardoso (1994, p. 29), a fim de observar as possíveis variáveis externas que possam influenciar na fala, após, a tradução das frases portuguesas para o vêneto sul-rio-grandense, observando o emprego dos verbos no pretérito perfeito (**Anexo B**), e, por fim, a coleta dos relatos tendo em vista o emprego da modalidade oral do dialeto e as inovações lexicais (**Anexo C**).

⁵⁸ Mais detalhes descritos serão na fundamentação teórica sobre a construção do passado no dialeto vêneto sul-rio-grandense.

3.4.5 Pilotagem do instrumento

A pilotagem do instrumento foi realizada com dois informantes: uma mulher de 70 anos, habitante da zona urbana de Bento Gonçalves, e um homem de 48 anos, habitante da zona rural de Caxias do Sul, ambos falantes do talian. As duas foram aplicadas em abril de 2012 sem levar em consideração os critérios essenciais do informante descritos em 3.4.

Graças a essa pilotagem, foi possível observar que alguns aspectos do instrumento acabavam sendo confusos e sem relevância para os objetivos propostos pela dissertação. Com isso, optou-se por sua reelaboração e a inserção da tradução frasal direta do português para o vêneto sul-rio-grandense.

3.4.6 Transcrição e tratamento dos dados

O método de transcrição seguiu a grafia vigente para o dialeto vêneto italiano que consta na *Grafia Vêneta Unitária*⁵⁹ (1995)⁶⁰. A transcrição observou apenas as estruturas orais, sem descrever os elementos fonéticos, tendo em vista que o objetivo do projeto consiste em observar apenas as estruturas morfossintáticas.

Cabe aqui frisar que no dialeto vêneto italiano as palavras com som de /z/ são marcadas, graficamente, por um ‘x’, por exemplo: ‘piaxe’ (‘piace’ no ita. padrão) ou ‘xèro’ (‘zero’ no ita. padrão). Nota-se que o ‘x’ representa o som de uma consoante fricativa sonora alveolar (CORTELAZZO et al, 2005, p. 50), que, graficamente é representado pelo ‘z’. Dessa forma, para não causar confusão com o ‘x’ do português, optamos por seguir a notação utilizada por Frosi (1989, p. 78), que registra a notação ‘s, para indicar posição inicial absoluta (‘se) e em posição inicial de sílaba depois de consoante (*pian‘ser*) (FROSI, 1989, p. 78), sempre designando a fricativa alveolar sonora.

A transcrição das estruturas orais seguirá os critérios de transcrição conversacional adotados por Castilho (2010, p. 226).

⁵⁹ CORTELAZZO, Manlio et alii. *Grafia veneta unitaria*. Venezia: Editrice La Galiverna, 1995.

⁶⁰ Sugestão feita pela Professora Doutora Vitalina Maria Frosi na fase de elaboração do projeto de dissertação.

Quadro 04 – Critério de transcrição conversacional

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Entonação enfática	maiúsculas
Alongamento de vogais ou consoantes	::
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos	((minúsculas))
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando linhas
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos	“ ”

Fonte: Castilho (2010, p. 226) [adaptado]

A gravação dos dados é uma etapa muito importante nos estudos dialetológicos, pois, como afirmam Ferreira e Cardoso (1994, p. 30), “Com a gravação dos dados pereniza-se (até onde as condições técnicas permitirem) a informação, possibilita-se uma análise mais acurada e garante-se ao pesquisador o direito de proceder a tantas audições quantas forem necessárias para o entendimento pleno”.

A análise desses dados objetivou-se em examinar os elementos morfossintáticos de maior ocorrência dentro do vêneto sul-rio-grandense, tendo em vista os verbos no pretérito e os neologismos lexicais, pois a entrevista é feita através de narrativas conversacionais e tradução frasal, abarcando, assim, as decorrências desses elementos primordiais para a análise.

3.5 SUBMISSÃO AO CEP (Comitê de Ética em Pesquisa)

O projeto inicial da dissertação foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Caxias do Sul, conforme as normas estabelecidas no site do Comitê, no dia 25 de junho de 2012. Entretanto, após algum tempo de espera, no dia 13 de setembro de 2012 o CEP emitiu um parecer (**Anexo D**) afirmando que o projeto não necessitava de aprovação pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Dessa forma, sem a necessidade de aprovação, o projeto foi retirado, mas, mesmo assim, decidiu-se dar continuidade ao uso do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – **Anexo E**), a

fim de que os informantes saibam a que caráter de estudo foram submetidos a fim de permitirem (ou não) sua participação nas entrevistas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentados os dados das entrevistas realizadas, analisando-os a partir do referencial teórico apresentado no Capítulo 2.

4.1 PANORAMA GERAL

Questões morfossintáticas ligadas ao dialeto vênето sul-rio-grandense são um rico campo de análise por estarem em um contínuo processo de mudança, tanto do ponto de vista do perfil de seus falantes quanto da transformação do meio em que essa variedade é utilizada.

Frosi (2000) observa que muitos traços originais dos dialetos italianos foram perdidos, abrindo, cada vez mais, espaço para a língua portuguesa.

Dentre aspectos característicos do vênето sul-rio-grandense, objetivou-se destacar algumas marcas perceptíveis na fala do bilíngue português-talian, como marcas linguísticas peculiares entre falantes mais velhos e mais novos, perceptíveis na formação do pretérito perfeito; e da renovação vocabular através de neologismos por empréstimos.

As próximas seções foram elaboradas para tornar mais compreensíveis os resultados obtidos, sistematizando-os a partir do *corpus* formado, com vistas a seguir os objetivos propostos para a presente dissertação, a fim de corroborar ou não as hipóteses levantadas.

4.1.1 Falantes mais novos em relação aos mais velhos

Para Faggion (2010a) a área de imigração, que inicialmente era multilíngue, passa a ser bilíngue em áreas rurais e com falantes de faixa etária mais avançada. O dialeto falado pelas crianças contém marcas específicas, não é mais como o de seus avós ou bisavós. Hoje poucos são os falantes bilíngues precoces (FAGGION, 2010b).

Essa afirmação se faz cada vez mais observável, quando, por exemplo, não há a possibilidade de se fazer um trabalho com faixas etárias mais novas, pois há uma grande impossibilidade de encontrar falantes com esse perfil. Assim, a seleção de uma faixa etária entre 40 e 59 anos foi feita, principalmente, pela (quase) impossibilidade de investigar a fala dialetal em jovens.

Dessa forma, duas foram as idades selecionadas: homens e mulher entre 40 e 59 anos e homens e mulheres com mais de 60 anos.

Diferentemente do que era previsto, não há grande diferença entre a fala dos mais

jovens comparada à dos mais velhos. Contrariamente a isso, há uma consciência linguística semelhante e, em alguns casos, mais apurada por partes dos informantes mais novos.

4.1.1.1 Quanto à utilização dos auxiliares

Como é descrito no item 2.2.1.1 do referencial teórico, o *passato prossimo* (pretérito perfeito) do italiano é uma construção verbal composta pela junção de um verbo auxiliar (*esser* ou *aver*) mais um verbo no particípio. A escolha entre um auxiliar ou outro é muito peculiar e, por vezes, não segue uma regra básica, pois tem utilização característica em cada lugar (MARCATO; URSINI, 1998).

De acordo com questões já observadas, a diferenciação entre um auxiliar e outro tem origem histórica relacionadas à gramaticalização do verbo latino *habere* (ver item 2.5.3).

Segundo uma gramática italiana de base, o auxiliar *avere* (ita. padrão) deve ser usado com verbos ativos e um número considerável de verbos intransitivos. Já com o verbo *essere* (ita. padrão) podem ser utilizados muitos verbos intransitivos, reflexivos e pronominais, e com impessoais nos tempos da conjugação passiva (TRIFONE; PALERMO, 2007).

Silva e Miotto (2001) fazem uma análise da escolha dos auxiliares em relação com os verbos que os regem, observando que:

A gramática tradicional e os métodos de ensino de língua têm uma dificuldade considerável para explicitar com quais verbos monoargumentais se usa o auxiliar *essere* e com quais o *avere* para a formação do *passato composto* do italiano. Em particular, o problema é definir um critério para sustentar a escolha: a opção é quase sempre por uma abordagem semântica segundo a qual os verbos monoargumentais que indicam movimento ou mudança de estado são os que selecionam *essere*, enquanto os outros verbos selecionam *avere*. (SILVA; MIOTTO, 2001, p. 89).

Para os autores, o critério do deslocamento não é claro, pois, por exemplo, o verbo *correre* ‘correre’ indica movimento, mas não requer o uso do auxiliar *essere*, e sim do *avere*: *ho corso* (‘eu corri’). Entretanto, seguindo os critérios elaborados por Nida *apud* Faggion (2012), é possível visualizar de forma clara a relação existente entre o verbo, seu movimento e a utilização do auxiliar.

De forma resumida, a escolha do auxiliar está relacionada ao verbo que o acompanha. Nida (*apud* Faggion, 2012) divide os verbos de movimento em níveis diferentes: há um significado geral, *move*, e significados específicos, que designam o tipo de movimento (*walk, run, jump, crawl, etc.*). Entre eles, há significados intermediários, que mostram basicamente a direção do movimento (*go, come, arrive, etc.*). Aplicando esse esquema ao italiano (e ao talian), verificamos que os significados específicos requerem auxiliar *avere* (ou *aver*),

enquanto os verbos de significado intermediário requerem auxiliar *essere* (ou *esser*).

Os verbos de movimento elencados no *corpus* das entrevistas do presente trabalho eram *ir*; *vir*; *levar*; *correr*; *caminhar*; *trazer* e *voltar*. Dentre esses, *ir*; *vir* e *voltar* indicando movimento intermediário, necessitando a utilização do *esser*.

Notou-se que, ao contrário do que se esperava, falantes mais jovens e mais velhos, na maioria das frases, utilizam adequadamente os auxiliares com seus respectivos verbos de movimento: ‘Mi son ‘nà la cità vender formai’ (INF07, 57 anos) e ‘Mi son ‘nda a Cassia vender formai’ (INF04, 68 anos); ‘Me noni è vegnesti dela nostra Italia’ (INF05, 41 anos) e ‘I me noni i è vegnesti dela Italia’ (INF02, 70 anos); ‘Voaltri avè caminà el gèri’ (INF08, 53 anos) e ‘Aven caminà el gèri’ (INF01, 73 anos).

Por outro lado, duas informantes mais novas trocaram o auxiliar nas construções com os verbos *correre* e *caminhar*, utilizando o verbo *esser* no lugar de *aver*: ‘Lori i è correstì ciapar el ônibus’ (INF08, 53 anos) e ‘Mi son be’ che camignà fin Caravaio’ (INF06, 57 anos). Ambos os verbos, *correre* e *caminhar*, indicam um movimento específico, por isso sua construção deveria apresentar *aver* como auxiliar, e não *esser*, como ocorre nas frases citadas. Essa situação poderia representar uma diferenciação na fala de mais novos para mais velhos. Entretanto, em relação ao uso dos reflexivos, são os falantes mais velhos que confundem a construção.

O *corpus* revelou que frases com verbos reflexivos também causaram confusão no emprego dos auxiliares, mais uma vez, na fala das mulheres. Nesse caso, entretanto, foram as informantes de idade mais avançada as que realizaram a troca. Duas frases do *corpus* eram compostas por reflexivos: ‘Eu me esqueci’ e ‘Eu me lembrei’.

Segundo Marcató e Ursini (1998), além de outras formas, os tempos compostos, como é o caso do *passato prossimo*, requerem na forma reflexiva o auxiliar *essere*. Entretanto, as autoras enfatizam que o auxiliar *avere* é muito difundido na Itália, principalmente em textos antigos, por isso a troca de um auxiliar pelo outro não é um caso exclusivo dos falantes deste *corpus*, mas uma característica remanescente dos dialetos vênets italianos.

Dentre os oito informantes, apenas dois confundiram o uso, como nos exemplos que seguem: ‘Mi me ho⁶¹ desmentegà’, ‘Mi me ho pensada’ (INF03, 72 anos) e, novamente, ‘Mi me ho desmentegà’ (INF02, 70 anos). Cabe ressaltar que as duas informantes são irmãs, o que poderia explicar a inadequação em comum feita por ambas, justamente com o uso dos reflexivos.

⁶¹ Manteremos o verbo grafado com ‘h’ para não gerar confusão.

Em relação ao uso dos auxiliares em verbos transitivos e alguns intransitivos (*fazer, estudar, ver, lembrar, morrer, ter e ler*), não ocorreram problemas em nenhuma faixa etária. Todos se utilizaram do *aver*, menos, claro, na construção com o verbo *morrer* que requer o *esser*: ‘Me fiol l’*ha* studià ‘ntela universidade’ (INF07, 57 anos), ‘Go ledesto un libro’ (INF05, 41 anos), ‘Noantri *aven* fato el pan ‘sobia’ (INF04, 68 anos), ‘Noantri *ha* vist la costrussom’ (INF01, 73 anos) – todos com o auxiliar *aver*; ‘I me ti i è béche morte’ (INF06, 57 anos) ou ‘I me ti i è morti’ (INF03, 72 anos) – ambos com o *esser* [port. ‘Meus tios já morreram’]

A próxima subseção continuará observando as diferenças entre as faixas etárias, mas com enfoque na mudança lexical e a alternância de códigos.

4.1.1.2 Quanto ao léxico e à alternância de códigos

Na seção 2.4.1 do referencial teórico, explicitou-se o fato de que o vêneto sul-rio-grandense vem sofrendo muitas interferências no léxico, principalmente do ponto de vista do neologismo por empréstimo.

Sem dúvida, notou-se no *corpus* uma constante presença de neologismos por empréstimos da língua portuguesa, língua majoritária, observada em palavras como: ‘auto’, ‘ônibus’, ‘mercado’, ‘universidade’, ‘cidade’, ‘orgulho’, ‘presom’, ‘condusom’, ‘livro’, ‘brighea’ (do verbo *brigar*), ‘teimosi’, ‘diferente’, dentre tantas outras, e até mesmo da língua inglesa, ‘internet’⁶². Entretanto, seria errôneo dizer até que ponto falantes mais jovens apresentam mais neologismos em sua fala do que os falantes mais velhos. Alguns falantes, independentemente da faixa etária, utilizam mais, mas suas entrevistas são longas e focam assuntos variados. Outros dificilmente utilizam, mas falam pouco e se restringem às questões da entrevista.

O que se pode observar é que ambas as gerações apresentam características da renovação vocabular por meio de empréstimos, principalmente do português. Em um trabalho recente, Faggion e Frosi (2010) elencam uma série de itens lexicais que são empréstimos inseridos no vêneto sul-rio-grandense. O que parece haver é uma perda da consciência de tais empréstimos por ambas as idades, além de uma constante renovação vocabular, fato esse inerente a qualquer variedade linguística.

Do ponto de vista da alternância de códigos linguísticos⁶³, novamente não é possível chegar a uma conclusão definitiva, pois as duas faixas etárias fazem um uso contínuo dessa

⁶² Uma análise mais detalhada dos empréstimos será feita no item 4.2.2.

⁶³ Seguiremos o critério de alternância de códigos proposto por Grosjean (1982), presente no item 2.4.1.2.

característica, como se pode observar nos exemplos que seguem:

INT01: e:: e os alunos eram comportados? Os pro...

INF03: [si,

INT01: [professores...

INF03: [é, os professores... *tinhas um que não era muito manso l'ha 'ita.*

Vejamos outros:

INT01: Por que que as pessoas tão falando menos [dialeto]?

INF04: que ghe manca un poca de... de... de... *como é que se diz?* De sforso dela gente...

INF02: ma... *ma foi assim. Eu fui, estud... ho studià fin la quarta série e deu.*

INT01: uhum.

INF02: *((depois então não estudei mais)).*

INF06: *tinha que botá o guarda-pó, era tudo bem diferente aquela volta.*

[...]

INF06: *e tinha... ghera tanta roba assim que a... che la nona dizea, assim, que não é que nem... que nem agora, né.*

INT01: *((risos)).*

INF04: *adess non se vá anca pì a San Gioani che gh'è la condusson ((risos)).*

INT01: e daí vocês vão... vocês vão pra missa como pra São João, hoje?

INF04: *hoje com o caminhão.*

Essas passagens de diferentes informantes evidenciam a presença constante da alternância de códigos. Entretanto, conforme os estudos realizados do Grosjean (1982), muitos podem ser os motivos para realização da alternância. Um deles é o preenchimento de necessidades linguísticas (por exemplo, a expressão '*botá o guarda-pó*') e outro seria a própria questão da solidariedade com o interlocutor, neste caso, uma falante passiva do talian, ou seja, alguém que só entende, mas não fala.

Essa situação poderia, de forma inconsciente, fazer com que o falante mudasse o código para se sentir mais próximo do interlocutor. No entanto, estudos recentes demonstram que essa característica também acontece com os próprios falantes do talian, quando conversam entre eles mesmos, evidenciando, em alguns casos, sutil consciência das diferentes possibilidades linguísticas (PICOL, 2013).

O próximo subitem observará como essas questões se comportam entre os gêneros masculino e feminino.

4.1.2 Mulheres em relação aos homens

Como já explicitado anteriormente, o *corpus* analisado das entrevistas feitas com as informantes mulheres revelou que, independentemente da idade, elas apresentam características peculiares em seu dialeto.

O mais evidente foi a utilização inadequada do auxiliar no tempo pretérito perfeito, no dialeto. Das quatro mulheres que faziam parte do *corpus*, as quatro cometeram inadequações.

Dentre as duas mais velhas, notamos a troca do auxiliar na frase com verbo reflexivo. Observemos:

- a) ‘Eu me esqueci’
INF02: ‘Mi me *ho* desmentegà’
INF03: ‘Mi me *ho* desmentegà’
- b) ‘Eu me lembrei’
INF03: ‘Mi me *ho* pensada’.

Na primeira frase, ocorre a troca do verbo *esser*, usado em frases reflexivas, com o *aver*. Nota-se que as duas respostas são exatamente iguais, mas, como já observado, as duas informantes são irmãs, o que pode ser considerada uma característica específica da família. Já na segunda frase, proferida apenas pela informante 03, ocorre a mesma situação: novamente, o *esser* e trocado por *aver*.

Em relação às falantes mais novas ocorre também a troca de auxiliares, mas de uma forma diferente e não em frases reflexivas. Vejamos:

- a) ‘Eu já caminhei até Caravaggio’
INF06: ‘Mi *son* be’che camignà fin Caravaio⁶⁴.
- b) ‘Eles correram para pegar o ônibus’
INF08: ‘Lori i è corresti ciapar el ônibus’.

As duas frases apresentam, segundo a proposta de Nida (1975, *apud* Faggion, 2012a), verbos de movimento específico, *correre* e *caminhar*, que requerem o auxiliar *aver*. Entretanto,

⁶⁴ O uso de ‘camignà’ configura empréstimo. O verbo vêneto seria ‘*ndar*’.

as duas informantes confundem o emprego e se utilizam do *esser*, o que pode ressaltar a não compreensão do emprego dos auxiliares com verbos de movimento, por parte de certos falantes.

À primeira vista, um falante nativo do dialeto dificilmente apresentaria essa troca. No entanto, as quatro informantes são falantes nativas, e parecem evidenciar uma forma de variação. Consultando Marcato e Ursini (1998, p. 251-254), verificamos que essa é, na verdade, uma característica também presente em alguns dos vênets da Itália Setentrional, como apresentado no item 2.2.1.1 do referencial teórico.

Outra característica observada na fala das mulheres foi a marcante presença de alternância de códigos linguísticos. Dentre as quatro informantes, três demonstraram grande dificuldade em dar sequência a uma conversa em dialeto, principalmente durante as entrevistas semiestruturadas. Observemos alguns exemplos:

INT01: não sei, talvez as pessoas falem menos, falam mais português...

INF06: é, adesso la gente i parla de pi el *português*, né.

INT01: uhum.

INF06: ma:: ‘ntela quela época, *assim, era... era sempre talian. Agora... adesso é mais o português. Sei lá eu te dizê, né.*

INT01: Uhum. E:: em que língua a professora falava?

INF03: *ah, português. La falava... la parlea ‘n português.*

INT01: e os alunos?

INF03: *t... anca.*

INT01: em di... em italiano nunca?

INF03: no, no. N:: *nunca em italiano dentro da escola, no se podea mia.*

INF02: oh, *mas... mi parlo talian?*

INT01: sim.

INF02: ma noantri (‘stianni) se... *nós fomo na... sei ‘nai la sculinha las... lá... de... de, de, de...del... Filipe Camarom.*

INT01: [sim.

INF02: que era. ‘Na sculinha *de madera...*

INT01: [ma em italiano, tia.

INF02: ‘na... ‘na scoleta de ma... *de madera l’era, e velinha, e as professora era... ((risos)) Le professore l’era le quele del Matté... eu gos... mi me piasea le professore.*

Os três trechos das entrevistas demonstram que, de forma geral, as informantes apresentavam dificuldades de se expressarem em dialeto vêneta sul-rio-grandense, intercalando, mais de uma vez em uma única frase, português e talian. Nota-se que há um esforço muito grande para falar em dialeto. Parece que, ao longo da frase, as informantes querem voltar à língua por elas mais utilizada diariamente: o português.

Por outro lado, muitas evidenciaram a extrema dificuldade de conversar em talian com uma pessoa que não fala, apenas compreende. Ao final da entrevista com a informante 02, ela declarou: “É difícil fala italiano porque parece que tu [Greyce] não entende” (INF02). Essa afirmação pode servir de base para afirmar que a mulher tem mais solidariedade com seu interlocutor, buscando uma forma de aproximar-se a ele durante a conversa, o que para as três informantes pareceu difícil, pois o interlocutor não se utilizava do mesmo sistema linguístico na comunicação.

Também se pode observar que muitas palavras talvez não lhes sejam mais conhecidas em talian, pois o próprio Labov (2008, p. 374) observa que o sexo feminino é mais inovador em relação à linguagem: normalmente é mais sensível às formas de prestígio, avança mais rapidamente no papel da mudança linguística, e tem mais influência direta na fala das crianças. Dessa maneira, utilizar formas linguísticas da língua majoritária pode representar um progressivo abandono da fala dialetal italiana por parte das mulheres, principalmente ao pensar que elas estão em maior contato com as gerações mais novas, que usam predominantemente o português, além de ajudarem na criação dos netos, que raramente têm domínio ou mesmo conhecimento do talian.

Do ponto de vista do emprego de neologismos, o *corpus* não revela uma maior proporção de inovações na fala das mulheres em relação à dos homens. Há sim uma presença de empréstimos da língua portuguesa, mas nada que se mostre revelador.

4.2 ANÁLISE COMPARATIVA: O DIALETO DE ONTEM E DE HOJE

Frosi e Mioranza (1983; 2009 [1975]) já relatavam as contínuas mudanças que o dialeto vênето sul-rio-grandense estava sofrendo, principalmente do ponto de vista lexical. Em Frosi (2000) surge uma nova configuração para o talian, por ela chamado *coiné*: uma *mescla linguística* de vários dialetos italianos com a constante presença da língua portuguesa.

Mesmo que os trabalhos pioneiros sobre as questões dialetais do talian (FROSI; MIORANZA, 1983; FROSI, 2000) não tenham como foco específico os aspectos morfossintáticos aqui analisados, é possível, a partir desses estudos fundadores, resgatar estruturas e levantamentos linguísticos de extrema importância para o presente trabalho, como a flexão dos auxiliares do tempo pretérito perfeito e levantamentos sobre empréstimos lexicais da língua portuguesa ao dialeto.

Objetiva-se, nesta seção, comparar as mudanças (ou não) do talian, a partir dos dados de estudos feitos por Frosi e Mioranza (1983) e Frosi (2000), em relação aos dados obtidos

para este trabalho.

Sabe-se que a riqueza e a extensão de dados levantados por Frosi e Mioranza (1983), além da amplitude de lugares em que a pesquisa se desenvolveu, não pode ser comparada à presente análise, mas procura-se apenas relacionar dados para que seja possível identificar alguma característica de semelhança (ou não) em relação ao trabalho de 1983.

4.2.1 Utilização dos auxiliares *esser* e *aver*

Frosi e Mioranza (1983) não se ocupam especificamente da utilização dos auxiliares *aver* e *esser*, mas há uma descrição muito precisa da flexão dos dois.

Em relação aos verbos *aver* e *esser*, na coiné, Frosi e Mioranza (1983, p. 326) registram as seguintes flexões⁶⁵:

Quadro 05 – Flexão dos verbos auxiliares *aver* e *esser* na coiné

Verbo <i>aver</i> na coiné	Verbo <i>esser</i> na coiné
<i>Gò</i>	<i>sò, son</i>
<i>ghè, gà</i>	<i>sè, si, sei</i>
<i>gà</i>	<i>è</i>
<i>ghemo, gavemo, gom</i>	<i>semo, sen</i>
<i>ghi, ghe, gavè, gavi</i>	<i>è</i>

Fonte: Frosi e Mioranza (1983, p. 318-326)

O que nos é apresentado pelo *corpus* em relação ao verbo *esser* mostra que o atual vênето sul-rio-grandense ainda utiliza formas da coiné descritas por Frosi e Mioranza (1983), ao menos nos verbos conjugados da 1ª pessoa do singular (eu), 3ª pessoa do singular e plural (ela/eles). Vejamos os exemplos do nosso *corpus*:

‘Mi *son* ‘nda a Cassia vender formai’ (INF04)

‘*Son* desmentagà’ (INF05)

‘Mi *son* ricordà’ (INF07)

⁶⁵ Os autores fazem uma minuciosa descrição das formas fonético-fonológicas das formas encontradas. Neste trabalho, entretanto, serão registradas as formas sem utilizar transcrição fonética, visto que não é o nosso enfoque.

‘Ela l’è ‘ndata a messa con sua mãe’ (INF01)

‘I me bisnoni i è vegnesti de la Italia’ (INF06)

‘So neta l’è voltada de São Paulo’ (INF05)

Já o auxiliar *aver* adquire uma configuração bem peculiar entre a maior parte dos informantes: algumas formas semelhantes à coiné são registradas, mas há a presença marcante da forma verbal do dialeto trentino. Essa mesma forma também foi registrada por Frosi e Mioranza (1983), que apresentam os seguintes dados:

Quadro 6 – Flexão do auxiliar *aver* no dialeto trentino

Verbo <i>aver</i> no trentino
o, gò
a, ghè
a, gà
en, ghè, ghen, ghemo, gavemo
ghè, gavè

Fonte: Frosi e Mioranza (1983, p. 325)

Dentre os oito informantes da presente investigação, três deles (INF01, INF02, INF07) utilizam-se apenas da forma verbal característica do trentino, como podemos perceber nos seguintes exemplos:

‘Ancoi *ho* comprà un’auto’ (INF01)

‘La nona l’*ha* menà i neti casa’ (INF02)

‘Me fiol l’*ha* studià ‘ntela universidade’ (INF07)

Cabe ressaltar que os três informantes acima citados são irmãos, ou seja, a utilização única do auxiliar trentino pode representar uma característica familiar, já que os três descendem de trentinos e conviveram juntos por um período de tempo. São os únicos informantes que utilizam exclusivamente a forma do trentino.

Os outros informantes, apesar de não utilizarem somente o auxiliar com configuração trentina, mesclam seu uso com o uso da coiné de predominância vêneta. Vejamos alguns exemplos:

INF04:

‘Lori i *ha* correst per ciapar el bonde’

‘Mi *gò* bio coraio’

‘Mi *gò* ideia che el gà mudà’

‘Mi *ho* pensà’

INF05:

‘Me fiol ‘l gà studià ‘ntela universidade’

‘Me dona *ha* portà el pan del mercado’

INF03

‘Mi *ho* ledesto un libro’

‘Mi *gò* coraio’

INF06:

‘L’*ha* mudà’

‘I *ha* fato la festa del casamento sabo’

‘Mi *gò* bu coraio’⁶⁶

INF08:

‘Ancoi mi *ho* compra un’auto’

‘Mi *gò* avesto coraio’

Apesar da mescla entre as formas trentinas e as da coiné vêneta, as informantes 03, 06 e 08 utilizaram-se apenas em uma frase da forma ‘*gò*’, no restante das frases e da entrevista semiestruturada, predominou a característica trentina: a forma ‘*ho*’, ‘*ha*’.

Essa constante presença da forma verbal do dialeto trentino ocorre porque a região é habitada por um grande número de descendentes de trentinos, e sete informantes dentre os oito têm essa ascendência. Segundo Frosi e Mioranza (2009, p. 89): “[...] subsistem características particulares dos dialetos de origem dos falantes que são traços indicativos da proveniência dos imigrantes”.

Certamente, as pessoas que falam o dialeto vêneta sul-rio-grandense com essa

⁶⁶ Única forma registrada com o auxiliar na forma da coiné de predominância vêneta.

característica na Quarta Léngua, influenciam outros falantes, que são moradores da mesma região, mas que não têm vínculos ancestrais com os imigrantes trentinos.

O informante 03, por exemplo, emprega a forma trentina apenas no auxiliar *aver* ‘Mi *ho* ledesto un libro’ (‘Eu li um livro’), e a forma do vêneto apenas no uso do verbo pleno, significando ‘possuir’: ‘Mi *gò* coraio’ (‘Eu tenho coragem’), demonstrando que as escolhas feitas pelo falante podem não ser inconscientes, mas seguem uma regra já sistematizada no seu repertório linguístico. Ou seja, a forma trentina *ho* é usada para o auxiliar, a forma vêneta *gò* é usada para o verbo pleno.

Além dessas questões, há o registro de uma forma verbal do verbo *aver* não registrada por Frosi e Mioranza (1983) entre as formas vênetas e trentinas: a conjugação do verbo na 1ª pessoa do plural (nós) e 2ª pessoa do plural (vós/vocês), como percebemos nos exemplos:

INF03: ‘Noantri *aven* fato el pan ‘sobia’

INF05: ‘Voaltri *avè* caminà gèri’

INF08:

‘Noantri *aven* fato l’ pan ‘sobia’

‘Voaltri *avè* caminà el gèri’

INF04:

‘Noantri *aven* fato el pan ‘sobia’

‘Voaltri *avè* caminà gèri’

Nota-se que a forma *aven* é empregada com a 1ª pessoa do plural, *nós*; já a segunda forma, *avè*, refere-se à 2ª pessoa do plural, *vós/vocês*. Essas formas aparecem, na obra citada, como uma flexão registrada no friulano (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 325), o que pode reafirmar a característica de uma coiné com traços de variados dialetos, neste caso, o próprio friulano mesclado com o trentino e o vêneto, pois traços particulares de distintos dialetos permanecem na coiné (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 88).

Na próxima subseção serão explicitadas questões sobre a renovação vocabular através dos empréstimos lexicais e da alternância de códigos.

4.2.2 Empréstimos lexicais

Outra característica muito presente no dialeto vênето sul-rio-grandense é a constante presença de empréstimos lexicais da língua portuguesa. Segundo Frosi e Mioranza (2009), a coiné vêneta é composta por características de distintos dialetos, e, “do ponto de vista lexical, o predomínio é ainda dos dialetos vênéticos (não excluindo influências dos dialetos lombardos), e verifica-se que esse predomínio ora pende para o vicentino-paduano, ora para o feltrino-belunês” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 89).

Em um de seus principais trabalhos, em 1983, ou seja, há trinta anos, Frosi e Mioranza (1983) já analisavam as interferências dos empréstimos lexicais do português no dialeto vênето sul-rio-grandense, enfatizando que, para muitos falantes, ocorria uma perda da consciência linguística em relação a determinados itens lexicais.

Como já definido na seção 2.4.1.1, os neologismos são criações lexicais que se utilizam de processos de criação e adaptação vocabular, dentre eles o empréstimo. O empréstimo é o vocábulo já incorporado à língua receptora (ALVES, 1994).

Na realidade do vênето sul-rio-grandense, os empréstimos linguísticos da língua portuguesa adquirem características próprias e bem peculiares, principalmente no âmbito fonético-fonológico e nas flexões (FAGGION; FROSI, 2010). Dentre os exemplos citados, o item lexical ‘sinele’ (chinelos), amplamente utilizado no talian, adquire um aspecto muito peculiar: um portuguesismo, no dialeto chamado ‘zavate’, em italiano padrão ‘pianella’ ou ‘ciabatta’ e no vênето sul-rio-grandense também registrado como ‘savate’ (FAGGION; FROSI, 2010, p. 05). O termo ‘sinele’, apesar de ser um empréstimo do português, apresenta adaptação fonético-fonológica e terminação característica do plural do dialeto: /e/.

O professor italiano Meo Zilio (1995), ao estudar as características do vênето sul-rio-grandense, verifica que o fenômeno da interferência linguística no dialeto acontece, sobretudo, pela presença da língua portuguesa, como na questão dos empréstimos. Sobre empréstimos, Meo Zilio (1995, p. 185-186) prevê uma classificação em que aparecem, dentre outros, dois tipos: os necessários e os de luxo. Para o autor, os empréstimos necessários são aqueles que não faziam parte da realidade linguística do dialeto, mas, com o tempo, tornam-se necessários. Já os empréstimos de luxo são palavras “importadas” sem necessidade linguística, que se manifestam através de formas de expressão que revelam um contínuo contato com a realidade em que os falantes estão inseridos.

Em um trabalho realizado em 2010, Faggion e Frosi mostram um aspecto interessante sobre a questão dos empréstimos e suas áreas de significação no vênето sul-rio-grandense. Para as autoras, além de a língua portuguesa influenciar o talian, o talian também realiza um

movimento oposto, fazendo com que o português da região apresente muitos elementos lexicais do dialeto, principalmente na área da culinária, trabalho e turpilóquio (FAGGION; FROSI, 2010).

Através das entrevistas realizadas, foi possível, no presente trabalho, perceber uma forte influência da língua majoritária no dialeto. Muitos foram os registros de empréstimos lexicais do português. Aqui serão observados alguns dos principais⁶⁷:

Quadro 07 – Empréstimos lexicais e manutenção linguística no talian

Português	Talian (STAWINSKI, 1987; BATTISTI et alii, 2006)	Vêneto italiano ⁶⁸ (BOERIO, 1856)	Italiano padrão (GARZANTI, 2008)	Informantes
A pie	A pie	A pie	A pie	A pie
Armazém	NR	NR	Mercato	Mercà, <i>mercado</i>
Atrasados	NR	NR	In ritardo	<i>Atrasai</i>
Bacia	Cadin	Cadin	Bacino; conca	Cadin, <i>bacia</i>
Bagunça	NR	NR	Soquadro; scompiglio; casino (linguagem vulgar)	<i>Bagunça</i>
Bodega	Bodega	NR	NR	Bodega
Bonde	NR	NR	NR	<i>Bonde, bondes</i>
Caminhão	Camiôn; camignôn	NR	Autocarro	Camignôn
Carro	Auto; máchina	NR	Auto; macchina	Auto
Casamento	Casamênto	NR	Matrimonio	Casamento
Castigo	NR	NR	Punizione; castigo; pena.	<i>Castigo</i>
Chão	Téra	NR	Suolo; terra	<i>Chom</i>
Condução (no português brasileiro, um meio de transporte).	NR	NR	Guida (no sentido de guiar, conduzir, “guidare”)	<i>Condussom</i>
Construção	NR	Costruziòn	Costruzione	Costrussion, costrussom
Diferente	NR	Diverso	Diverso	<i>Diferente</i>
Educação	Educassiôn	NR	Educazione	Educassion

⁶⁷ As palavras que aparecem no nosso *corpus* não aparecem em Frosi e Mioranza (1983), nem em Frosi e Faggion (2010). Isso mostra que aumenta o número de portuguesismos no talian.

⁶⁸ Talvez, por desconhecimento da forma vêneta do item lexical, não foram encontrados registros em Boerio (1856).

Escolinha	Scôla	Scola	Scuola	<i>Sculinha</i>
Internet	NR	NR	Internet	<i>Internet</i>
Mãe	Mare, mama	Mare	Mamma	Mama, mare
Mercado	Mercà	Mercà	Mercato	<i>Mercado, venda</i>
Ônibus	Ônibus	NR	Autobus	Ônibus, ligna
Orgulho	NR	NR	Orgoglio	<i>Orgulho</i>
Pai	Páre, pupà, popà	Pare	Padre	Pupà, pare, <i>pai</i>
Série	NR	NR	Serie (sentido de sucessão de coisas)	<i>Série</i>
Tios	Zii	NR	Zii	<i>Ti, zi, zii</i>
Universidade	NR	NR	Università	<i>Università, universidade</i>
Vizinho	Vissín	Vicín	Vicino	<i>Vizigni</i>

NR: não registra

Nota-se, nas palavras em itálico, a presença da língua portuguesa. Os informantes, muitas vezes sem a consciência do empréstimo, empregam a palavra da língua por eles mais utilizada e, conseqüentemente, mais conhecida: o português. A intensa vivência em meio à língua majoritária (meios de comunicação, família, negócios) faz com que o falante busque a melhor forma de comunicação, recorra ao que lhe parece mais conhecido.

Tomando como exemplo, os itens lexicais ‘castigo’, ‘diferente’ e ‘bagunça’ são empréstimos de luxo, pois, ao pensar melhor nas frases, o informante talvez conseguisse encontrar referência em seu próprio dialeto.

Outros exemplos foram observados, como ‘comportai’, ‘desaforo’, ‘novena’, ‘maioria’, ‘conforme’, ‘brighea’, ‘presom’, ‘teimosi’, ‘legítimo’, dentre outros. O que acontece com algumas palavras é apenas a adaptação do item português com a terminação fonética em dialeto: ‘chom’, ‘presom’, ‘brighea’, ‘atrasai’ e ‘vizigni’. Outras, entretanto, são ditas tais como pronunciadas na língua padrão: ‘série’, ‘orgulho’, ‘bagunça’.

O lexema ‘università’, por exemplo, parece ser um empréstimo da própria língua italiana. Talvez essa situação pudesse ocorrer, provavelmente, devido à constante presença dos meios de comunicação no interior das famílias: a televisão, por exemplo, é um meio que permite conhecermos outras variedades linguísticas, que, muitas vezes, são observadas através das próprias telenovelas. Como exemplos, temos as novelas “Terra Nostra” (1999), “Esperança” (2002) e “Passione” (2010). Além disso, há um canal italiano nas TV’s por assinatura que também podem exercer certa influência na fala dialetal. Causa admiração, por exemplo, que um informante (INF07) use a forma *cità*, mais empregada em canções antigas em vêneto (*Mèrica, Mèrica*), mas dificilmente observada hoje na fala diária.

Outro lexema utilizado pelos informantes, que também é do italiano, foi ‘auto’, para fazer referência a ‘carro’. No entanto, o português também se utiliza desse item, e podemos considerá-lo empréstimo da própria língua majoritária, visto que o automóvel só se tornou familiar aos imigrantes aqui no Brasil.

Um dado interessante foi observado durante algumas entrevistas. Na elaboração das perguntas semiestruturadas, uma delas questionava a lembrança de um termo ou palavra utilizado uma vez, mas não mais presente nos dias de hoje. Dois exemplos foram observados: os itens lexicais ‘cadin’ e ‘ciut’. A informante número 06, quando questionada sobre a não presença de algumas palavras antigas, respondeu:

INF06: ((ai, deixa eu...)) *bom, e:: eu me... mi me ricordo que a nona, assim... que a nona Negri, a nona Negri falava assim umas coisas diferente, sabe? Que nem, assim... ah:: “la bassia” ela dizia... “cadin”.*

A informante traz um dado bem interessante, pois utiliza a palavra portuguesa com o artigo na forma dialetal ‘la bassia’ (*bacia*), mas demonstra saber que esse termo não faz parte do dialeto, lembrando que sua avó falava ‘cadin’, termo registrado tanto por Boerio (1856) quanto por Stawinski (1987).

O outro exemplo registrado foi ‘ciut’, que, segundo o informante número 01 fazia parte do dialeto milanês, falado por seu avô. Vejamos:

INF01: *che è vignest el nono, è vignest del... del... del Milano, el... el me pai el parlea tant milanês.*

INT01: *uhum.*

INF01: *é. Ma... é... mi non son:: bon de parlar milanés, perche lori i dizea an ‘ciut’, in vesse l’era an ‘ciodo’.*

INT01: *ah:::*

INF01: *e lori dizea ’n pianta ’n ciut e non lo cava pu, ’n pianta ’n ciodo e non lo cava, i milanesi, i era teimosi.*

‘Ciut’, na verdade, faz referência a ‘ciodo’, que significa ‘prego’. Essa percepção do falante é muito interessante para observar como as formas de alguns dialetos estão se perdendo, abrindo espaço, cada vez mais, a uma coíne com muitas influências do português.

A reflexão proposta pela questão número dois da entrevista semiestruturada, “*Que diferenças o(a) senhor(a) percebe no dialeto falado, uma vez, pelos seus pais ou avós do dialeto falado hoje? Por exemplo, antigamente falavam outras palavras, outras expressões?*”

Se o dialeto mudou, por que motivos o(a) senhor(a) acha que isso aconteceu?”, fez com que os informantes pudessem pensar sobre o dialeto por eles falado hoje, refletindo sobre as mudança, expressões e palavras não mais utilizadas.

Verificou-se que a maioria tem consciência do processo de interferência com a língua portuguesa que o talian vem sofrendo, evidenciando o progressivo abandono dessa variedade italiana por parte dos mais jovens e, até mesmo, a vergonha que muitos sentem ao falar dialeto em lugares públicos. A informante 08 observa:

INT01: uhum. E tu percebe alguma diferença no dialeto que era falado uma vez por aquele que vocês falam hoje?

INF08: oh, una volta se, se parlea el talian pì... legítimo come, l’ di d’ancoi se mestura su, meda una parola per talian, una per brasilier.

A frase da informante mostra que a legitimidade de alguns termos se perdeu com o tempo. Hoje, há tendência do uso do léxico português, apesar da construção e da morfossintaxe persistirem com as formas dialetais (FAGGION, 2011).

Em alguns informantes é possível notar a total perda de consciência da fala dialetal, como pode ser observado na seguinte fala:

INF03: [é, os professores... tinhas um que não era muito manso l’ha ‘ita, ma...

INT01: ah!

INF03: (risos) ma si, no, sim () era comportade.

INT01: ma tenta fala em italiano ((risos)). Tu só falô em português, tia.

INF03: *Por que, é em português assim?*

INT01: é::

A questão feita pela informante “*Por que, é em português assim?*” deixa clara a dificuldade de percepção ao que faz parte do repertório linguístico dialetal, causando confusão com o português. A afirmação feita por Faggion e Frosi (2010) é bem categórica:

Toda a inovação, toda a urbanização, toda a educação vêm carregadas de portuguesismos. Presos aos esquemas morfossintáticos do italiano, é verdade, mas responsável pela inovação. Não se pode deixar de ver nisso um sinal de fraqueza do vêneto, um indicador a mais da paulatina substituição do vêneto pelo português O vêneto sul-rio-grandense, analisado por esse prisma, configura-se como um dialeto em perigo. (FAGGION; FROSI, 2010, p. 09).

Por outro lado, sabe-se que há uma manutenção de termos originais dos dialetos

italianos, apesar de toda a renovação vocabular que este vem sofrendo. Apenas como exemplo, na experiência pessoal já citada em Val Rendena, na Itália, ao conversar com uma falante do dialeto da região, citei o exemplo da palavra ‘pignáta’ (panela, tacho), utilizado no dialeto vênето sul-rio-grandense. Essa falante, mostrando-se muito emocionada, disse que aquele termo fazia parte de um dialeto antigo, não mais falado atualmente. Essa interessante descoberta pode ser um pequeno exemplo para observarmos que algumas formas antigas persistem no talian.

Em relação à alternância de códigos linguísticos, Frosi e Mioranza (1983) não apresentam dados do gênero, visto não ser o foco do trabalho. Por outro lado, com outro enfoque, Frosi (2002) estuda a coine dialetal em programas rádio-jornalísticos em que os locutores falam em talian. A estudiosa observa a configuração de uma fala forçada e artificial, distante do dialeto vênето sul-rio-grandense (FROSI, 2002).

Marcon (2011) realizou um trabalho semelhante registrando trechos do programa de rádio “Avanti, Taliani!”, de uma rádio do município de Bento Gonçalves, verificando a constante presença da alternância de códigos, além de um número muito significativo de empréstimos do português.

Esses dados evidenciam que a fala dialetal italiana vem perdendo espaço e ganhando novas configurações. Em relação ao presente trabalho, há uma proximidade em relação aos empréstimos lexicais do português, mas em menor escala entre os informantes, assim como a questão da alternância de códigos, também presente na fala de alguns falantes (item 4.1.2), mas não tão evidente e presente quanto nos trabalhos que Frosi (2002) e Marcon (2011) apresentam.

A próxima seção apresentará características peculiares da fala dialetal de cada informante.

4.3 ANÁLISE INDIVIDUAL DOS INFORMANTES

Nesta seção, far-se-á uma descrição de cada informante para que se possa verificar características e peculiaridade de cada informante.

4.3.1 *Informante 01* [Homem, 73 anos]

O informante é um homem de 73 anos, morador da capela São João e agricultor. Sua ascendência, por parte de pai, é milanesa; pela mãe é trentina.

Em relação aos verbos auxiliares, todos são empregados de forma adequada. O auxiliar *aver* não apresenta em nenhum momento a flexão vêneta, e sim a trentina, observáveis em frases como: ‘Ancoi *ho* comprà un’auto’, ‘Mi *ho*’gu coragio’, ‘l’*ha* mudà perche tuta la gente la parla brasilier’.

Outra característica do dialeto trentino presente em sua fala é a pronuncia final dos vocábulos com consoantes. Bonatti (1974 apud MENGARDA, 2001) observou, em seu estudo sobre o trentino na comunidade de Pomeranos, Rio dos Cedros (SC), que havia uma tendência de terminação de vocábulos em consoante, característica semelhante àquela do informante do presente *corpus*.

É possível elencar exemplos como: ‘fat’, ‘desmentegat’, ‘dialet’, ‘tant’. Nota-se a terminação de palavras com consoante ‘t’. O item lexical ‘poc’ (pouco) também tem a terminação em consoante, mas com o ‘p’ final.

O informante demonstra grande fluência na fala dialetal: não se utiliza de alternância de códigos e emprega apenas algumas palavras que podem ser caracterizadas como empréstimos (‘brighea’, ‘presom’, ‘condussom’, ‘diferente’). Vale ressaltar que sua pronuncia final do item lexical ‘internet’ foi muito peculiar: uma africada palatal surda, muito distante do sotaque por eles normalmente utilizado.

4.3.2 Informante 02 [Mulher, 70 anos]

A informante número 02, mulher de 70 anos, agricultora, descendente de trentinos por parte de mãe, habitante da capela São João, esposa do informante 01 e irmã dos informantes 03 e 07, mostrou dificuldade em traduzir as questões para o dialeto. Ao longo da entrevista, apresentou problemas na diferenciação de algumas pessoas verbais. Por exemplo, onde a questão solicitava a resposta com ‘nós’ (‘noaltri’), a informante respondia ‘eu’ (‘mi’), contanto com a constante ajuda do marido para responder a algumas questões. Na frase ‘Nós fizemos o pão quinta-feira’, ela respondeu: ‘Mi ho fato l’ pan ‘sobia’.

Em relação ao uso dos auxiliares, a informante trocou o auxiliar em uma frase ‘Mi me *ho* desmentegà’, um tempo composto reflexivo que, normalmente, utilizaria o verbo *esser* e não *aver*. Novamente, há o uso exclusivo do verbo *aver* na forma trentina, pela ascendência da informante: ‘La me dona l’*ha* portà l’ pan del mercado’ ou ‘Mi *ho* vu coraio’.

Ao longo da entrevista semiestruturada, ela fez uso contínuo de alternância de códigos linguísticos, dizendo o quanto era difícil conversar em dialeto com quem parece não saber,

nesse caso, a interlocutora. Além disso, sabe-se que a informante cuida de seus netos, que só falam português, fato esse que pode afastá-la do uso contínuo da fala dialetal.

Do ponto de vista dos empréstimos, alguns lexemas do português são empregados, como: ‘sculinha’, ‘castigo’ e ‘chom’. Nada que revele uma grande influência da língua majoritária.

4.3.3 Informante 03 [Mulher, 72 anos]

A informante número 03, mulher de 72 anos, agricultora, descendente de trentinos por parte de mãe, habitante da capela São José e irmã dos informantes 02 e 07, apresentou as mesmas dificuldades da informante 02, porém, de forma mais acentuada.

Viúva há alguns anos, ela cuida dos netos e vive com o filho e a nora, nenhum deles falantes do dialeto, o que pode refletir (e reflete) em sua fala dialetal.

A informante apresenta dificuldade em traduzir algumas palavras, confundindo emprego de pessoas verbais, como: ‘*Vocês* caminharam ontem’ por ‘*Noantri* aven camignà gèri’ ou ‘*Hoje* eu comprei um carro’ por ‘*Noantri* aven comprà un’auto ancoi’. Não é possível chegar a uma conclusão sobre isso, pois, em outros casos, o engano não ocorre: ‘*Eu* li um livro’ foi realizado como ‘*Mi* ho ledesto un libro’.

Quando ao uso dos auxiliares, demonstrou a mesma dificuldade da informante 02: trocou o auxiliar em duas frases reflexivas de um tempo composto: ‘*Mi* me *ho* desmentegà’ e ‘*Mi* me *ho* pensada’. Apresenta o uso contínuo do auxiliar *aver* no trentino, como os próprios exemplos anteriores demonstram. Em apenas um caso, no tempo presente, ela utiliza a forma vêneta: ‘*Mi* gò coraio’.

A alternância de códigos foi constante. Notava-se grande esforço para ter uma fala contínua em dialeto. Observemos:

INF03: ... uhm... *qué que eu digo o quê*, mi?

INT01: alguma coisa que eles falavam e hoje não se ouve mais.

INF03: *ah... Ah::: tinha o nono que ele... el f... tochea rider quando che el parlea.*

A intensa alternância pode ser observada em outras partes, mas acredita-se que a intenção da informante era apenas, inconscientemente, buscar uma melhor comunicação entre ela e a interlocutora, que não era falante do talian.

Alguns empréstimos foram registrados, como ‘venda’, ‘bondes’, ‘comportai’ e ‘novena’ (item lexical do talian e do português).

4.3.4 Informante 04 [Homem, 68 anos]

O informante número 04 é um homem com 68 anos, agricultor, habitante do Mirambel e descendente de milaneses por parte de pai e vênetsos por parte de mãe.

Em relação ao uso dos auxiliares no pretérito perfeito, o informante demonstra pleno domínio e não faz uso inadequado em nenhuma frase. Do ponto de vista da flexão do auxiliar *aver*, ocorre aqui uma situação muito interessante: apesar de o falante não ter ascendência trentina, ele mescla a forma verbal do *aver* do trentino e do vênetsos: ‘Ancoi *ho* comprà un auto’ e ‘Mi *ho* caminà fin Caravagio’ (formas trentinas); ‘Mi *gò* bio coraio’ e ‘I *gà* assà la religion de ‘na parte’ (formas vênetsos); e ‘cada uma l’*ha* portada a sua, ma dopo quà i la *gà*...’ (mescla das duas formas em uma frase). Esse fato evidencia a marcante presença de uma comunidade trentina na região, fazendo com que esse dialeto acabe influenciando os outros.

Em relação à alternância de códigos há presença, mas não em grande quantidade. Observemos:

INF04: ‘ntela scola, noantri se:: se: fea qualche *bagunça* se le ciapèa. Adess le, le, l... ghe... non te pol darghe.

INT01: eles batem no professor, é mais fácil né.

INF04: *com certeza*.

INT01: bá, tá loco.

INF04: *com certeza*. E doman o dopo voi veder chi che le và ‘ncora far scola. Pi nessuno i va.

Apenas na última parte da entrevista semiestruturada, em uma questão que não estava incluída no questionário, o informante recorre de forma mais evidente à alternância de códigos, talvez por ter sido uma conversa mais informal e sem a necessidade da fala dialetal.

Alguns empréstimos são empregados, como ‘bagunça’, ‘quilómetros’, ‘armazém’, dentre outros.

4.3.5 Informante 05 [Homem, 41 anos]

O informante número 05 é um homem de 41 anos, o falante mais novo,

microempresário, morador da capela São Brás, descendente de trentinos.

Apesar da idade, do emprego em um mercado central e de ter uma família (mulher e filhas) que não falam dialeto, o informante não demonstra nenhuma dificuldade na comunicação dialetal.

Não há enganos no uso auxiliares no pretérito perfeito, mas há uma mescla do uso do auxiliar *aver* na forma trentina e vêneta, como pode ser observado nas frases: ‘*Gaven* fato ‘1 pan ‘sobia’ e ‘Lori i *ha* fato la festa del casamento sabo’. Novamente, o contato entre dialetos se faz presente para a configuração da coíné.

Do ponto de vista da alternância, apenas algumas frases curtas ou pequenas expressões certamente utilizadas para uma comunicação mais eficaz. Vejamos:

INT01: não, tudo bem. E se o dialeto ele mudo, tu acha que tá mudando por quê? Por que que as pessoas tão falando menos?

INF05: gò idea que ghe manca un poca de...de...de... *como é que se diz? De sforzo* dela gente que è ancora in colónia, quando i va... i va ‘ntela cidade i gà vergogna de parlar el talian.

Nota-se que o item lexical ‘sforço’, apesar da pronúncia dialetal, é um empréstimo do português, assim como outras palavras empregadas pelo falante, como ‘orgulho’ e ‘bodega’.

4.3.6 Informante 06 [Mulher, 57 anos]

A informante número 06 é uma mulher de 57 anos, moradora da capela São Paulo, aposentada e descendente de trentinos por parte materna (ela desconhece a ascendência paterna). Essa foi a informante que mais demonstrou dificuldade para responder às questões da entrevista semiestruturada.

No emprego de auxiliares no pretérito perfeito, a informante cometeu apenas uma troca: com o verbo de movimento específico que requer o auxiliar *aver*, ela empregou o *esser*. No exemplo é possível observar: ‘Mi *son* be’che camignà fin Caravaio’.

No emprego da flexão verbal do auxiliar *aver* há apenas uma frase com a forma vêneta, ‘Mi gò bu coraio’. Nas outras frases há registro apenas da forma trentina: ‘*ho/ha*’: ‘Me fiol l’*ha* studià dela universidade’ e ‘La nona l’*ha* mena i neti casa’.

Tendo em vista a questão da alternância de códigos linguísticos, a informante demonstra grande interferência de uma variedade sobre a outra. Durante a entrevista semiestruturada, notou-se um intenso esforço em permanecer apenas falando dialeto. Os

exemplos a seguir deixam claro:

INT01: não, como que vocês iam pra missa uma vez, se hoje usa mais carro...

INF06: ah, ancoi, *claro*. Ancoi *pego o carro e subo lá de carro. A gente não... não vô mais a pé*. Ma ‘nte quela época... l’era sol a pie.

INT01: uhum.

INF06: sol a pie. *Não tinha né... não tinha como... come nar*.

Não há grande presença de empréstimos, a não ser em palavras como ‘castigo’, ‘diferente’ e ‘português’. Entretanto, a presença constante da alternância dificulta saber até que ponto há apenas alternância ou empréstimo.

Ao final da entrevista, a informante relatou ser muito difícil conversar em dialeto com alguém que não fala, pois parecia que a interlocutora não compreendia. Mais uma vez a questão da solidariedade é bem marcada.

4.6.7 Informante 07 [Homem, 57 anos]

O informante 07, um homem de 57 anos, agricultor, morador de São Brás, descendente de trentinos, irmão das informantes 02 e 03, mostrou-se bem objetivo e sem dificuldades de falar no dialeto.

Em relação ao emprego dos auxiliares não comete enganos. Toda a sua fala é marcada pela presença do auxiliar do tempo composto do pretérito na forma trentina: ‘Mi *ho* ledesto un livro’, ‘La dona l’*ha* portà el pan del mercado’. Apenas em outros tempos verbais o falante se utiliza da forma vêneta: ‘se *gavea*’.

É o único falante que não alterna códigos, utiliza-se apenas de alguns empréstimos, como ‘difícil’, ‘fácil’ e ‘universidade’.

Apesar de ser um falante mais jovem, nota-se que é um falante que utiliza continuamente o dialeto. As interferências ocorrem, por outro lado, do dialeto na língua portuguesa. Muitas vezes, aos que não compreendem a fala dialetal, é muito difícil compreender este informante, pois a alternância de códigos é muito grande quando fala em português.

4.6.8 Informante 08 [Mulher, 53 anos]

A informante 08, mulher de 57 anos, agricultora, moradora da capela São Brás, 4ª Léguas, descendente de trentinos e vênets, falou pouco durante a entrevista e sempre foi bem direta e precisa em suas respostas.

Não ocorreram muitas trocas em relação aos auxiliares no tempo composto, apenas em uma frase que requeria o *aver*, pois apresentava um verbo de movimento específico (*correre*), a informante utilizou o *esser*: ‘Lori i è corresti ciapar el ônibus’.

Tendo em vista o emprego da flexão do verbo *aver* como auxiliar, a informante utiliza, predominantemente, a forma trentina, ‘Mi ho ledesto un libro’. Entretanto, em uma das frases vale-se da forma vêneta: ‘Mi gò avesto coraio’.

A informante não alterna códigos linguísticos, mas vale ressaltar que sua entrevista foi a mais curta. Talvez, se fosse dado continuidade às questões, outros aspectos poderiam ser revelados.

Em relação aos empréstimos, há a presença de itens lexicais como: ‘série’, ‘português’, ‘maioria’, ‘legítimo’ e ‘atrasai’ (‘atrasados’).

4.4 OUTRAS PECULIARIEDADES

Certamente, muitas questões que emergem do *corpus* não serão apresentadas, devido aos objetivos e ao pouco tempo disponível. Entretanto, alguns aspectos registrados não poderiam, simplesmente, ser deixados de lado. Aparecem a seguir porque constituem características importantes da fala dialetal.

4.4.1 Marcadores discursivos

Ao longo da seleção do *corpus* de análise, foram observadas questões muito recorrentes no dialeto vêneta sul-rio-grandense dos falantes. Algumas dessas questões, pelo que se sabe, ainda não foram abordadas em outros trabalhos.

Algumas expressões destacadas são: *belche*, *bè’che*, *l’ha ‘ita*, *l’ha ‘ito* e *g(o) idea*. Para Stawinski (1987), a expressão *belche* tem valor de advérbio de tempo, com o significado de ‘já’. Esse advérbio foi amplamente empregado na frase ‘Meus tios *já* morreram’. Dentre os oito informantes, seis empregaram a forma citada. Desses, dois falaram uma variação: *bè’che*. Observemos os exemplos: ‘I me ti i è *bè’che* morti’ (INF01), ‘I me ti i è *bè’che* morte’ (INF06), ‘Noantri parlemo *belche* un poc diferente’ (INF01). Ao longo do *corpus* aparecem registrados nove empregos de *belche* e dois de *bè’che*.

Quanto às expressões *l'ha 'ita/ l'ha 'ito* (em uma tradução livre ‘ele dizia’) e *g(o) idea* (‘eu acho’), parece que elas se tornam muito frequentes, atuando como apoios ou marcadores discursivos. Segundo Urbano (2011) os marcadores discursivos são expressões vazias de conteúdo:

[...] são elementos, formulaicos, típicos da fala conversacional, de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional. São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. (URBANO, 2011, p. 60).

O que cabe ressaltar é que essas expressões sofrem um processo de gramaticalização, pois trocaram tanto a forma fônica quanto o significado. Tendo em vista as expressões *l'ha 'ita/ l'ha ito*, por exemplo, não há a intenção de recorrer à forma *'i la gà dita'* (‘eles disseram’), é apenas um recurso que o próprio falante utiliza para afirmar seu discurso, sem significar estritamente ‘eles disseram’. Vejamos os exemplos: ‘alora, *l'ha 'ita*, l'è tut diferente de come che l'era’ (INF01) ou ‘Perche i milanesi ghen'era pochi. *L'ha 'ito*, non adianta, ghene pochi là milanesi ‘n volta’ (INF04).

No segundo caso, o *'g(ò) idea'* pode ser comparável ao ‘acho que’ em português, usado oito vezes durante as entrevistas. É difícil pensar que alguém escolheu esse verbo pensando na expressão “tenho uma ideia de que”, ou “na minha concepção”, mas apenas uma forma de utilizar um marcador discursivo a fim de demonstrar a não certeza ou insegurança sobre o assunto. Vejamos alguns exemplos:

INT01: e falavam outras palavras? Tu lembra de alguma outra palavra que eles falavam e não falavam mais, alguma coisa assim?

INF02: ah, mi *gò idea* de nò.

INT01: e tu di... tu percebe alguma diferença do dialeto falado uma vez pelo... pelos nonos daquele que é falado hoje?

INF03: ah:: eu acho que non.

INT01: ma responde em italiano tia!

INF03: mi... mi *gò idea* de no.

INT01: como que era a:: escola no tempo que tu estudava? Ela é muito diferente da escola que tem hoje...

INF05: è, quela època... l'era mi *gò studia* anca poco, ma ‘n final... *gò idea* che l'era tanto

diferente.

Nota-se que os exemplos possibilitam analisar esses marcadores discursivos (*l'ha 'ita*, *l'ha 'ito* e *g(o) idea*) com função de modalizadores⁶⁹, ou seja, o descomprometimento com a situação de fala. Seguindo as ideias de Quirk (1985), Neves (2002) afirma: “[...] a modalidade pode ser definida como o modo pelo qual o significado de uma frase é qualificado de forma a refletir o julgamento do falante sobre a possibilidade de ser verdadeira a proposição por ela expressa” (NEVES, 2002, p. 172). Essa relação expressa por Neves (2002) entre o falante e seu enunciado revela o afastamento que o primeiro deseja criar em relação ao segundo, o que permite a ele expressar suas ideias sem comprometer-se com a veracidade dos fatos.

Por exemplo, a informante 03, ao ser questionada sobre a maneira como atuavam os professores antigamente, responde: ‘é, os professores... tinham um [sic] que não era muito manso, *l'ha 'ita*’ (INF03). Esse marcador, *l'ha 'ita*, expressa a modalização da sentença. A informante sabe como era a realidade docente em outros tempos, mas, seja por respeito à figura do professor ou resguardo sobre sua opinião, prefere utilizar-se da função modalizadora através do marcador discursivo.

Segundo Palmer (1986 apud LAVANDOSKI, 2012, p. 31), a modalidade está relacionada a fontes ideológicos do locutor, representando a posição do falante perante o assunto. Com isso, ao utilizar-se de uma expressão como “eu acho” (*g(ò) idea*) ou “ele disse/eles disseram” (*l'ha 'ita/ l'ha ito*) é possível observar a marca da impessoalidade, ou seja, o afastamento da proposição a fim de não marcar o comprometimento do interlocutor.

Com isso, os exemplos ressaltam a possível significação de ‘*gò idea*’ como ‘eu acho’, atuando, principalmente como marcadores discursivos com função de modalizadores para evidenciar possíveis dúvidas de descomprometimento com algumas sentenças de fala.

O capítulo de análise, essência do estudo, possibilitou a confirmação (ou não) das hipóteses levantadas no início do projeto. Certamente, tantas outras questões poderiam ter sido focadas, mas, dentro do espaço de tempo obtido, acreditamos ter alcançado nossos objetivos.

A próxima seção dará ênfase às considerações finais do trabalho, analisando as hipóteses levantadas, bem como observando a contribuição do estudo.

⁶⁹ Durante a defesa da presente dissertação, a Professora Doutora Ana Maria Stahl Zilles observou que a possibilidade de analisar os três marcadores discursivos (*l'ha 'ita*, *l'ha 'ito* e *g(o) idea*) com função de modalizadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Só depois de muito tempo
 Fui entender aquele homem.
 Eu queria ouvir muito,
 Mas ele me disse pouco...
 Quando se sabe ouvir,
 Não precisam muitas palavras,
 Muito tempo eu levei
 Pra entender que nada sei,
 Que nada sei...

 Ira! Dias de Luta.*

A presente dissertação buscou, através da pesquisa de campo, apresentar algumas características atuais do vêneto sul-rio-grandense, relacionando-o com trabalhos anteriores (FROSI; MIORANZA, 1983; FAGGION, FROSI, 2010, dentre outros) e descrevendo aspectos ainda não observados, mas importantes para a construção de um perfil dialetal linguístico de algumas comunidades rurais de Caxias do Sul.

Tendo em vista o presente *corpus* de estudo do qual esta dissertação se valeu, em relação à diferenciação e utilização de verbos auxiliares (*esser* e *aver*) no tempo composto do pretérito perfeito (*passato prossimo*), nota-se que há troca na fala de mulheres: as informantes cometem enganos empregando, às vezes, um auxiliar no lugar de outro. Para as duas informantes mais velhas ocorreu o emprego inadequado do auxiliar *aver* no lugar de *esser* em uma frase reflexiva. Para as outras duas informantes mais novas ocorreu o contrário: em verbos de movimento específico, que requerem *aver*, ambas empregaram *esser*. Os homens, por sua vez, não cometem enganos.

No início das investigações sobre os auxiliares, acreditava-se que o emprego inadequado do auxiliar no pretérito perfeito composto era característica que um falante nativo jamais faria. Entretanto, recentemente, ao investigar estudos feitos por Marcato e Ursini (1998), percebemos que essa característica também ocorre nos dialetos vênéticos italianos. Sendo assim, essa peculiaridade linguística não poderia mais ser vista como uma perda de características dialetais, pelo contrário, demonstraria a possível manutenção de aspectos do próprio vêneto italiano, ou seja, a reminiscência de um aspecto distinto e singular que compõe uma variável.

A hipótese de que os falantes mais velhos conservavam traços do vêneto sul-riograndense apresentados por Frosi e Mioranza (1983) foi corroborada. Entretanto, os informantes mais novos também conservam esses traços, demonstrando que essas características não são exclusivas em certos falantes, como se acreditava. Pelo contrário: falantes mais jovens têm um conhecimento e domínio dialetal comparável aos falantes mais velhos, talvez por habitarem regiões com características coloniais e distantes dos centros urbanos.

Além disso, a hipótese de que o falante mais velho distinguia o uso dos auxiliares *esser* e *aver* no pretérito perfeito, enquanto o grupo mais novo poderia confundir, foi refutada: a troca foi feita apenas pelas mulheres, independente da idade. Os homens, tanto os mais velhos quanto os mais novos, não confundiram.

Faggion (2011; 2012a) observou em entrevistas realizadas em 1999 com informantes mais novos que o emprego inadequado do auxiliar era algo comum entre eles. Em verbos de movimento intermediário, que indicam um deslocamento geral, os jovens utilizavam *aver* ao invés de *esser*, como na frase *'Eu fui a Garibaldi'*: *'Mi go 'ndato a Garibaldi'* por *'Mi son 'ndato a Garibaldi'* (FAGGION, 2012a, p. 09). A partir disso, para a pesquisadora: “Na fala, observa-se entre os jovens a tendência de empregar um único auxiliar verbal: não persiste o emprego do auxiliar específico *essere* nos tempos compostos, com verbos de movimento” (FAGGION, 2012a, p. 09). Infelizmente, pela falta de informantes jovens, não foi possível observar essa questão em falantes mais novos. Entretanto, em uma entrevista feita com a informante número 08, tendo seu filho de 24 anos estado presente todo o tempo, esse mesmo lhe disse: “óh, mãe, tu já falo uma coisa errada: não é *'mi son desmentegà'*, ma *'mi gò desmetega'*”, evidenciando a possível troca descrita por Faggion (2012a).

Novamente cabe ressaltar que essa troca não pode mais ser vista como um erro, mas como uma variante possível na fala dialetal, principalmente após a leitura dos estudos feitos por Marcato e Ursini (1998).

Do ponto de vista do emprego de empréstimos, foi possível identificar a presença de muitos itens lexicais importados do português, confirmando uma das hipóteses levantadas por este trabalho, de que os falantes, pela constante presença da língua majoritária, utilizam-se dela de uma forma, muitas vezes, inconsciente.

A utilização da alternância de códigos foi uma característica que ocorreu na fala de sete dentre os oito informantes, mas a hipótese inicial de que a alternância seria frequente não foi confirmada, pois, como demonstraram as entrevistas, não foi constante, ocorreu em determinados momentos apenas, e não em toda a entrevista. Na fala das mulheres houve uma

presença bem mais acentuada, mas, como já observado, as mulheres demonstram ter mais solidariedade com seu interlocutor, buscando formas de se aproximar a ele. Nesse caso isso se deu através da alternância.

Em linhas gerais, notou-se que os homens são mais conservadores em relação às inovações e mudanças, além de menos solidários com os interlocutores de uma conversa: não cometem troca na utilização dos auxiliares e não se utilizam de maneira tão evidente da alternância de códigos. Um dos informantes, por exemplo, não alternou as duas variedades (português e dialeto vêneto) nenhuma vez. Entretanto, do ponto de vista do emprego de empréstimos, não há como fazer uma afirmação categórica: homens e mulheres fazem uso das inovações lexicais, não em larga escala, mas sendo uma característica comum a todos.

Comparando aos estudos feitos por Frosi (2002) e Marcon (2011) sobre a fala dialetal nas rádios, certamente, o emprego de empréstimos e a constante alternância de códigos por elas observados não se faz tão presente na realidade linguística dos falantes do presente *corpus*. Pelo contrário: nos falantes do *corpus* desta dissertação, as características citadas se apresentam de forma peculiar para cada um, não sendo uma regra geral. Além disso, a fala dialetal registrada nas entrevistas deste trabalho não pode ser comparadas à fala dialetal dos programas de rádio observados por Frosi (2002) e Marcon (2011): a segunda é forçada e artificial, feita com o objetivo de entreter, causar riso (FROSI, 2002), distante da primeira que é real, natural, feita com falantes comuns do talian.

Dentre outros aspectos levantados pelo *corpus*, foi muito perceptível a influência do dialeto trentino oriental no dialeto dos falantes. A utilização do auxiliar *aver* na forma trentina foi frequente: mesmo informantes que não apresentavam ascendência trentina, em algum momento da fala mesclavam essa com a forma vêneta. O informante 01, por exemplo, apresentou outra característica do trentino: a pronúncia da consoante final nas palavras, principalmente nas terminadas em ‘t’. O predomínio de famílias de origem trentina marcou não apenas a fala das famílias trentinas, mas também a fala de quem convive com elas, confirmando a hipótese de que o dialeto vêneto sul-rio-grandense dos informantes do *corpus* apresenta características do trentino na região.

Outra forma registrada foi a flexão do auxiliar *aver* na 2ª pessoa do plural (‘nós’) com característica friulana *aven*, deixando evidente a presença de elementos de vários dialetos diferentes na formação da coiné dialetal (FROSI; MIORANZA, 1983).

Algumas peculiaridades também foram registradas ao longo das entrevistas, tais como a presença de marcadores linguísticos que se tornaram bem frequentes na conversa: *belche*, *bè'che*, *l'ha 'ita*, *l'ha 'ito* e *g(o) ideia*. Essas expressões nada mais são do que marcações que

parecem sofrer um processo de gramaticalização através da perda do sentido original, transformando-se em chavões constantes na conversa oral.

Seguindo a linha de pensamento de Romaine (2006, p. 78-80), o bilinguismo nas comunidades rurais da Quarta Léngua não pode mais ser caracterizado como coordenado, mas como composto, visto que interferências são observadas, mas há domínio das variedades utilizadas pelos falantes: o talian e o português. Não é possível dizer que os dados obtidos podem ajudar na confirmação que o vêneto sul-rio-grandense está sofrendo uma intensa mudança. Como afirma Faggion (2011), o léxico sofre mais interferências. Quanto à morfossintaxe, ainda persistem estruturas do vêneto italiano.

O que se pode afirmar é que as gerações mais jovens estão abandonando a fala dialetal: o bilinguismo português-talian em falantes mais jovens é raro; o bilinguismo precoce é raríssimo, já não mais observado (ao menos na região pesquisada). O progressivo abandono do dialeto é visível. Sua extinção parece ser uma questão de tempo.

Ao final da pesquisa acreditamos ter atingido os objetivos propostos e termos conseguido abranger questões importantes no estudo do vêneto sul-rio-grandense, dentro do tempo que nos foi dado. O estudo se mostrou relevante uma vez que levantou questões de cunho morfossintático, com um referencial que ainda necessita mais estudos.

Por ser formado por um *corpus* pequeno, não há como fazer afirmações categóricas, mas, a partir do que foi analisado, ainda persistem as características de uma coiné com características dialetais peculiares, que, aos poucos, cede espaço à língua portuguesa. Por outro lado, há a reminiscência de características dos dialetos italianos, como o vêneto e o trentino.

Esperamos ter contribuído para os estudos em relação à morfossintaxe do vêneto sul-rio-grandense, lançando questões que não devem se esgotar neste trabalho, visto que é inicial, feito com um número pequeno de informantes e aborda apenas algumas questões. Sem dúvidas, o assunto merece ser aprofundado e ampliado em futuros estudos.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, J. N. *Bilingualism and the Latin language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.
- AZEVEDO, Thales. *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IEL, 1975.
- BATTISTI, Elisa [et al.]. *Dicionário de italianismos e de outras inovações vocabulares do português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educ, 2006.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BELLONI, Silvano. *Grammatica veneta*. 2.ed. Padova: Esedra Editrice, 2006.
- BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomeneghi. *Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas*. Caxias do Sul, RS, 2006. (Dissertação de Mestrado).
- BOERIO, Giuseppe. *Dizionario del dialetto veneziano*. Venezia: Martello Editore, 1875.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOVO, Nínive M. P. *A variação da vibrante e seu valor social*. Caxias do Sul: UCS, 2004 (Dissertação de Mestrado).
- BURKE, Peter. *Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- CALVET, Louis-Jean. *Tradição oral & Tradição escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CARVALHO, Nelly Medeiros de. Ato e Fato Social e Linguístico: neologismo. In: SILVA, José Pereira da. *Neologia e neologismos no Brasil – Século XXI*. Curitiba: Prismas, 2011.
- CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COLTRO, Dino. *Il dialetto e la (sua) grammatica*. In: MARCATO, Gianna; URSINI, Flavia. *Dialetti veneti: grammatica e storia*. Padova: Unipress, 1998.
- CORRÀ, Loredana. Il “Talian” dei veneto-brasiliani. In: MARCATO, Giana. *Italiano. Strana lingua?* Beluno: Unipress, 2002.
- CORTELAZZO, Manlio et alii. *Grafia veneta unitaria*. Venezia: Editrice La Galiverna, 1995.
- CORTELAZZO, Manlio. Lo studio dei dialetti veneti in Brasile. In: MEO ZILIO, Giovanni (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987.
- CRIYSTAL, David. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: Cambridge University, 1997.

- CUNHA, Maria Angélica Furatado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- DAHER, Andrea. *A oralidade perdida: ensaio de história das práticas letradas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DE BIASE, Alessia. *Les Vénitiens Dans La Pampa: anthropologie D'Une Double Identité Au Rio Grande Do Sul Brésil*. L'Harmattan, 2009.
- DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio Frei. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul, RS: EST/UCS, 1979.
- DE HEREDIA, Christine de. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMÈS, Geneviève; BOUTET, Josiane. *Multilinguismo*. Campinas: Unicamp, 1989.
- FAGGION, Carmen Maria. *O uso de 'ghe/ghen' em registros escritos do dialeto italiano da serra gaúcha*. Porto Alegre: UFRGS, 2001 (Dissertação de Mestrado).
- FAGGION, Carmen Maria; FROSI, Vitalina Maria. Lusismos no Vêneto sul-rio-grandense. In: IX Encontro do CELSUL, 2010, Palhoça, SC. *Anais do IX Encontro do CELSUL*, 2010. p. 1-11.
- FAGGION, Carmen Maria. É o bilíngue que é estigmatizado? In: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs, 2010a.
- FAGGION, Carmen Maria. Bilinguismo e cultura. In: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs, 2010b.
- FAGGION, Carmen Maria. O talian: morfossintaxe quase resistente, léxico nem tanto. In: *Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*. Rio de Janeiro: 2011.
- FAGGION, Carmen Maria. Verbos auxiliares em relação a verbos de movimento (com foco em chegar). In: X Encontro do CELSUL - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2012, Cascavel, PR. *Anais do X Encontro do CELSUL*. Cascavel: UNIOESTE, 2012a.
- FAGGION, Carmen Maria. Italianismos no português da Serra Gaúcha: análise dos adjetivos. In: II Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, 2012, Belém, PA. *Diversidade linguística e políticas de ensino: anais do II CIDS*. São Luís, MA: Edufma, 2012b.
- FAGGION, Carmen Maria . Chegar, pregar: dois diferentes processos de gramaticalização. In: II Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa, 2012, Uberlândia. *Anais do SIELP*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2012c. v. 2. p. 1-10.
- FAGGION, Carmen Maria . Os verbos vir e chegar nos Autos da Devassa - 1794. In: I Congresso internacional de Estudos Filológicos, 2012, Salvador. *ANAIS - I Congresso internacional de Estudos Filológicos*. Salvador: Casa de Criação - UFBA - Quarteto, 2012d. v. Único. p. 1-15.
- FAGGION, Carmen Maria; LUCHESE, Terciane. Bilinguismo e escolarização na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, 1930 - 1960. In: SILVA, Sidney de Souza. (Org.). *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*. Campinas: Pontes Editora, 2011, v. p. 197-224.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

- FERREIRA, Dina Maria M. Identidade feminina no espaço político: percurso simbólico na ecologia da linguagem. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil; FERREIRA, Dina Maria M. *Política em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Mackenzie, 2006.
- FORTUNATO, Isabella Venceslau. Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte. *Domínio de Linguagem*, Revista Eletrônica de Linguística. Ano 3, n. 1, 1º semestre de 2009.
- FROSI, Vitalina Maria. Interrelazione fra il dialeto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. In: MEO ZILIO, Giovanni (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987.
- FROSI, Vitalina Maria. *Provérbios dialetais italianos: uma linguagem em extinção*. Porto Alegre: PUCRS, Inst. de Letras e Artes, 1989. (Dissertação de Mestrado).
- FROSI, Vitalina Maria. A linguagem oral da colonização italiana no Sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário (Coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ufrgs, 1996.
- FROSI, Vitalina Maria. Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla linguística. In: CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário (orgs.). *Raízes italianas do RS*. Passo Fundo: UPF, 2000.
- FROSI, Vitalina Maria. L’italiano standard e i dialetti italiani in Brasile. In: MARCATO, Giana. *Italiano. Strana lingua?* Beluno: Unipress, 2002.
- FROSI, Vitalina Maria. Bilinguismo de português e dialetos italianos: nossa história, nossa língua, nossa origem. In: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs; 2010a.
- FROSI, Vitalina Maria. Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. In: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs; 2010b.
- FROSI, V. M. A blasfêmia: suas interfaces em contexto bilíngue. *Domínios de Linguagem*, v. 6, p. 76-109, 2012.
- FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs; 2010.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos Ítalo-Brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educs, 1983.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. 2.ed. Caxias do Sul: Educs, 2009 [1975].
- GALIOTO, Antônio. *As capelas: uma experiência sócio-religiosa*. Caxias do Sul: Educs, 1988.
- GARZANTI. *Il grande dizionario Garzanti della lingua italiana*. Varese: Garzanti Editore: 2008.
- GIRON, Loraine S; BERGAMASCHI, Heloisa E. *Terra e homens: colônias e colonos no Brasil*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- GROSJEAN, François. *Life with two languages*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

- GUZZO, Natália Brambatti. *A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha (RS)*. Caxias do Sul: UCS, 2010 (Dissertação de Mestrado).
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Hércules Galló: vida e obra de um empreendedor*. Porto Alegre: EST, 2003.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. New York: Oxford University Press, 1998.
- LABOV, Willian. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- LAVANDOSKI, Edineia. *Modalizadores epistêmicos e deônticos em campanhas publicitárias e em postagens no Twitter*. Maringá: UEL, 2012 (Dissertação de Mestrado).
- LEI Nº 13.178, de 10 de junho de 2009. Disponível em:
<<http://www.al.rs.gov.br/Legis/Arquivos/13.178.pdf>>. Acesso em 06 nov. 2012.
- LEI Nº 14.951, de 11 de novembro de 2009. Disponível em:
<<http://server03.pge.sc.gov.br/LegislacaoEstadual/2009/014951-011-0-2009-001.htm>>. Acesso em 06 nov. 2012.
- LEI Nº 2615, de 13 de novembro de 2009. Disponível em:
<http://www.serafinacorrea.rs.gov.br/site/publicacoes/documento_detalhe.php?gCdCategoria=5&gAno=2009>. Acesso em 06 nov. 2012.
- LEPSCHY, Laura; LEPSCHY, Giulio. *La lingua italiana: storia, varietà dell'uso, grammatica*. Milano: 1993.
- LOPORCARO, Michele. *Profilo linguistico dei dialetti italiani*. Bari: GLE Editori Laterza, 2009.
- LUZZATTO, Darcy Loss. *Talian (vêneto brasileiro): noções de gramática, história e cultura*. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1994.
- LUZZATTO, Darcy Loss. *El nostro parlar: e outras crônicas*. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1993.
- MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IEL, 1975.
- MARCATO, Carla. *Dialetto, dialetti e italiano*. Bologna: il Mulino, 2007.
- MARCATO, Gianna; URSINI, Flavia. *Dialetti veneti: grammatica e storia*. Padova: Unipress, 1998.
- MARCON, Daniele. Neologia na oralidade do vênето sul-rio-grandense. In: I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, 2011, Caxias do Sul. *Anais do I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais*, 2011. v. 1.
- MARTELOTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XXI. In: CUNHA, M. A. F; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M. E (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança lingüística. 2003. In: CUNHA, Maria Angélica Furatado da et al. (org.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A.
- MATOS, Denilson Pereira. Uma abordagem funcional para o estudo da oralidade. In:

- SIMÕES, Darcília (org.). *Língua portuguesa e ensino: reflexões e propostas sobre a prática pedagógica*. São Paulo: Factash Editora, 2012.
- MAURI, C. *Palatalização das oclusivas alveolares e práticas sociais em Capelas de Forqueta. Caxias do Sul (RS)*. Caxias do Sul: UCS, 2008 (Dissertação de Mestrado).
- MENEZES, Rosimeire Corrêa de. *Verbos de trajetória: uma análise sintático-semântica*. Belo Horizonte: UFMG, 2005 (Dissertação de Mestrado).
- MENGARDA, E. J. Gênese e Evolução dos Dialeto Trentino e Vêneto. *Working Papers em Lingüística*, UFSC, v. 1, n.5, p. 42-56, 2001.
- MEO ZILIO, Giovanni. *Ricerche di dialettologia veneto-latino americana*. Roma: Bulzoni Editore, 1995.
- MEY, Jacob L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Linguagem e identidade: elementos para discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- MOCELLIN, Maria Clara. Itália: o elo rompido agora reatado. *Chronos*, Caxias do Sul: v.29, n.1, p.82-87, Ano1996, jan. 1996.
- MONTYSUMA, Marcos. Gênero e meio ambiente: uma (in)visibilidade das mulheres na construção da floresta na Amazônia. In: PARENTE, Temis G.; MAGALHÃES, Hilda G. D. *Linguagens plurais: cultura e meio ambiente*. Bauru, SP: Edusc, 2008.
- NETTLE, Daniel; ROMAINE, Suzanna. *Voci del silenzio: sulle tracce delle lingue in via di estinzione*. Roma: Carroci, 2002.
- NEVES, Maria Helena de Moura. A modalidade. In: KOCH, Ingedore V. *Gramática do português falado*. 2.ed. v. VI. Campinas: Editora na Unicamp, 2002.
- OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 3. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- OLSEN, Mauro Jacob. *Concordância nominal no sintagma nominal sujeito e sintagma nominal objeto: hierarquização e análise sociolinguística*. Caxias do Sul: UCS, 2005 (Dissertação de Mestrado).
- PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PASQUARELLI Jr., Vital; ROSSINI, Rosa Ester; CALIÓ, Sônia Alves. Gênero e meio ambiente: mulher, justiça ambiental e desenvolvimento sustentável. In: PARENTE, Temis G.; MAGALHÃES, Hilda G. D. *Linguagens plurais: cultura e meio ambiente*. Bauru, SP: Edusc, 2008.
- PAVIANI, Neires Maria Soldateli. O pronome ético: uma característica dialetal. *Chronos*, v. 29, n. 1, p. 88-91, 1996.
- PAVIANI, Neires Maria Soldateli. *O pronome ético: uma característica dialetal*. Caxias do Sul: Educs, 2004.
- PESAVENTO, Sandra J. O imigrante na política rio-grandense. In: LANDO, Aldair et al. (Org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- PICOL, G. D. Novo perfil linguístico dos falantes bilíngues da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul: mudança dialetal e mescla linguística. *Sociodialetto* (Online), v. 3, p. 281-297, 2013.

- PINTO, Edith Pimentel. *O português popular escrito*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- POZENATO, José Clemente. *A cocanha*. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2011.
- POZENATO, José Clemente; RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio; SANTOS, Valdir José Oliveira dos. *Canti rústeghi*. Caxias do Sul, RS: ECIRS, 1993.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (org.). *Linguagem e identidade: elementos para discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- RENZI, Lorenzo; ANDREOSE, Alvise. *Manuale di linguistica e filologia romanza*. Bologna: il Mulino, 2009.
- RODRIGUES, Jimmy. *Anotações da história de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1998.
- ROHLFS, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: morfologia*. Torino: Giulio Einaudi, 1968
- ROHLFS, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: sintassi e formazione delle parole*. Torino: Giulio Einaudi, 1969.
- ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2.ed. Malden, MA: Blackwell, 2006.
- SABBATINI, Mário. *La regione di colonizzazione italiana in Rio Grande do Sul: gli insediamenti nelle aree rural (estrato)*. Firenze: Cultura Cooperativa, 1975.
- SÄGE, Morgana Larissa. *Modelos cognitivos na categorização de "violência": estruturas e processos no discurso de sujeitos urbanos, rurais e "rurbanos"*. Caxias do Sul: UCS, 2010 (Dissertação de Mestrado).
- SIGUAN, Miquel S. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.
- SILVA, José Pereira da. *Neologia e neologismos no Brasil – Século XXI*. Curitiba: Prismas, 2011.
- SILVA, M. C. F.; MIOTO, C. Sobre a seleção de auxiliares e a distribuição do pronome ne em italiano. *Fragmentos* (Florianópolis), Florianópolis, v. 1, n.1, p. 77-94, 2001.
- SOUSA, Alexandre Melo de; CHAVES, L. M. N. Metodologia da pesquisa dialetológica. *Revista Philologus*, v. 46, p. 83-92, 2010.
- STAWINSKI, Alberto V. *Dicionário do dialeto vêneto sul-rio-grandense - português*. Porto Alegre: EST S. Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: EducS, 1987.
- TABOURET-KELLER, Andrée. Plurilinguismo e interferências. In: MARTINET, André. *Conceitos fundamentais da linguística*. Portugal: Editorial Presença; Brasil: Martins Fontes, 1976.
- THORNBORROW, Joanna. Language and identity. In: THOMAS, Linda et alii. (orgs.). *Language, society and power: an introduction*. 2.ed. London: Routledge, 2004.
- TOMIELLO, Marciana. *A variação do ditongo nasal –ão como prática social no português de São Marcos/RS*. Caxias do Sul: UCS, 2005 (Dissertação de Mestrado).
- TONIAL, Honório. *Dicionário Português-Talian*. Porto Alegre: Edições EST, 1997.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Trad. de Rodolfo Ilari. 2.ed. São Paulo: Contexto: 2008.
- TRIFONE, Pietro; PALERMO, Massimo. *Grammatica Italiana di Base*. 2.ed. Firenze: Zanichelli Editore, 2007.

URBANO, Hudinilson. *A frase na boca do povo*. São Paulo: Contexto, 2011.

VARGAS, Herom. *Hibridismos musicais de Chico Science & Nação Zumbi*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

WEINREICH, Uriel. *Lingue in contato*. Torino: Boringhieri, 1974.

WOLFSON, Nessa. Speech events and natural speech: some implications for sociolinguistics methodology. *Language in Society*, 5: 189-209, 1976.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZAMBONI, Alberto. Veneto. In: CORTELAZZO, Manlio. *Profilo dei dialetti italiani*. Pisa: Pacini, 1974.

ANEXOS

Anexo A – Histórico pessoal e linguístico do informante

Nome completo	
Código	
Sexo	
Idade	
Estado civil	
Escolaridade	
Local de nascimento	
Endereço atual	
Já permaneceu algum tempo fora da comunidade? Em que lugar?	
Naturalidade do pai	
Naturalidade da mãe	
Naturalidade do cônjuge	
Naturalidade dos avós maternos	
Naturalidade dos avós paternos	
Profissão principal	
Onde exerce	
Outras profissões que já exerceu	
Sistemas linguísticos utilizados na comunicação	
Línguas faladas pelo cônjuge	
Línguas faladas pelo pai	
Línguas faladas pela mãe	
Línguas faladas pelos avós maternos	
Línguas faladas pelos avós paternos	
De que região da Itália vieram seus antepassados?	
Local do registro da entrevista	
Data de aplicação	
Data da transcrição	

Anexo B – Tradução frasal

Código do informante	
-----------------------------	--

PARTE I – TRADUÇÃO FRASAL

Solicitar tradução de frases para o dialeto vênето sul-rio-grandense.

1) Eu fui a Caxias vender queijo.

.....

2) Nós fizemos o pão ontem.

.....

3) A avó levou os netos para casa.

.....

4) Tu foi/foste para a Festa da Uva?

.....

5) Eles correram para pegar o ônibus.

.....

6) Vocês caminharam ontem?

.....

7) Ela foi à missa com sua mãe.

.....

8) Meus avós vieram da Itália.

.....

9) Hoje eu comprei um carro.

.....

10) Minha mulher trouxe o pão do mercado.

.....

11) Meu filho estuda na universidade.

.....

12) A neta dele voltou de São Paulo.

.....

13) Nós vimos a construção.

.....

14) Eu me lembrei.

.....

15) Um homem veio colocar a internet.

.....

16) Meus avós já faleceram (morreram).

.....

17) Eu tive coragem.

.....

18) Eu li um livro.

.....

19) Eu já caminhei até Caravaggio.

.....

20) Eles fizeram a festa de casamento sábado.

.....

Anexo C – Questionário semiestruturado**PARTE II – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO**

- 1) Conte como era a escola no tempo em que você estudava. Essa escola é muito diferente da escola de hoje (alunos, professores, materiais utilizados)? Por quê? Em que língua a professora ensinava? E os alunos respondiam em que língua?

- 2) Que diferenças o(a) senhor(a) percebe no dialeto falado, uma vez, pelos seus pais ou avós do dialeto falado hoje? Por exemplo, antigamente falavam outras palavras, outras expressões? Se o dialeto mudou, por que motivos o(a) senhor(a) acha que isso aconteceu?

- 3) Provavelmente, seus avós iam à missa/à comunidade a cavalo ou a pé. No final de semana passado, como o(a) senhor(a) foi à missa/à comunidade? Muita coisa mudou nos meios de transporte?

Anexo D – Parecer consubstanciado do CEP

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE
CAXIAS DO SUL - FUCS/RS



PROJETO DE PESQUISA

Título: Morfossintaxe do Vêneto Sul-Rio-Grandense

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 03804712.4.0000.5321

Pesquisador: Carmen Maria Faggion

Instituição: Universidade de Caxias do Sul-RS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 96.468

Data da Relatoria: 21/08/2012

Apresentação do Projeto:

Este projeto tem em vista descrever e analisar as construções morfossintáticas vigentes no dialeto vêneto sul-rio-grandense, ou seja, suas construções frasais, sua estrutura vocabular, suas flexões, processos de formação de palavras e outras características que seja necessário elucidar. Em suma, a contribuição científica do projeto será a descrição, amparada em pesquisa e orientada por método, de aspectos morfossintáticos de uma forma de linguagem cujo número de falantes parece estar diminuindo consideravelmente. Sua descrição servirá para explicar construções frasais que já se fazem presentes no português da região, com suas formas típicas. Portanto, é um estudo de aspectos morfossintáticos do vêneto sul-rio-grandense, inicialmente em suas fontes escritas, abrindo caminho para futuros bancos de dados e análises da oralidade. Prevê-se comparação com estruturas morfossintáticas do italiano padrão e do vêneto italiano, e também comparação com estruturas morfossintáticas da língua portuguesa. Parte-se das seguintes hipóteses: 1) O vêneto sul-rio-grandense apresenta morfossintaxe própria, diferente da do italiano padrão, mas muito semelhante à do vêneto italiano. 2) Influências dos outros dialetos da Região de Colonização Italiana são perceptíveis, mas dificilmente no campo da morfossintaxe. 3) Traços muito específicos, tais como concordância do participio verbal com o objeto direto preposto, persistem em registros dialetais. 4) Estruturas do vêneto sul-rio-grandense que não apresentam simetria com estruturas do português têm mais ocorrência em situações de code-switching, tais como a partícula multiuso ghe (v. Faggion, 2006), partitivos e indeterminantes de uso restrito.

Após a análise de material escrito, serão realizadas entrevistas com oito sujeitos:

Especificamente, a pesquisa solicitará traduções de períodos simples e compostos (do português para o vêneto) e questões que elicitam verbos no pretérito, tais como relatos do tempo de escola. A estudante Greyce entrevistará oito falantes, quatro mulheres e quatro homens, todos com mais de quarenta anos de idade, moradores da zona rural de Caxias do Sul, que sejam bilíngues de português - vêneto sul-rio-grandense. Solicitará tradução, para o vêneto, de vinte frases curtas, ditas em português, com verbos no pretérito perfeito. A seguir, fará duas questões que envolvam memória do tempo de escola, para obter respostas com verbos no pretérito. Uma terceira questão solicitará se o respondente observa mudanças no vêneto falado em sua infância e no de hoje.

A justificativa está presente:

A pesquisa justifica-se também pela rapidez com que, nas zonas urbanas da Serra Gaúcha, o italiano cede espaço à língua portuguesa. A observação direta nos permite assinalar que o dialeto italiano parece cada vez mais restrito às zonas rurais remotas e às gerações mais antigas. Suscitar interesse por seu estudo poderá ser uma forma de valorizá-lo e revitalizá-lo. Para completar, estudos morfossintáticos sempre desenvolvem muito, no estudante, a compreensão das estruturas das línguas; e o domínio dos mecanismos mais amplos da gramática, os que permitem um desenvolvimento linguístico fundado no conhecimento efetivo daquilo que constitui o cerne de uma língua. Em suma, a contribuição científica do presente projeto será a descrição, amparada em

Endereço: Rua Francisco Getulio Vargas, 1130

Bairro: Petrópolis

CEP: 95.070-560

UF: RS

Município: CAXIAS DO SUL

Telefone: (543)218-2100

Fax: (543)218-2100

E-mail: cep-ucs@ucs.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE
CAXIAS DO SUL - FUCS/RS



pesquisa e orientada por método, de aspectos morfossintáticos de uma forma de linguagem cujo número de falantes parece estar diminuindo consideravelmente. Sua descrição servirá, no mínimo, para explicar construções frasais que já se fazem presentes no português da região, com suas formas típicas.

A metodologia prevê:

As traduções de frases serão analisadas conforme o auxiliar verbal empregado no tempo pretérito perfeito (ex.: mi gò fato, mi son' 'ndato). Nos relatos, os verbos serão separados por emprego de tempo. A análise qualitativa será feita segundo critérios da Gramática Funcional, analisando-se funções sintáticas e semânticas, e a presença de tópicos.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Descrever e analisar, à luz do modelo funcional, estruturas morfossintáticas do vêneto sul-rio-grandense, comparando a seguir essas estruturas às do vêneto italiano e às da língua portuguesa.

Específicos

- 1) Descrever e analisar a oração básica e a complexa (período simples e composto), a partir da valência verbal e da intenção comunicativa.
- 2) Descrever as estruturais flexionais.
- 3) Descrever processos de formação de palavras, verificando interinfluências presentes (ou não) no uso de afixos e radicais.
- 4) Definir outros aspectos morfossintáticos, a partir dos dados do corpus, que possam contribuir para um estudo mais abrangente do vêneto sul-rio-grandense.
- 5) Verificar uso dos verbos no pretérito perfeito, tendo em vista o uso do verbo auxiliar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Há menção de que não há riscos previstos. Benefício: explicar construções frasais que já se fazem presentes no português da região, com suas formas típicas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está incompleto.

O CEP analisou o projeto e fez as considerações. No entanto, o colegiado solicita que a pesquisadora analise a norma da CONEP constante no endereço http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/documentos/08_set_perguntas_respostas.pdf para decidir se o projeto está contido no âmbito da CONEP.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE não está de acordo com o item IV da Resolução MS 196/96.

O orçamento financeiro está incompleto. O Cronograma está incompleto e desatualizado.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Observar as exigências da Resolução 196/96:

- Responder se o projeto se enquadra no âmbito da CONEP. Consultar o texto no endereço http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/documentos/08_set_perguntas_respostas.pdf que delimita os projetos de pesquisa do âmbito da CONEP.

Se as pesquisadoras entenderem que o projeto se enquadra no conceito elas devem adequar o projeto às seguintes pendências:

- Alterar o termo ESCOLHIDO para CONVIDADO, na introdução do TCLE.
- Incluir o tempo previsto para a entrevista e o número aproximado de questões.
- Mencionar os possíveis desconfortos ou a sua ausência.
- Mencionar a disponibilidade de esclarecimentos durante a pesquisa.

Endereço: Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130

Bairro: Petrópolis

CEP: 95.070-560

UF: RS

Município: CAXIAS DO SUL

Telefone: (543)218-2100

Fax: (543)218-2100

E-mail: cep-ucs@ucs.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE
CAXIAS DO SUL - FUCS/RS



- Constar o orçamento financeiro detalhado.
- Adequar e atualizar o cronograma.

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Aguarda-se respostas às pendências ou retirada do projeto se a pesquisadora entender que ele não se enquadra no âmbito da CONEP.

CAXIAS DO SUL, 13 de Setembro de 2012

Assinado por:
Wilson Paloschi Spiandorello

Endereço: Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130
Bairro: Petrópolis **CEP:** 95.070-560
UF: RS **Município:** CAXIAS DO SUL
Telefone: (543)218-2100 **Fax:** (543)218-2100 **E-mail:** cep-ucs@ucs.br

Anexo E – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

RESOLUÇÃO 196/96

O/a Sr.(a) _____ foi convidado para participar do projeto de pesquisa “A morfossintaxe na oralidade do vêneto sul-rio-grandense”, de responsabilidade da pesquisadora docente **Dr^a. Carmen Maria Faggion**, através de seu projeto Vox 3, e de autoria da aluna **Greyce Dal Picol**, ambas relacionadas ao Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, da Universidade de Caxias do Sul. O **objetivo** desse projeto é observar as características do dialeto vêneto sul-rio-grandense, o *Talian*, na fala das pessoas que ainda conservam esse dialeto, para que se possam analisar suas transformações ao longo da história da imigração italiana na Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (RCI). Essa pesquisa buscará registrar a fala dos poucos indivíduos que ainda conservam essa variedade linguística em uso. Dessa forma, compreendendo a importância cultural, histórica e linguística do dialeto que esses falantes mantêm, é muito importante registrar essa fala através de **gravações**. Para isso, será aplicado, primeiramente, um **questionário** solicitando traduções do português para o vêneto sul-rio-grandense. Depois, serão feitas algumas questões para que o entrevistado responda usando o dialeto.

As respostas e os dados obtidos neste estudo serão tratados de **forma anônima e confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome. Quando for necessário exemplificar determinada situação, os nomes serão substituídos por siglas, assegurando a sua privacidade. Os dados coletados utilizados nessa pesquisa serão divulgados em eventos e/ou revistas científicas, além, é claro, da dissertação final da mestranda Greyce Dal Picol. Posteriormente essas gravações constituirão uma base de dados orais do dialeto vêneto sul-rio-grandense abertos à pesquisa para toda a comunidade interessada.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionados a sua participação no desenvolvimento deste trabalho. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico, histórico e cultural sobre o dialeto italiano que emprega.

O/a Sr(a) receberá uma cópia deste termo, onde constam o celular e e-mail do pesquisador responsável e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Nome da pesquisadora docente responsável: Prof^a. Dr^a. Carmen Maria Faggion

Celular: (54) 9151.4687

E-mail: carmenfaggion@gmail.com

Nome da pesquisadora discente responsável: Greyce Dal Picol

Celular: (54) 9927.1800

E-mail: greycedalpicol@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo com a participação no estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Professor Responsável pelo Projeto

Assinatura do Aluno Pesquisador Responsável

Caxias do Sul, ____ de _____ de 2013.